



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

**AFETIVIDADE NA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA:
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NAS TURMAS DE 6º
AO 9º ANO NA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL EURICO
GASPAR DUTRA - JABOATÃO DOS GUARARAPES -
PERNAMBUCO- BRASIL**

Vanessa de Almeida Freire

Asunción, Paraguay

2017

Vanessa de Almeida Freire

**AFETIVIDADE NA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA:
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NAS TURMAS DE 6º
AO 9º ANO NA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL EURICO
GASPAR DUTRA - JABOATÃO DOS GUARARAPES -
PERNAMBUCO- BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Maestría en Ciencias de la Educación de la Universidad Autónoma de Asunción – Py, como requisito parcial para obtenção do grau de Master en Ciencias de la Educación.

Tutor: Dr. Luís Ortiz Jiménez

Asunción, Paraguay

2017

Freire, Vanessa de Almeida

Afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano na Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra - Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco- Brasil

Orientador: Dr. Luís Ortiz Jiménez

Asunción (Paraguay): Universidad Autónoma de Asunción, 2018.

Dissertação acadêmica de Mestrado em Ciências da Educação = 137pp.

Palavras Chave: 1 – Afetividade 2 – Docente 3 – Aprendizagem 4 – Prática docente

Vanessa de Almeida Freire

**AFETIVIDADE NA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA:
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NAS TURMAS DE 6º AO
9º ANO NA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL EURICO GASPAR
DUTRA - JABOATÃO DOS GUARARAPES - PERNAMBUCO- BRASIL**

Esta Dissertação foi avaliada e aprovada em ___/___/___ para obtenção do título de
Master en Ciencias de la Educación pela Universidad Autónoma de Asunción – UAA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
primeiramente a **DEUS**,
essencial em minha vida.

Ao meu filho, **Gabriel
Freire**, que me apoiou
incondicionalmente ao
longo dessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Infinitos são os agradecimentos a DEUS, pelo dom da existência e em poder nesse momento, diante de tantas dificuldades, concluir o meu curso que tanto sonhei.

Em especial, ao meu orientador, Dr. Luís Ortiz Jiménez, pelo apoio, paciência e sua contribuição na conclusão desse trabalho.

A todos os professores do curso de mestrado, que contribuíram diretamente para a conclusão desse curso.

A minha mãe, Veleida Freire, que sempre acreditou no meu potencial e me deu forças para continuar com a realização do meu sonho.

Ao meu pai, Genival Geraldo, “in memoriam”, certamente se aqui estivesse estaria comemorando comigo esse sonho.

Ao meu irmão Grayson Freire, pelo apoio em todos os sentidos.

A minha cunhada, Andréa Freire, pelo carinho e pelo entusiasmo a mim proporcionado.

As minhas lindas sobrinhas, Andry Mayara, Veleida Gabriela e Anny Gleis.

Ao pai do meu filho, Fernando, pelo total apoio e colaboração.

A todos os professores participantes dessa pesquisa, ao Gestor da Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra, Professor Alberlins, e também ao coordenador Professor Francisco, peças fundamentais nesse processo de investigação.

Aos meus colegas do curso, em especial a minha amiga Edileuza e Suely, que durante o curso pudemos compartilhar nossas histórias e aprendizados.

A Universidade Autônoma de Assunção pelo acolhimento e nos proporcionar tantos aprendizados durante o curso.

SUMÁRIO

Lista de tabelas	ix
Lista de siglas	x
Lista de figuras	xi
Lista de quadros.....	xii
Resumo	xiii
Resumem	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
MARCO TEÓRICO.....	6
1. DOCÊNCIA: INTERAÇÃO E FORMAÇÃO DE VÍNCULOS – CAMINHO LADO A LADO COM A APRENDIZAGEM.....	6
1.1. Um olhar sobre a afetividade	6
1.2. Abordagem Walloniana sobre afetividade	8
1.3. A afetividade e o profissional da educação.....	10
1.4. A relação entre afetividade e aprendizagem	15
1.5. O papel docente na construção de uma relação humanizada	18
2. AS MANIFESTAÇÕES AFETIVAS VIVENCIADAS NA SALA DE AULA.....	22
2.1. A real importância entre a relação professor/aluno.....	22
2.2. O diálogo como forma de chegar ao cognitivo	25
2.3. Educação e solidariedade caminhando lado a lado.....	29
2.4. A educação plantada em valores.....	32
3. ASPECTOS RELEVANTES NO USO DOS RECURSOS AFETIVOS NAS RELAÇÕES ESCOLARES	35
3.1. O lúdico como metodologia de ensino no fortalecimento das relações escolares e aprendizagem significativa.....	35

3.2. Tecnologia x Interacionismo	39
3.3. Ferramentas tecnológicas: contribuintes nas relações interativas e de aprendizagem	42
3.4. Ferramentas tecnológicas: contribuintes de interação e aprendizagem	43
4. SALA DE AULA – ESPAÇO CONVIVAL DE APRENDIZAGEM	45
4.1. Os problemas afetivos e de condutas que dificultam a relação entre professor e aluno.....	45
4.2. Fatores contribuintes no fortalecimento dos vínculos afetivos	48
4.3. A formação docente a partir de uma abordagem crítica, reflexiva e humana.....	52
MARCO METODOLÓGICO	58
5. METODOLOGIA.....	58
5.1. Problema da Pesquisa.....	58
5.2. Objetivos geral e específico	61
5.2.1. Objetivo geral.....	61
5.2.2. Objetivos específicos.....	61
5.3. Decisões Metodológicas: Enfoque e Desenho	61
5.4. Contexto da pesquisa.....	65
5.5. População Participante da Pesquisa	69
5.6. Técnicas e Instrumentos: Construção e Validação.....	69
5.7. Validação dos Instrumentos	72
5.8. Procedimento da Pesquisa.....	73
5.9. Questões Éticas	74
DADOS E CONCLUSÕES	76
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	76
6.1. Sobre a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem.....	77

6.2. Sobre os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo... 85	85
6.3. Sobre os recursos afetivos que se utilizam nas interações em aula..... 92	92
6.4. Sobre os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante ... 96	96
6.5. Sobre as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa..... 102	102
CONCLUSÕES	103
SUGESTÕES	107
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	112
ANEXOS	119

LISTA DE TABELAS

TABELA N° 01 – Teoria da evolução da afetividade	9
TABELA N° 02 – Definição dos conceitos diálogo e educação	27
TABELA N° 03 – Participantes da Pesquisa.....	67

LISTA DE SIGLAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº 01 – As contribuições das práticas docentes	36
FIGURA Nº 02 – Estudantes no jogo de tabuleiro.....	37
FIGURA Nº 03 – Fatores que implicam nos problemas emocionais e sociais	43
FIGURA Nº 04 - Uso do Tempo na sala de aula brasileira.....	48
FIGURA Nº 05 – Vista aérea da cidade de Jaboatão dos Guararapes.....	63
FIGURA Nº 06 – Mapa de Pernambuco localização da cidade de Jaboatão dos Guararapes.	64
FIGURA Nº 07 – Fachada da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra	65
FIGURA Nº 08 – Visão interna da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra	66

LISTA DE QUADROS

QUADRO N° 01 – Desenho da Pesquisa	61
--	----

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo principal analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa nas turmas de 6º ao 9º da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra na cidade de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco - Brasil. No que diz respeito a importância das práticas afetivas para enriquecimento das relações entre professor/aluno tivemos como apoio teórico para aprofundamento do nosso estudo: Wallon, Vygotsky, Piaget e Freire e outros estudiosos que fazem referência ao tema dessa pesquisa. O problema que norteou esse estudo fundamentou-se em averiguar se a afetividade em sala de aula é capaz de fortalecer as relações entre professores e alunos e contribuir com a aprendizagem significativa na construção de seres humanos completos. Para assim analisar com precisão e conseqüentemente responder aos objetivos e ao problema investigativo, elencamos o enfoque qualitativo como meio de análise para chegar aos resultados. Com esse enfoque foi possível estudar o fenômeno em seu contexto natural e por exigência da temática dessa pesquisa, adentrar no subjetivo dos participantes. Assim, para completar esse enfoque, optou-se por uma pesquisa de análise tipo descritivo, na intenção de descrever as reais situações referentes a ressignificação das práticas docentes mediadas pela afetividade. O foco principal desse estudo é analisar as interações afetivas docentes, dessa forma, os participantes desse estudo são todos os professores que lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra, visto que, seriam os únicos a dar sua contribuição a respeito do tema. Os resultados propostos pela análise qualitativa descritiva dos dados possibilitaram estabelecer relações entre as práticas afetivas docentes e a aprendizagem significativa dos educandos e apontar resultados concisos acerca da ressignificação das práticas docentes.

Palavras chave – Afetividade. Docente. Aprendizagem. Prática docente.

RESUMEM

El presente estudio tiene como objetivo principal analizar las interacciones mediadas por la afectividad en la práctica docente que encaminan un aprendizaje significativa en las clases de 6° al 9° de la Escuela Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra en la ciudad de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco - Brasil. En cuanto a la importancia de las prácticas afectivas para enriquecimiento de las relaciones entre profesor / alumno tuvimos como apoyo teórico para profundizar nuestro estudio: Wallon, Vygotsky, Piaget y Freire y otros estudiosos que hacen referencia al tema de esa investigación. El problema que orientó este estudio se basó en averiguar si la afectividad en el aula es capaz de fortalecer las relaciones entre profesores y alumnos y contribuir con el aprendizaje significativo en la construcción de seres humanos completos. Para así analizar con precisión y consecuentemente responder a los objetivos y al problema investigativo, elencamos el enfoque cualitativo como medio de análisis para llegar a los resultados. Con ese enfoque fue posible estudiar el fenómeno en su contexto natural y por exigencia de la temática de esa investigación, adentrarse en lo subjetivo de los participantes. Así, para completar ese enfoque, se optó por una investigación de análisis tipo descriptivo, en la intención de describir las reales situaciones referentes a la resignificación de las prácticas docentes mediadas por la afectividad. El foco principal de este estudio es analizar las interacciones afectivas docentes, de esa forma, los participantes de este estudio son todos los profesores que enseñan en las clases de 6° al 9° año de la Escuela Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra, ya que, serían los únicos a dar su contribución al tema. Los resultados propuestos por el análisis cualitativo descriptivo de los datos posibilitaron establecer relaciones entre las prácticas afectivas docentes y el aprendizaje significativa de los educandos y señalar resultados concisos acerca de la resignificación de las prácticas docentes.

Palabras clave - Afectividad. Docente. Aprendizaje. Práctica docente.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar envolve relações humanas cotidianamente e é naturalmente repleto de afetos. Todavia, na relação professor/aluno não é diferente, tendo em vista que o docente necessita atender as dimensões políticas, técnico-metodológicas, além de lidar com as emoções que emergem da afetividade no momento de aprendizagem dos educandos, considerando o domínio afetivo inerente ao ser humano, que se efetiva nas relações familiares, de amizades e também na escola.

Contudo, na escola esses sentimentos ficam mais aflorados, tendo em vista as circunstâncias nas quais o sujeito é exposto durante a aprendizagem. Nesse sentido, são necessários mecanismos que ampliem o campo das interações para que o desenvolvimento integral e a aprendizagem do indivíduo fluam de forma significativa. Na perspectiva de compreender os desdobramentos das mediações que contemplem a afetividade na relação professor e aluno no ambiente de aula foi selecionada como teoria principal a de Henri Wallon que trata de forma central à afetividade dos indivíduos, ademais, as teorias de Vygotsky, Piaget e Freire, para nos dar suporte e nos orientar nesse estudo que tratará da dimensão humana no seu aspecto mais peculiar, a afetividade.

Sendo essas teorias orientadoras na perspectiva de entender o desenvolvimento dos sujeitos que aprendem, teremos o espaço escolar nesse processo como norteador desse estudo. Sobretudo, as teorias apontam para a relevância dessa pesquisa que é o desenvolvimento do sujeito no espaço de aprendizagem, indicando as possíveis necessidades afetivas nas relações humanas estabelecidas. Sobretudo, a contribuição da teoria Walloniana nos dará condições de acompanhar e observar sistematicamente todas as articulações da dimensão afetiva no espaço de aula. Além do mais, Wallon nos orienta acerca da necessidade de refletirmos a luz de outras ciências, visando obter mais clareza e ampliar o universo pesquisado.

As diversas maneiras de aprender, movimentos e afetações serão mais compreendidas através da ótica Walloniana, muitas atitudes antes vistas sem prováveis soluções poderão vir a dar suporte para a prática docente e deverão ser alvos constantes de investigações. Assim, é relevante compreender o sujeito na busca de instrumentos que satisfaçam suas emoções imediatas, através de observações que tenham como base o ato afetivo sem desvincular da cultura, história de vida e orientação familiar do aluno. Identificar a preponderância afetiva no momento de interação com a aprendizagem é ir além da

banalidade de que ele “não aprende” e entender a sua modalidade de aprendizagem. Esse entendimento certamente abrirá um leque de possibilidades para as orientações metodológicas das práticas pedagógicas e as mediações no ambiente de aprendizagem. Na teoria proposta encontramos inferências significativas para o trabalho pedagógico, deixando o educador mais confiante e norteado pela própria pessoa em desenvolvimento, onde o docente terá como referencial os estágios propostos por Wallon, os quais abordam os processos do desenvolvimento da pessoa completa.

Com base nessas informações, surgiram várias inquietações a respeito da teoria Walloniana que embasa essa temática estabelecida pela afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano na Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra - Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco- Brasil, que se transformaram nas seguintes indagações: Um professor afetivo realmente favorece as aprendizagens dos estudantes? Até que ponto um clima afetivo na aula, favorece as motivações dos alunos? Os professores possuem experiência e conhecimento técnico-teórico para utilizar este clima de afetividade em aula? Os alunos serão capazes de entender que esse clima afetivo é positivo e não reflete um ambiente com menos qualidade de ensino? O que fazer para melhorar as relações afetivas entre professores e alunos? O que é afetividade? Qual a contribuição dos métodos afetivos na escola? O caminho para aprendizagem significativa é diante de práticas afetivas?

Para analisar os argumentos expostos como justificativa é importante deixar claro que o objeto de estudo em destaque nesse caso são: as práticas docentes, relacionando as práticas pedagógicas à ressignificação pelas práticas afetivas.

Inserida a relevância social por essa temática que decorre também de nossa experiência profissional e da preocupação com o desenvolvimento completo dos alunos do 6º ao 9º ano utilizamos diversas fontes de informações buscando explorar por diversos ângulos o fenômeno estudado para que possamos responder a pergunta problema dessa pesquisa que é: **A afetividade em sala de aula é capaz de fortalecer as relações entre professores e alunos e contribuir com a aprendizagem significativa na construção de seres humanos completos?**

Para tanto, com intenção de responder aos questionamentos elencados acima, como responder à pergunta problema dessa pesquisa o objetivo geral é: analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa.

E como objetivos específicos temos:

- ✓ Identificar qual a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem;
- ✓ Conhecer os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo;
- ✓ Descrever recursos afetivos que se utilizam nas interações em aula;
- ✓ Identificar na sala de aula quais os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante.

Para responder a todos os objetivos, como também ao problema central desse estudo, optamos por uma pesquisa com enfoque qualitativo, porque esse tipo de pesquisa atende a todos os requisitos dessa investigação, visto que, através desse enfoque foi possível analisar com precisão o fenômeno estudado correspondente as práticas docentes e dar resposta a todos os questionamentos que surgiram ao longo dessa investigação. Bem assim, como complemento, essa pesquisa possui caráter descritivo, pois descrevemos as crenças e opiniões de uma determinada população que são os professores, tendo como foco a ressignificação das práticas afetivas docentes.

Por sua vez, a pesquisa de campo foi realizada em uma escola estadual denominada Marechal Eurico Gaspar Dutra, especificamente com toda a população de professores que lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano do Ensino fundamental II.

Utilizamos como instrumento para obtenção de dados a entrevista em profundidade, como relatado anteriormente, com todos os professores que lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano.

Após aplicação da técnica de entrevista em profundidade, recolhemos todos os dados e partimos para análise dos dados qualitativos, no qual foram dadas respostas aos objetivos específicos, no que foi possível obter resultados satisfatórios através dessa técnica e contribuir com resultados futuros baseados na mesma temática dessa pesquisa. Ressaltando-se que os instrumentos utilizados forma capazes de atender aos objetivos propostos nessa pesquisa.

O Marco teórico dessa pesquisa está dividido em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, referente às teorias que fundamentaram a investigação, abordamos a teoria de Henri Wallon, um dos mais importantes estudiosos no campo da psicanálise, para assim compreender as relações que originam e dão sentido as práticas docentes.

Esse capítulo é de extrema relevância pois a partir de teóricos como Wallon, Piaget e Vygotsky compreendemos e explicamos o real sentido da afetividade nas bases educacionais, como também, a abordagem desses teóricos foi crucial no sentido de desmistificar a ideia que o sujeito aprende sozinho. Tendo em vista a importância das relações humanizadas, abordamos ainda neste capítulo a importância das práticas afetivas na construção de seres humanos completos.

Construímos esse capítulo abordando a teoria de vários estudiosos no campo da afetividade, podendo destacar os mais importantes como: Wallon, Vygotsky, Piaget e Freire.

No segundo capítulo, no que diz respeito ao aporte teórico, enfatizamos as manifestações afetivas presentes no cotidiano de sala de aula, levantamos teorias sobre as principais manifestações afetivas que resgatam a autoestima e contribuem com o processo de aprendizado dos educandos. Concretiza-se esse capítulo no momento em que apontamos a relação professor-aluno indispensável nesse mesmo processo, em que ainda nesse mesmo contexto apontamos para a educação solidaria, plantada em valores como sendo a porta de entrada para a construção de seres humanos íntegros e conscientes.

Para tanto se fez necessário o apoio de teóricos como: Kullo (2002), Muller (2002), Cortella (2016), Capellato (2012), Martins (2005).

Ainda com relação as teorias que deram sustentação ao nosso marco teórico, retratamos a finalidade e a importância das ferramentas lúdicas no processo de desenvolvimento da aprendizagem. Entrelaçamos vários aspectos tecnológicos que fortalecem e enriquecem as aulas, além disso, foi possível, através de vários teóricos importantes para essa temática, apontar algumas ferramentas para uso docente.

Os principais teóricos que contribuíram com essa finalidade foi: Menezes (2015), Ferreira (2017), Mendes e Ferreira (2017), Souza (2016).

A finalização do marco teórico acontece quando abordamos a sala de aula – espaço convival de aprendizagem, apontamos nesse quarto capítulo os problemas afetivos e de condutas que dificultam a relação entre professor e aluno, bem assim, apontamos também

os fatores que enriquecem as relações escolares. Pois assim como os problemas que impedem essas relações se tornou importante apontar também itens que facilitam as relações entre os participantes ativos em sala de aula.

Esse capítulo, se tornou relevante para essa pesquisa porque pudemos através dele apresentar a formação docente a partir de uma abordagem crítica, reflexiva e humana.

Temos como principais teóricos: Coll, Marchesi, palácios & Cols (2016), Comim (2010), Paul Tough (2013), Furoni (2015).

MARCO TEÓRICO

1. DOCÊNCIA: INTERAÇÃO E FORMAÇÃO DE VÍNCULOS – CAMINHO LADO A LADO COM A APRENDIZAGEM

Nesse primeiro capítulo será abordado de início um breve relato sobre os princípios da afetividade e sua relação com a prática docente. Será apresentado também as questões que envolvem essa temática na visão dos principais autores que apoiam a prática afetiva com transformadora do indivíduo e da sociedade, desmistificando a ideia que o sujeito aprende sozinho.

Ainda nesse capítulo será destacado a importância do bom relacionamento entre professor e aluno com bases em metodologias afetivas em busca da aprendizagem significativa. Assim demonstrar-se-á a efetividade da mediação do docente, como também a estreita relação entre afetividade e aprendizado.

1.1. Um olhar sobre a afetividade

O conceito de afetividade necessita ser estabelecido de forma coerente no que se diz respeito ao processo evolutivo, e para isso grandes estudiosos dão sua contribuição, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam o devido valor à afetividade e uma elevada relevância no processo pedagógico, mas foi o teórico Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão.

De acordo com (Wallon apud Werebe e Nadel-Brulfert, 1986, p. 8), “*jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque o creia redutíveis entre si, mas porque, eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas*”.

Com isso é necessário que o ambiente em que o sujeito esteja inserido seja favorável ao desenvolvimento completo dos mesmos, visto que, além da família a escola necessita proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento dos alunos e jamais se pode separar o biológico do social.

Os vínculos afetivos se tornam mais importantes quando ultrapassam o seio da família, pois é na escola que esses indivíduos irão se deparar com várias emoções e situações que poderão contribuir ou não com o seu desenvolvimento. Assim, a escola como um todo necessita está preparada para tornar eficaz o acolhimento e conseqüentemente o

desenvolvimento desses alunos, pois a relação professor/aluno é indispensável para o processo de aprendizagem.

Freire (1996), ratifica o que foi explanado quando diz que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (p.41).

Assim, afortunadamente, Freire aborda o quanto é importante um ambiente favorável às relações interpessoais entre todos os elementos que estão presentes na escola, colocando o meio social e as emoções fatores transformadores dos seres humanos.

Portanto, pode-se aqui dizer que a afetividade pode ser modificada de acordo com as situações vivenciadas ao longo da vida. De acordo com Piaget, tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

Diante do exposto por Jean Piaget, a presença ou falta do afeto na vida de um sujeito definirá como será seu desenvolvimento, bem como, é um fator determinante na autoestima, pois uma criança que cresce em meios estímulos de motivação, afeto e carinho desenvolve-se com mais determinação e segurança.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mais precisamente, ao contrário porque se dirigem, à medida a que ela desperta, automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio, a reação de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico (Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 71).

O interesse aqui proposto não é conceituar afetividade, mais demonstrar a partir da teoria de vários estudiosos os benefícios da afetividade, pois sabe-se que está diretamente

relacionada a formação do caráter das pessoas por toda a vida, principalmente quando crianças, fase que se encontram em processo de aprendizagem.

Dessa forma segundo Piaget, a afetividade não se envolve apenas a sentimentos e emoções, ela alcança anseios e desejos, interferindo no comportamento. Assim, ela está diretamente ligada a ações de rebeldia, de obediência e também aos sentimentos de amor e medo. A ausência de afeto reflete diretamente em desequilíbrio emocional e carência.

Para Vygotsky, a emoção é a reflexão de estímulos que são recebidos no meio sociocultural em que o indivíduo está inserido. As emoções têm influência direta no comportamento de alguém. Ou seja, um sujeito inserido num meio em que recebe inúmeras demonstrações de bons sentimentos, cresce como um adulto mais afetivo, mas isso também pode ser o contrário; uma pessoa que cresceu num ambiente de pouco afeto, logicamente será um adulto pouco afetivo.

Segundo Wallon (2007), a cognição e a afetividade, surgem das funções orgânicas e vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social. Em à evolução psicológica da criança, ele aponta a aquisição da linguagem como um fator primordial para o desenvolvimento da cognição.

Após conceituação dos três maiores estudiosos sobre o tema afetividade é possível adentrar no universo educacional com mais precisão e apontar os benefícios que a prática afetiva trás para enriquecer o cotidiano das relações professor/aluno.

1.2 . Abordagem Walloniana sobre afetividade

O médico e psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962) teórico que se dedicou ao estudo da dimensão afetiva dos sujeitos e a possibilidade de conhecer o indivíduo em sua totalidade faz com que seja abordada a teoria Walloniana como base teórica para tal. Um dos mais importantes estudiosos no campo da psicanálise permite compreender as relações que originam essa totalidade mostrando uma visão integrada da pessoa e do aluno.

Enxergar o aluno dessa forma, coloca a aprendizagem em outro patamar, designando outro significado ao que parecia muitas vezes impossível aos olhos docentes. Assim, Wallon expõe a relevância do desenvolvimento em três fatores que agem integralmente e indissociavelmente que são: o cognitivo, o afetivo e o motor.

Outra razão em apontar a teoria de Wallon para o aprofundamento teórico sobre a afetividade é o profundo interesse que ele obtinha pela educação, quando remete a psicologia a ciência que pode enriquecer a compreensão dos conhecimentos biológicos e sociais, fatores

indissociáveis para o desenvolvimento. Sua teoria sobre a afetividade é enfática quando diz que:

A afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano deve ser afetado pelo mundo externo e interno por meios de sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole (Almeida & Mahoney, 2007, p. 17).

Esses três momentos marcantes que designam a evolução da afetividade podem ser representados de forma mais abrangente em seus conceitos integrativos de acordo com o quadro abaixo:

TABELA Nº 01 - Teoria da evolução da afetividade

<i>Emoção</i>	<i>Sentimento</i>	<i>Paixão</i>
É a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora.	É a expressão representacional da afetividade.	Revela o autocontrole como condição para dominar uma situação.

Fonte: Almeida e Mahoney, 2007, p. 17.

Diante do pressuposto estabelecido pela teoria de Wallon, ele aponta que se torna necessário atenção por parte do professor ao comportamento individual, sendo fundamental para compreender e saber lidar com essa pessoa, uma vez que essa abordagem faz parte de sua subjetividade. Dessa forma se não for levado em conta os afetos que acompanham esses indivíduos não serão entendidas as atitudes e condutas que os acompanha.

Os afetos, sejam emoções ou sentimentos, também têm uma função importante na motivação da conduta e para a aprendizagem. Todos nós temos experiência de nos dedicarmos com mais empenho aos assuntos de que gostamos e que nos são agradáveis. Outras vezes, pelos mais variados motivos, tomamos tamanha aversão a certas matérias, as quais se tornam impossíveis de aprender. São situações em que observamos como o afeto pode interferir na nossa capacidade racional de agir (Amaral, 2007, p. 9).

Em sua teoria, Wallon busca explicar a real intenção das emoções como fator psíquico e social, enfatiza também que as emoções têm papel importante na evolução da aprendizagem, bem como criticava a forma tradicional que as emoções eram tratadas.

Mais uma vez é possível explicar o porquê da escolha de Wallon para aclarar as questões da relação do conhecimento e afetividade, são várias, podendo destacar as seguintes:

- Sua concepção psicogenética dialética do desenvolvimento apresenta uma grande contribuição para a compreensão do humano como pessoa integral, ajudando na superação da clássica divisão mente/corpo presente na cultura ocidental e dos seus múltiplos desdobramentos;
- Engloba em um movimento dialético a afetividade, a cognição e os níveis biológicos e socioculturais e também traz contribuições para o processo ensino-aprendizagem;
- Valoriza a relação professor-aluno e a escola como elementos fundamentais no processo de desenvolvimento da pessoa completa;
- Apresenta uma visão política de uma educação mais justa para uma sociedade democrática, expressa no projeto Langevin-Wallon, fruto de três anos de trabalho (1945-1947), que buscava repensar o sistema de ensino francês a partir dos princípios norteadores da Justiça e Dignidade, valorizando ainda a cultura geral e destacando a importância de primeiro ter-se orientação escolar e somente depois a profissional (Ferreira e Régner, 2010, p. 2).

Dessa forma, confirmando o que foi dito anteriormente, a teoria Walloniana traz grandes contribuições para uma melhor compreensão sobre a relação professor/aluno, além de posicionar a escola como lugar para o sujeito desenvolver-se por completo.

1.3 . A afetividade e o profissional da educação

A relação estabelecida entre professor e aluno ultrapassa os limites educacionais, visto que essa relação envolve muito mais do que aprofundamento teórico e prático de disciplinas, ou seja, envolve sentimentos que podem gerar efeitos positivos ou negativos para toda vida. Dessa forma pode-se dizer que a relação entre ambos necessita de uma real interação afim de que as duas partes sejam motivadas e obtenham frutos significativos na construção de seres humanos completos.

O ato de ensinar deve ser considerado um momento de troca de conhecimentos teóricos, práticos e afetivos, onde se concretiza a construção dos seres humanos motivados. Dessa forma é preciso que o docente esteja apto a superar as dificuldades que surgirem ao longo desse processo e assim compreender que esse conhecimento baseado nos conceitos de afetividade favorecem a aprendizagem significativa entre os sujeitos envolvidos.

Assim Werneck (2002), nos acrescenta quando nos diz que:

Educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação. Sobretudo aos que mais necessitam. Transferir problemas é fugir da verdadeira educação, é uma espécie de médico, que transfere o doente de hospital, lava as mãos e não se sente comprometido com o caso quando da morte do paciente, porque aconteceu em outro hospital e em outras mãos (p. 61).

Nesse contexto é possível perceber e analisar que educação é algo que vai muito mais além dos obstáculos encontrados no dia a dia, assim o educador como mediador do conhecimento necessita ter em mente que as coisas mudam e essas mudanças exigem coragem e comprometimento docente para sanar as dificuldades que possam vir a impedir o progresso dos educandos, pois eles não podem e não devem ser abandonados em suas dificuldades.

Assim, como dito anteriormente, tudo passa por modificações e diante do novo é necessário ter coragem e dedicação para enfrentar os desafios presentes através de metodologias efetivas e afetivas de diálogo, compreensão em busca de um futuro que favoreça o despertar de um futuro melhor. Para Freire (1980), *“o diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”* (p.23).

Diante do contexto estabelecido em sala de aula o professor como mediador do conhecimento tem um papel fundamental na construção do conhecimento dos alunos. Assim como a família a escola estabelece princípios que necessitam estar convenientes com as necessidades afetivas de cada sujeito, entretanto somente a escola poderá proporcionar conhecimento e desenvolvimento cognitivo e além disso contribuir em larga escala com a construção da personalidade do indivíduo.

Libâneo (1994), explica que:

O ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...) (p. 56).

No sentido mais amplo estabelecido pelos conceitos de afetividade, educar se torna algo que necessita ser revisto e repensado pelos educadores, visto que, o professor exerce grande influência no processo escolar e necessita compreender através do comportamento dos educandos a origem do desenvolvimento emocional presente em todas as suas manifestações.

O tema afetividade vem sendo bastante abordado a vários anos como forma de fortalecer os vínculos entre professor e aluno e também para favorecer a aprendizagem escolar. Nessa esfera educacional muito se tem levado a cabo que o professor quando estabelece sua metodologia afetiva em sala de aula resgata a autoestima e motivação dos educandos e conseqüentemente o avanço para a aprendizagem significativa.

Souza (1970) ressalta que:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento (...), transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com aluno, levando-a a vencer suas dificuldades (pp. 10-11).

O professor necessita ter dedicação e interesse em conhecer o educando por completo, sua vida como um todo, suas angústias e também suas vivências e subjetividade para então entender o que está por trás do comportamento arreado ou indisciplinado. Todo esse conjunto necessita ser sanado pela afetividade docente, visto que, como dito anteriormente, o afeto transforma os seres humanos.

Saltini (1999) destaca que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola (p.73).

Entre outras palavras, a criança ou adolescente precisam estar em união com o meio que convive, ou seja, Segundo Saltini (1999), *“a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado”* (p.89).

Ante ao que foi estabelecido, percebe-se que uma relação de afeto instituída entre docente e discente é extremamente no processo de ensino aprendizagem. A escola como espaço acolhedor faz parte da construção da personalidade dos sujeitos, assim o professor precisa conhecer cada um de seus alunos por completo, em todas as suas vertentes, tratando-os como seres que contemplam o espaço com todos os seus aspectos.

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação; pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades (Souza, 1970, pp.10-11).

Nesse caso, o docente precisa ter condições psicológicas e pedagógicas de desenvolver suas metodologias afetivas, mesmo diante de vários desafios e obstáculos presentes no dia a dia escolar. Esse docente necessita encontrar meios de sanar suas desmotivações e angústias e isso poderá ser resolvido através de cursos de aperfeiçoamento ou formações contínuas. Pois, mesmo sendo a afetividade uma prática inata necessita ser desenvolvida com práticas pedagógicas eficientes. Pode-se aqui destacar algumas diretrizes que abordam a afetividade em seu teor.

- As diretrizes referentes à formação dos professores (Brasil, 1997), apontam que uma educação de "qualidade" necessita desenvolver, nos aprendizes,

diferentes capacidades "cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal" (p.25).

- E ainda, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil,1997), constituem, também, uma referência ao currículo do ensino fundamental.
- Esse currículo visa o desenvolvimento de capacidades "de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, éticas, estéticas, ... para que o aluno possa dialogar de maneira adequada com a comunidade, aprenda a respeitar e a ser respeitado, a escutar e ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres" (Brasil, 1997, p.46).

Mediante abordagem legal verifica-se que as diretrizes apontam a importância de os profissionais da educação serem capacitados valorizados com seres humanos em meio suas particularidades, respeitando sua realidade ajudando o aluno a crescer como cidadão consciente do seu papel na sociedade, agindo de maneira crítica e construtiva em busca dos seus objetivos.

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage" (Wallon, 1971, p. 262).

Baseados nos conceitos de construção humanitários dos alunos, os professores necessitam rever suas práticas diárias e abandonar os meios autoritários utilizados ainda hoje pela maioria dos docentes. É preciso agir com sensibilidade e procurar entender o que se passa na vida de cada aluno, pois os fatores externos podem estar relacionados com seu comportamento em sala de aula.

De tal modo, Piaget ressaltava que a afetividade age a favor do comportamento indisciplinado quando se refere a fatores externos. Assim, ele diz que:

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação de relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade,

cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (Piaget e Inhelder, 1993, p. 109).

Deste modo é possível denotar grande importância as práticas efetivas de relação humanitárias, buscando através do afeto adentrar na realidade social do ser humano e assim poder atingir o ser humano em sua totalidade

1.4. A relação entre afetividade e aprendizagem

Atualmente é imprescindível que a aprendizagem seja observada e analisada de maneira consistente e realmente significativa. Visto que, no tempo de hoje a aprendizagem não pode estar relacionada apenas a aquisição de conhecimentos específicos, como as disciplinas sistemáticas ensinadas na escola. “*A escola constitui instituição decisiva para a conquista de habilidades sociais, emocionais e profissionais*” (Capellato, 2012, p.15).

A escola deverá adotar uma nova visão quanto ao desenvolvimento dos alunos, pois essa aprendizagem tão almejada condiz com princípios que atualmente estão relacionados com o desenvolvimento completo do alunado. As bases da aprendizagem necessitam estar condizentes com as possibilidades e dificuldades de cada indivíduo. Assim, a escola como formadora de cidadãos deve estar aberta a novas estratégias de construção da aprendizagem.

É tarefa e desafio da escola assumir efetivamente, em parceria com os pais (família em geral), a função de proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos. Para isto, seu trabalho pedagógico e educacional é cuidar da sua formação, fazendo-os cumprir regras, impondo-lhes limites, e acima de tudo acreditando que os jovens têm capacidade de suportar frustrações. A escola realiza tais funções? Sabemos como é difícil e complicada essa tarefa. Os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender (Capellato, 2012, p. 15).

Diante dessa reflexão, cabe a escola refletir sobre sua função mesmo diante das dificuldades e desafios que permeiam o meio educacional. Refletir e modificar suas práticas, pois como citado por Capaletto, afetividade é fundamental na formação do ser humano. Pois como dito anteriormente, não cabe mais a escola o simples dever de transmitir

conhecimentos sistematizados. Os horizontes educacionais se ampliam quando a função é os sujeitos evoluírem como cidadãos. Nesse sentido, dando ênfase ao que foi dito, Capellato (2012), complementa essa abordagem quando diz:

Algumas escolas preocupam-se apenas com a quantidade de informações que transmitem por meio de competição e do uso de modernas tecnologias, de forma meramente burocrática e mercadológica. Afastam-se assim do “ser humano”, tratando os alunos apenas como números de registro. Com isso, apesar de dispor de um grande espaço onde os jovens passam metade do seu dia durante duzentos dias por ano, acabam por perder a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade (p. 18).

É evidente que a família é parte indispensável e complementar para o desenvolvimento desses educandos, imaginar uma escola sem a participação efetiva da família é o mesmo que não haver esperança de bons resultados. Como citado por Capellato é uma parceria que gera bons frutos na construção de uma aprendizagem solidificada entre as duas principais esferas para qualquer ser humano que se encontra em fase de desenvolvimento. “*A escola, quando trabalha em parceria com a família, consegue atingir os objetivos a que se propõe*” (Capellato, 2012, p. 18).

Mediante essa afirmação de que os vínculos familiares são realmente eficazes em busca da aprendizagem, é possível perceber que tanto a escola como a família precisam fortalecer o afeto para com seus filhos. Não pode apenas uma esfera contribuir com esses fatores, um não deve desconstruir o que o outro conseguir realizar.

Tanto no âmbito familiar quanto no escolar, deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável. O ato de cuidar é maravilhoso - é o sentimento que vai tornar o outro importante. O pai e o professor, educadores que são, devem entender que têm uma missão: construir um ser humano. Isso somente acontecerá pela obra do amor, amor esse que cobra, que é duro, que traz sofrimento e preocupação, mas, por outro lado, traz muito prazer e a realização do ato humano mais criador - fazer nascer um ser de verdade (Capellato, 2012, p. 19).

Nesse processo, esses aspectos circulam entre si: escola e família. Uma criança ou um adolescente motivado tende a se tornarem fortes e críticos diante da vida, isto é um ponto especialmente notório quando se trata de se adequar as práticas afetivas de modo geral. Pois

a aprendizagem começa antes mesmo do indivíduo ir para a escola e é no seio familiar que estão centrados os primeiros laços de afeto e carinho. Assim esses vínculos necessitam ser fortes e verdadeiros.

Mesmo reconhecendo a importância dos fatores emocionais e afetivos na aquisição da aprendizagem, muitas vezes os docentes são ríspidos e ignoram qualquer mudança pedagógica que venham a lhe arrancar de sua zona de conforto. Veem no tradicionalismo a maneira que conhecem de transmitir os conhecimentos aos alunos deixando de lado o conhecimento completo dos sujeitos defendido por vários estudiosos. Conforme White (2007), sobre tais comportamentos em nossas escolas:

O professor severo, crítico, despótico, desatencioso para com os sentimentos alheios, deve esperar que o mesmo espírito se manifeste para com ele próprio. Aquele que deseja conservar a própria dignidade e o respeito de si mesmo, precisa ter cuidado em não ferir desnecessariamente o respeito próprio dos demais. Esta regra deve ser observada como sagrada quanto aos mais pesados de inteligência, os mais jovens, os mais obtusos estudantes. O professor deve sempre conduzir-se como um cavalheiro cristão. Deve ter para com seus discípulos a atitude de amigo e conselheiro (p. 30).

Isso destina-se aos docentes de maneira clara e objetiva. Cabe aos mesmos estarem abertos as novas estratégias e abandonar de vez o autoritarismo. Assim, como bem apresentado por White, o docente é espelho para os alunos, segui-lo certamente será o caminho da maioria dos alunos, então o cuidado o outro é de extrema significância em todo o processo de aprendizagem.

Freire (1996, p. 59) ressalta:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredi os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Toda essa reflexão quebra os antigos paradigmas existenciais dentro da escola. Como relatado anteriormente, vários professores ainda insistem em tentar resolver os desafios escolares de maneira equivocada, utilizando a rispidez e autoritarismo como suporte. Não se abrindo a entender que esse tipo de atendimento não condiz com o pratica baseados nos valores éticos e importantes para a vida. De tal modo Freire, (1996) diz: “*sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino*” (p. 85).

Com a abordagem desses pontos crucias é possível perceber a estreita relação existente entre afetividade e aprendizagem, sabendo que é preciso também estreitar as relações entre professor e aluno, no sentido de atender as necessidades afetivas dos alunos.

1.5 . O papel docente na construção de uma relação humanizada

O professor desempenha um importante papel na construção de habilidades que proporcionam a formação de seres humanos completos. Atualmente essa dimensão educativa há tomado grandes proporções, e conseqüentemente o sistema educativo vem englobando práticas que favoreçam a construção de valores no desenvolvimento dos educandos denotando um grande êxito acadêmico.

Podemos dizer que educamos em valores quando os alunos se fazem entender e entendem os demais colegas; aprendem a respeitar e a escutar o outro; aprendem a ser solidários, a ser tolerantes, a trabalhar em equipe, a compartilharem ou socializarem o que sabem, a ganharem e a perderem, a tomarem decisões, enfim. É, assim, o resultado da educação em valores na escola: ajudar os alunos a se desenvolverem como pessoas humanas e faz ser possível, visível ou real, O desenvolvimento harmonioso de todas as qualidades do ser humano (Martins, 2005, parrrf. 19).

Contudo, é educar com afetividade não é fácil. É necessário que o professor seja um guia desse processo e saber que os alunos já carregam consigo problemas externos que dificultam sua interação e socialização com o meio em que vive. Assim a escola não pode ser um problema a mais na vida desses educandos. É importante que a prática docente seja de fato flexível, maleável e que o professor tenha a sabedoria para equilibrar as situações que exijam autoridade e limites. (Kullook, 2002),) ressalta que cabe ao docente ser: “*reflexivo, pesquisador, comprometido[...] que alternam comportamentos entre o formal e informal,*

firmeza e tolerância, autoridade e liberdade; e dizem gostar do que fazem demonstrando isso na sua prática diária” (p. 21).

Assim mesmo, Tardif completa a ideia:

A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão. (Tardif, 2014, pp. 48-49)

Primeiramente, entender as práticas pedagógicas diante da multiplicidade de fatores que estão imbricados na personalidade do indivíduo, e eleger a afetividade entre professor e estudante, como instrumento de transformação na construção do conhecimento, é assegurar que o sujeito possa desenvolver habilidades importantes para o convívio social. Visto que, na interação em sala de aula entre pares, sentimentos de intolerância, violência, apatia, estão intrínsecos na conjuntura escolar atual. *“A ideia de trabalho interativo, ou seja, um trabalho onde o trabalhador se relaciona com o seu objeto de trabalho fundamentalmente através da interação humana”* (Tardif, 2014, p. 35).

Nesse sentido, a história do indivíduo sempre deve ser posta como parâmetro para mediação da aprendizagem, visto que há uma bagagem própria, estruturada a partir do seio familiar, que o acompanha enquanto conteúdo do processo de desenvolvimento integral.

De acordo com Freire: *“Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se [...] sem o reconhecimento do valor das emoções da sensibilidade, da afetividade”*. (Freire, 2005, p. 20). É bem provável que Freire tenha sentido essa lacuna ao fazer observações nas práticas dos professores e ao lidar com os estudantes, de fato o conteúdo válido e também o conteúdo da história do sujeito que aprende. Fica claro que aprofundar-se em diferentes teorias, perceber-se-á suas afinidades quando enfatizam que uma prática que é legítima deve ter como parâmetro todas as considerações que temos acerca de como poderia o indivíduo ser mais bem compreendido nas suas peculiaridades como ser em processo de aprendizagem.

Um educador que se preza, deve ao lidar no seu cotidiano com vários indivíduos, conhecê-los melhor para o aprimoramento da sua prática docente, para que a por dentro das suas especificidades apoiá-lo no processo de observação, mediação e interação, como

parâmetro de sua prática. Complementando o que foi explanado até o momento, (Kullo, 2002) diz que:

Nesta forma de trabalho exige-se muito mais do professor, pois ele deverá sim, ser um detentor do conhecimento do seu trabalho além de saber relacionar-se competentemente. Estas ações deverão transformar o espaço da aula em algo mais prazeroso que o que tem se visto atualmente. Aulas mais viva, mais participativas, planejadas e executadas tendo como preocupação o ato de aprender fará com que o trabalho ocorra de forma conjunta e participativa. Mas é preciso que o aluno sintam-se participe desse processo (p. 20).

Nessa concepção, a sala de aula necessita retratar vida, pois constitui lugar de convivência, lugar que retrata a realidade. É importante que o professor ofereça e favoreça aos alunos uma sala de aula que permita a pesquisa, a interação, estimule os valores e o estudo isso tudo baseados na construção social dos envolvidos no processo.

Ante ao que foi estabelecido, a função do professor não está atualmente atrelada a conceitos remotos, o professor da atualidade é chamado a rever sua prática conjecturando a construção de seres pensantes e atuantes socialmente. Assim, Kullo (2002), em sua obra propõe alguns comportamentos práticos para os professores que desejam construir uma relação afetiva com seus alunos:

- Promover e incentivar a participação dos alunos no processo de aprendizagem;
- Valorizar a experiência e a contribuição;
- Desenvolver uma aprendizagem significativa;
- Definir junto com os alunos, objetivos e metas a atingir;
- Estabelecer recursos adequados, eficientes e avaliáveis;
- Desenvolver uma aula participativa com a colaboração dos alunos (pp. 21-22).

Através de exímia abordagem, é possível absorver novas ações e aperfeiçoar as práticas existentes. Levar em consideração essas ideias, é porventura entender que as práticas pedagógicas necessitam serem reformuladas para restabelecer de maneira eficiente aos métodos que já não funcionam mais.

O papel do docente não se remete apenas em transmitir conhecimentos sistematizados, cabe a ele mediar despertar o que por natureza o aluno já carrega consigo, isso se dará através de práticas que favoreça o brilhante desenvolvimento dos mesmos.

A experiência do professor tem constatado que os métodos positivos estão ligados a afetividade e cognição confirmando o que diz Wallon no decorrer deste capítulo.

2. AS MANIFESTAÇÕES AFETIVAS VIVENCIADAS NA SALA DE AULA

Esse capítulo se refere as manifestações presentes no espaço vivencial: sala de aula, abordando com mais realidade importância da relação professor/aluno, fato esse que vem sendo discutido a muito tempo e que atualmente vem sendo aplicado com grandes mudanças, erradicando de vez o tradicionalismo das práticas docentes. Como também aborda-se as manifestações de sentimentos que devem estar presentes nesse espaço.

Além disso, será abordado ainda nesse capítulo a importância da educação constituída em valores, considerando essa esfera a base para a concretização do desenvolvimento completo do ser humano.

E para dar suporte a essa prática, a Lei de Diretrizes e Bases dá seu suporte com relação a aplicação da afetividade na Educação Básica.

2.1. A real importância entre a relação professor/aluno

A partir do momento em que o professor deixa de lado a intensão de ensinar e se preocupa com o aprender torna-se muito mais relevante para a construção dos conhecimentos do aluno. A partir dessa visão leva-se em conta que o professor busca atender um trabalho mais amplo baseado nos valores, atitudes e nos conhecimentos que realmente são indispensáveis para a vida. *“O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, [...] como em nossa própria satisfação pessoal e profissional”* (Morales, 2006, p.10).

A relação estabelecida diariamente entre professor/aluno é algo que vem sendo muito discutido atualmente diante da abordagem de estudiosos e também em reuniões pedagógicas. Desse modo é fundamental que essas teorias facilitem a aquisição de conhecimentos para os docentes e que sejam aplicados na sala de aula proporcionando uma interação entre ambos para que a aprendizagem não sofra penalizações se isso não ocorrer.

Entender a aprendizagem dessa forma é abrir-se para novos conceitos e práticas de que a escola não oferece mais aprendizagens mecânicas, tradicionais, repetitivas, autoritárias, mas, como algo significativo para a vida.

Esta sala de aula dinâmica e viva, inovadora, real vai exigir uma nova postura do professor que deverá ser o “ensinante” para “está com”, de transmissor

para a atitude de troca, através de uma ação conjunto do grupo, lugar privilegiado para a aprendizagem (Kullook, 2002, p. 21).

A escola atualmente enfrenta grandes problemas como a violência e a indisciplina, além disso, os alunos já não sabem mais porque vão à escola, não entendem o verdadeiro sentido de estudar, esses fatores acabam por tornar ainda mais conflituosa a relação entre professor e aluno, é quando a prática pedagógica recorre a afetividade como forma de resolver esses desafios. Segundo Muller (2002), *“o relacionamento baseado na afetividade é, portanto, um relacionamento produtivo auxiliando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação entre ambos menos conflitante, pois permite que os dois se conheçam* (pp. 216-217).

Ainda de acordo com Muller (2002):

Uma forma de o professor interferir, melhorar e consolidar a relação professor-aluno no sentido de explorar as possibilidades da filosofia, é discutir e compreender os pressupostos e as concepções de filosofia que estão presentes na sua prática, pois, sem isso, vamos continuar apenas a estudar história da filosofia ou alguns temas isolados, sem uma postura filosófica, atendendo apenas a necessidades imediatas e curriculares (p. 277).

Nesse contexto apontado por Muller, o docente além de tudo necessita ser pensante e consciente a fim de reflexionar sua prática e estabelecer novas estratégias de ensino a fim de que toda a teoria sirva de base para novas estratégias, trazendo para os dias atuais novas possibilidades para atenuar os conflitos que impeçam a concretização de uma relação harmoniosa na sala de aula.

Incentivar as crianças e os adolescente não se torna uma tarefa fácil, como dito anteriormente, a escola vive um momento de crise, entretanto, a dedicação e a força de vontade são fatores indispensáveis nesse árduo caminho.

Isso é ratificado por Muller (2002), quando reflete:

O professor como facilitador do aprendizado deverá buscar a motivação de seus alunos. Não é uma tarefa fácil, pois a falta de motivação pode ter origem em problemas particulares do aluno como cansaço, necessidades afetivas não satisfeitas e, até mesmo, a fome. O docente deverá centrar os seus esforços na aprendizagem e, ao trabalhar com ela, tornar o ensinamento significativo para o aluno, fazendo-o sentir que a matéria tem significância para sua vida (p. 279).

Com isso, o cuidado e a atenção se revelam fatores importantes nesse processo, uma vez que, todos têm suas características comportamentais individuais e suas dificuldades de interação, uns são tímidos, outros não são, uns brincam, alguns se resumem a ficar no seu canto, portanto, a sensibilidade docente conta muito nesses momentos, em poder adequar suas práticas interativas aos casos que necessitam seu apoio. *“A afetividade consiste em poder fazer com que o jovem receba de nós o contato físico, verbal, a relação de cuidados”* (Capellato, 2012, p.18).

Assim, é possível relatar através de acontecimentos históricos casos em que os alunos se evadiam da escola por questões relacionadas a falta de acolhimento e afetividade na escola. Já sofriam fora da escola a rispidez e descaso da sociedade e buscavam na escola esse acolhimento e quando eram recebidos com autoritarismo e rigor não se mantinham por muito tempo na escola.

Com respeito a isso, Capellato (2012), acrescenta:

A escola deve se conscientizar de que é uma instituição afetiva que complementa a família. Sem essa consciência, criaremos um bando de sujeitos que aprenderam, mas não sabem usar o que aprenderam porque estão afetivamente empobrecidos. O jovem só vai gostar da escola quando houver afetividade, quando sentir que cuidam dele (p.16).

O mais importante nesse momento é conhecer o verdadeiro sentido e vantagem das boas relações que permeiam o sistema educativo, aqui não se propõe fazer o que de fato é dever da família, jamais o professor substituirá o papel da mãe e do pai, portanto, o que se propõe através do estudo dessa temática é tornar o ambiente favorável ao desenvolvimento dos alunos de maneira prazerosa e eficaz.

Com um pouco mais de clareza, o papel do professor não é beijar, abraçar, pegar no colo. A afetividade que se retrata mediante essa abordagem, é aquela que acolhe, que facilita e constrói o processo de aprendizagem, que enxerga os alunos na sua subjetividade, com suas dificuldades e facilidades, que entende sua realidade, tendo em vista que isso são próprios de casa ser humano. *“Devemos pensar de uma maneira construtivista e repensar o papel do professor, pelo qual ele, na sua relação com os alunos, buscará formas de facilitar o aprendizado e fazer seus alunos se interessarem, buscarem e construir o seu conhecimento”* (Muller, 2002, p. 279).

Assim mesmo, Bueno (2011, parrf.1), contribui:

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de

transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda a tecnologia pedagógica atual.

A relação que se estabelece entre ambos é uma relação também de doação, não basta o professor apenas o dever de ensinar pura e simples assim. Todo esse contexto exige do professor não apenas conhecer o indivíduo em sua realidade, suas dificuldades, para essa dinâmica educativa ele precisa intervir maciçamente a partir do tal contexto observado e não fazer olhar de marcador.

2.2. O diálogo como forma de chegar ao cognitivo

Uma das manifestações mais importantes nas vivências educacionais atualmente e que contribuem para boa relação entre professor e aluno é o diálogo. O diálogo é capaz de (re) estabelecer a empatia e o respeito entre ambos. É uma ferramenta muito importante para o dia a dia escolar, onde todos que usufruem desse elemento de comunicação se sentem mais entusiasmados e motivados para aprender.

Quando se retrata o diálogo como elemento afetivo de comunicação em sala de aula, remete a pensar nas práticas que impediam que isso acontecesse nas salas de aulas tradicionais. Na época em que as práticas tradicionais estavam presentes nas escolas não se permitia a participação oral dos alunos, eram alunos passivos e apenas escutavam e absorviam o que o professor transmitia, não era permitido a troca de opiniões. Como também na época, o professor era o transmissor do conhecimento, ou seja, não havia nenhuma

interação entre as partes envolvidas. O professor ensinava e o aluno tinha a obrigação de aprender. Simples assim.

Porém, a escola tradicional deixou de existir porque as pessoas deixaram de ser as mesmas, e como o protagonista da escola é o aluno, é impossível manter uma escola estática quando a ideia principal da educação atualmente é o dinamismo. Freire (1996), “*estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta (...) o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto falam ou enquanto ouvem*” (p. 95).

Assim mesmo Cortella (2016, parrf.1), completa a ideia:

A gente lida com gerações e gerações mudam todos os dias. O fato de você lidar com educação escolar faz com que haja desatualização cotidiana. Afinal de contas, aqueles que entraram na escola esse ano não estavam no passado e aqueles que estavam no passado já estão em outra postura. Portanto, essa desatualização é inerente a quem lida com o processo.

Dando ênfase ao que foi dito, tudo o que fazia sentido hoje em dia não faz mais, visto que, as pessoas não são as mesmas, e isso exige da escola uma nova visão de mundo, acompanhar sociedade que vive em constante mudança é uma obrigação do sistema educativo. Por isso, cabe a escola selecionar seus objetivos e aplicá-los de forma coerente, não apenas acumular conhecimentos que não irão servir para a vida dos educandos.

Entretanto, após ter a oportunidade de se situar nos desafios educativos atuais é possível designar a importância que se remete as práticas que possibilitam a utilização do diálogo como manifestação afetiva disponível para a aprendizagem. Félix (2011, parrf. 2), expõe que “*é do senso comum que o diálogo quando assertivo e adequado é fundamental e necessário ao desenvolvimento do ser humano em todas as fases da sua vida, sobretudo na infância, onde se encontra a base da educação*”.

No entanto, uma ferramenta tão simples como o diálogo à disposição de todos, totalmente gratuita muitas vezes é colocada em segundo plano. O diálogo não pode de forma alguma ser desconsiderado durante o processo de aprendizagem pois apercebe-se que ele anda ao lado da educação.

Diante desse pressuposto é coerente apontar o conceito de diálogo e educação em um sentido mais amplo do desenvolvimento cognitivo:

TABELA N ° 2 – Definição dos conceitos diálogo e educação

Diálogo: é uma conversação estabelecida entre duas ou mais pessoas, que pretendem transmitir ou partilhar ideias, pensamentos, sentimentos, valores, entre muitos outros aspectos essenciais ao desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo do ser humano.

Educação: engloba os processos de ensinar e aprender. É um fenómeno observado em qualquer sociedade. Enquanto processo de socialização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade.

Fonte: (Félix, 2011, parrf. 5).

Esse enlace é consideravelmente essencial para um processo que requer a troca de ideias e opiniões e claro *feedback* onde o educador receberá do aluno em várias situações. É impossível imaginar uma sala de aula sem a presença das manifestações de interação através da conversa. É através da fala que o aluno irá perguntar, responder, se socializar com os colegas, entre outras diversas situações. Portanto, aquela escola onde se proíbe qualquer manifestação da fala definitivamente não condiz com as práticas afetivas tão almeçadas atualmente.

Portanto uma educação baseada nos conceitos de liberdade deve estar também baseada nas conjecturas do diálogo como abordava grandemente Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Essa mesma obra aborda apoia a libertação dos oprimidos através de um diálogo autêntico. É quando Freire (2005) diz:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que essa pedagogia se fará e se refará (p. 34).

Em vista a reflexão, Freire denota o diálogo a favor da libertação, uma alternativa para abandonar de vez os preconceitos, o tradicionalismo, as teorias defasadas que ainda movem o sistema educativo. Porém, esse pressuposto está à disposição dos seres humanos que

podem através do diálogo modificar e reformular a ideias e construir um novo modelo de pedagógico humanizado. *“A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo pela libertação dos homens”* (Freire, 2005, p. 91).

A intenção dos sujeitos é importante na conquista dialógica estabelecida por Freire, antes mesmo do diálogo é indispensável uma real aproximação entre as duas partes. É ter a consciência que os seres humanos possuem natureza dialógica e que estão todos em busca de um objetivo comum de conquista da libertação.

Reforçando, o diálogo não funciona para seres que possuem intenções contrárias, as duas partes envolvidas, como dito anteriormente, devem possuir uma mesma intenção que gira em torno da libertação e uma educação humanizada. Sendo assim ainda na obra *Pedagogia do Oprimido* Freire (2005), aborda o conceito de diálogo:

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica e quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (p. 115).

Essa reflexão se baseia em conceitos próprios que podem se remeter ao professor e aluno como sendo essa linha A e B apontada por Freire com tanta sabedoria. O processo educacional necessita de um profundo envolvimento de valores ligados entre ambos. Colocar fé, esperança, motivação no outro constrói bases de amor para um desenvolvimento linear e livre, cheio de comunicação atraídos pelo prazer do diálogo constante.

Quando se pensa em educação, agir pedagógico ou processo ensino-aprendizagem, percebe-se que todos estes conceitos remetem necessariamente a existência de relações entre seres humanos que, por meio das trocas, mediados pela linguagem, caminham em busca de novos conhecimentos e do aprimoramento daqueles já existentes. Deste modo, a prática educativa se concretiza através das interações e para tal o diálogo se constitui em elemento essencial. Não é possível conceber um crescimento cognitivo, intelectual e humano que não seja fruto destas interações entre pessoas (Cárdias, 2012, p. 5).

A sociedade moderna alavanca os meios de comunicação e isso contribui para um crescimento completo do ser humano, levando-se em conta que esse crescimento estabelecido atualmente não acontece sem a interação entre as pessoas que se dá por meio da comunicação.

2.3. Educação e solidariedade caminhando lado a lado

A escola é inter, trans, multi e transdisciplinar onde ocorre diversas manifestações positivas e negativas. É também um espaço onde encontra-se a maior diversidade cultural e de raças do que em qualquer outra instituição. Além disso, esse espaço também é grandioso quanto as possibilidades reais para o desenvolvimento de práticas inclusivas, libertadoras capazes de provocar mudanças nos alunos e na sociedade em geral.

Diante disso, após recordar e retratar a função da escola, é importante dizer que esses adjetivos não param por aqui. A escola é uma instituição que se constitui principalmente na formação humanizada, e entre todos os valores estabelecidos para formação do aluno, é importante estabelecer a importância da formação solidária. A solidariedade é um dos valores que trabalha a construção humanizada das pessoas, além de tudo, visa a integração dos indivíduos e a harmonia das relações sociais.

Assim, tendo em vista trabalhar os valores que permeiam o sistema educativo, bem como os sentimentos de todos os indivíduos que estão diretamente e indiretamente envolvidos nesse processo, cabe ao docente permitir meios que favoreçam as relações sociais, levando em conta principalmente a vivência dos alunos, ou seja, fomentar de acordo com a realidade de cada um. Pois, não existe solidariedade se não for considerado toda vivência e situação externa do aluno, a compreensão da sua realidade é importante fator nesse caminho.

De acordo com Perrenoud (2003, parrf. 40),

A proposta não era fazer um inventário detalhado dos conhecimentos e das competências necessários para inserir a solidariedade em uma visão do mundo. Insisto em um ponto: não se trata de criar uma nova disciplina, que chamaríamos de educação para a solidariedade, concedendo-lhe uma hora por semana na grade horária. Assim como a educação para a cidadania da qual ela é próxima; a educação para a solidariedade é questão de todas as disciplinas, de todos os professores, de todas as etapas de estudo, da escola

materna, da socialização, aprendizagem da cooperação, do respeito ao outro, à formação profissional.

Desse modo, não existe nada que impeça a inserção de práticas que promovam a educação baseada na solidariedade. Como bem explanado por Felipe Perrenoud, não é o caso de criar mais uma disciplina, entretanto, que o exercício da solidariedade seja constante e que esteja presente nos objetivos e nas atitudes de todos diariamente.

Deve ser prioridade do professor esta e tantas outras virtudes que continuam sendo indispensáveis para toda humanidade. Possibilitar a inserção das práticas de valores é uma necessidade e uma obrigação de todas as instituições escolares, ou pode-se dizer de um modo mais abrangente, de todas as instituições que educam. No entanto, de acordo com Tognetta (2003, parrf. 1):

Não é uma tarefa fácil. Para um trabalho efetivo com a formação das virtudes é imprescindível levar em conta uma dimensão bastante esquecida: a necessidade da manifestação dos sentimentos e emoções, e, portanto, a afetividade contida nas relações entre as pessoas, umas com as outras e consigo mesmas.

É bastante enriquecedor a colaboração que se propõe o estudo da autora citada acima, quando diz que para existir e se praticar solidariedade é necessário manifestar outros sentimentos como: emoção e afetividade para com o outro. E deixa claro em seu depoimento, pois ela julga que não existe solidariedade sem a existência e o desabrochar desses sentimentos no processo educativo.

É necessário que o professor crie estratégias e atividades que valorizem as experiências dos alunos respeitando as diferenças e os saberes acumulados dos mesmos. Assim, o professor que consegue fazer com que o aluno pense no “eu”, conseguirá fazer com que ele pense no outro.

Para isso o professor pode seguir as seguintes estratégias:

- Atividades de ajuda ao próximo;
- Trabalhos em grupos;
- Projetos que envolvam a comunidade;
- Organização da sala;

Considera-se que esses pontos compreendem a inclusão do exercício de solidariedade e que proporcionam a efetiva integração do grupo escolar e também a melhora das relações sociais porque favorece a autoestima de todos os participantes inclusive do docente.

A fim de contribuir com essa concepção de solidariedade, é possível apontar alguns dos benefícios de uma educação pautada nos valores da solidariedade:

a) compreende que a solidariedade não é um valor herdado, mas construído diariamente.

b) distingue solidariedade de caridade.

c) aprende que cultivar a solidariedade na relação com colegas favorece a harmonia na sala de aula e na escola.

d) identifica colegas e pessoas que precisam de ajuda na sala de aula e na escola e colocar-se em posição colaborativa aos mesmos.

A educação pautada nos valores é uma exigência da sociedade moderna, apesar da influência da tecnologia e da mídia no desenvolvimento cognitivo dos alunos, a escola continua sendo o principal espaço para se trabalhar a construção de valores em seus alunos.

Quando nos referimos à educação em valores, estamos tomando esta expressão como processo social, no seio de uma determinada sociedade, que visa, sobretudo, através da escola, levar os educandos à assimilação dos valores que, explícita ou implicitamente, estão presentes, como já disse, no conteúdo das matérias, nos procedimentos e atitudes dos professores, colegas de sala, pais de alunos e nas experiências humanas acumuladas no decorrer da história, tendo em vista a formação dos indivíduos enquanto cidadãos (Martins, 2005, parrf. 12).

Desse modo, o professor precisa ser firme em seus objetivos, não deixando para sociedade um dever que é seu, visto que, a sociedade pode apresentar e transmitir desvios de comportamento, violência, discriminação, fatores esses que podem influenciar os alunos caso não haja uma postura de automotivação por parte desse docente.

Martins (2005, parrf. 18), ainda complementa:

Para que a educação em valores se realize, há, pois, necessidade de ser considerada no plano de ensino do professor, de logo, como objetivo geral da

disciplina, em nível de transversalidade. Para que a prática de valores seja uma realidade, o educador terá que se organizar, didaticamente, para a instrução de valores, dentro e fora da sala de aula. Assim, só podemos dizer que um aluno aprendeu valores quando, após a ministração de conteúdos em sala, os professores, na escola, em diferentes ocasiões e os pais, nos lares, observam que seus alunos ou filhos não apenas apresentam melhor rendimento escolar, mas diminuíram os conflitos interpessoais, estão mais abertos à socialização, e mais, efetivamente, assimilaram e integram valores, atitudes e normas, na prática social, de modo que os valores assimilados tenderão a acompanhá-los por toda a vida.

Toda via, a pedagogia firmada em valores só terá seu devido significado se esses ensinamentos ultrapassarem os muros da instituição escolar e serem visivelmente reais na sociedade. Só dessa forma o professor terá a consciência que fez seu papel na construção de uma sociedade humanizada.

2.4. A educação plantada em valores

Para educar em valores é necessário que o professor organize suas aulas de forma atrativa, lúdica, dinâmica, reflexiva sempre com o intuito de formar cidadãos humanizados. Sabe-se que os valores não estão estabelecidos no currículo, mas que pode e deve ser aplicado de forma transversal na sala de aula.

Martins (2005), aponta na tabela abaixo dez temas transversais que podem ser trabalhados em todas as turmas da Educação Básica:

TABELA Nº 3 – Temas Transversais

Temas transversais	Acepções
1. Autonomia	Refere-se ao valor que reconhece o direito de um indivíduo tomar decisões livremente, ter sua liberdade, independência moral ou intelectual. É a capacidade apresentada pela vontade humana de se autodeterminar segundo uma norma moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou externo.
2. Capacidade de convivência	Valor que desenvolve no educando a capacidade de viver em comunidade, na escola, na família, nas igrejas, nos parques, enfim, em todos os lugares onde se

	concentram pessoas, de modo a garantir uma coexistência interpessoal harmoniosa .
3. Diálogo	Valor que reconhece na fala um momento da interação entre dois ou mais indivíduos, em busca de um acordo.
4. Dignidade da pessoa humana	Valor absoluto que tem cada ser humano. A pessoa é fim, não meio. A pessoa tem valor, não preço.
5. Igualdade de direitos	Valor inspirado no princípio segundo o qual todos os homens são submetidos à lei e gozam dos mesmos direitos e obrigações.
6. Justiça	Entre os temas transversais, é o valor mais forte. No educando, manifesta-se quando o mesmo é capaz de perceber ou avaliar aquilo que é direito, que é justo. É princípio moral em nome do qual o direito deve ser respeitado.
7. Participação social	Valor que se desenvolve no educando à medida que o torna parte da vida em sociedade e leva-o a compartilhar com os demais membros da comunidade conflitos, aflições e aspirações comuns.
8. Respeito mútuo	Valor que leva alguém a tratar outrem com grande atenção, profunda deferência, consideração e reverência. A reação de outrem será no mesmo nível: o respeito mútuo.
9. Solidariedade	Valor que se manifesta no compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas, particularmente, diante dos pobres, dos desprotegidos, dos que sofrem, dos injustiçados, com o intuito de confortar, consolar e oferecer ajuda
10. Tolerância	Valor que manifesta na tendência a admitir, nos outros, maneiras de pensar, de agir e de sentir diferentes ou mesmo diametralmente opostas às nossas.

Fonte: (Martins, 2005, parrf.34)

O professor poderá propor atividades simples que exijam a participação efetiva dos alunos, tanto atividades orais, como escrita, atividades coletivas, estratégias inovadoras devem fazer para esse currículo.

A Nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), (1996), reconhece a importância do trabalho docente baseado nos valores, quando em seus 2º e 3º artigos diz:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

Ainda em seu teor, a LDB em seu artigo 27º trata que os currículos observarão as seguintes diretrizes:

- I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

No artigo 29º, no que se refere ao Ensino Fundamental, a LDB aponta a educação em valores como principal objetivo desta etapa da educação básica, a formação do cidadão, mediante aquisição de conhecimentos através do desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como estratégias básicas o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo e de três competências relacionadas explicitamente com a educação em valores: a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (inciso II); o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; (inciso III) e o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (inciso IV).

Ao final desse capítulo absorve-se tanto o aporte bibliográfico dos mais variados teóricos que dinamizam a educação afetiva como base para a construção do ser humano completo, como também, o aporte legal, no qual abraça a educação em valores aplicadas transversalmente nas práticas pedagógicas.

3. ASPECTOS RELEVANTES NO USO DOS RECURSOS AFETIVOS NAS RELAÇÕES ESCOLARES

Esse capítulo consistirá em apresentar os recursos afetivos que contribuem para enriquecer as relações escolares e a aprendizagem significativa por meios das práticas lúdicas. Onde será apontado que a ludicidade e afetividade são fatores indissociáveis nas relações entre professor-aluno. Ainda nesse capítulo, apontar-se-á as tecnologias e mídias que contribuem para dinamizar as aulas e torná-las mais atraentes e motivadoras, como também apontar que essas tecnologias contribuem com a formação de seres humanos críticos e reflexivos e contribuem com o processo de aprendizado.

Ainda nesse capítulo, será constatado a relevância das ferramentas tecnológicas para concretização da interação e aprendizagem dos educandos.

3.1. O lúdico como metodologia de ensino no fortalecimento das relações escolares e aprendizagem significativa

O lúdico nas salas de aula tem sido uma importante ferramenta de grande relevância na absorção de conhecimentos que assim, viabilizam através disso o abandono das práticas tradicionais da transmissão das matérias por meio dos conceitos decoreba e regras.

De alguma forma, *“resgatar o lúdico na educação tem relação direta com resgatar os fundamentos lúdico-reflexivos que vão para além do jogo e da brincadeira, na busca de uma escola mais alegre, mais criativa, com diálogo e bom relacionamento entre educador e educando”* (Menezes, 2016, p. 35).

Dessa forma o foco da ludicidade é envolver a sistematização do conhecimento mais aproximado possível da realidade do aluno e de forma natural, longe do conceito mecanizado. *“O propósito não é fazer uma substituição e colocar [...] a ludicidade como soberanas no lugar da razão e sim desenvolvimento integrado e equilibrado do ser humano”* (Menezes, 2016, p. 18).

As técnicas lúdicas engrandecem os momentos em sala, com a utilização dessas técnicas é possível obter êxito no aprendizado e propor ao aluno crescimento pessoal e se tornar um cidadão autônomo, longe do conhecimento mecanizado. *“A ludicidade permite a liberdade emocional necessária para explorar e experimentar, para envolver-se emocionalmente numa criação e para permitir descobrimentos incentivados pela curiosidade”* (Mendes e Ferreira, 2017, p. 11).

Esse processo de ensino permite o envolvimento tanto do docente quanto dos alunos mutuamente. Esse envolvimento, normalmente, não acontece por meio das práticas tradicionais, pois o momento em que se realiza as aulas lúdicas há uma interação em que o lúdico quebra todas as formalidades atribuídas pelo sistema de ensino, e ambos professor e aluno passam a agir conjuntamente na construção da aprendizagem significativa. *“As atividades lúdicas permitem que o sujeito estabeleça relações com os outros e com diferentes culturas, sendo assim, pode-se dizer que: brincadeira, cultura e conhecimento se contemplam formando uma tríade da infância com o caráter lúdico e significativo”* (Mendes e Ferreira, 2017, p. 9).

Dessa forma, todos os envolvidos se envolvem para a afetividade, estreitando as relações tornando a aula mais prazerosa e motivadora a convivência na escola.

Portanto, cabe ao docente procurar meios para modificar a educação, resgatando os valores humanos perdidos, isto é, buscar meios que abordem a realidade do educando, a partir do seu próprio cotidiano, oferecendo a estes condições para toda a vida. Intervir mediante as práticas segregadoras, excludentes e desmotivadoras certamente contribuirá para construir relações de afeto solidificadas na escola. *“Para alcançar esse ideal é importante a postura de aprendiz por parte do educador”* (Menezes, 2016, p. 32).

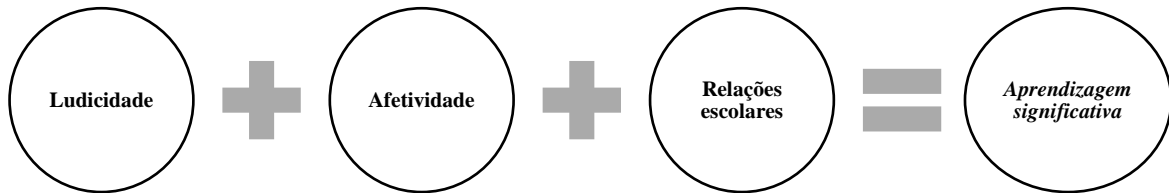
Nesse contexto, o docente que se abstrai de práticas lúdicas está preocupado com seus alunos, deseja o melhor para eles. Assim, para (Boff, 2017, p. 15):

Cuidar significa curar, pois traz amor e amizade para a vida dos envolvidos nesse processo de reconstrução da identidade humana do ser humano. E, ao mesmo tempo que a afetividade, o prazer e a felicidade estão juntos durante este processo, os conhecimentos necessários para o educando são repassados; brincando se aprende e aprendendo se constrói sua identidade como ser humano, como indivíduo histórico-cultural e como cidadão.

Constatando-se o dito por Boff, a ludicidade está estritamente relacionada a ludicidade, do mesmo modo cita a preocupação que o professor precisa ter com esse alunado, e aponta as questões humanitárias com sendo a principal base para o desenvolvimento do cidadão social, cultural e autônomo. Intencionalmente seria possível dizer que não existe aprendizagem e desenvolvimento significativo sem práticas lúdicas, bem como não existe

planejamento docente que envolva práticas lúdicas sem que em seu teor tenha sido elaborado com extrema afetividade.

Figura nº01: As contribuições das práticas docentes



Fonte: Elaboração própria

Nesse contexto, o professor é a parte principal nesse processo, no entanto deve ser encarado como uma estratégia essencial e fundamental para a vida de seus alunos, no entanto exige além exige desse docente ser criativo, dinâmico, dedicado, desenvolve e consciente nos objetivos que querem atingir mediante o uso dessas estratégias de construção do conhecimento.

Afim de melhor exemplificar esse contexto, Mendes e Ferreira (2017) corrobora quando diz:

Se o professor conseguir conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno, para tal, é necessário encontrar o equilíbrio entre o cumprimento de suas funções pedagógicas – ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender – e psicológicas, contribuindo para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo – na moldura do desempenho das funções sociais –, preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito à diferença (p. 12).

Objetivando a intencionalidade do professor, destaca-se quatro pontos fundamentais a saber sobre sua prática:

1º É importante para o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua própria prática.

2º Ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e de valores culturais de sua ação docente.

3º Adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor.

4º Ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características do desenvolvimento e da aprendizagem dos seus alunos (Macedo, 1994, p.59 apud Alves, 2006, p. 12).

Figura nº 02 – Estudantes no jogo de tabuleiro



Fonte: <http://colegiomarista.org.br/medianeira/ambiente-de-aprendizagem/terceirao-do-marista-medianeira-tem-aula-ludica-de-matematica>

Esse caminho cheio de ousadia e reflexão deve ser a trajetória docente que deseja reformular suas práticas utilizando a ludicidade como campo para tal. “A *ausência de reflexão, de crítica ou questionamento proveniente desse processo de ensino acaba contribuindo para a manutenção da consciência ingênua*” (Menezes, 2016, p. 29).

Ademais, as pesquisas vêm mostrando as contribuições que a ludicidade oferece no desenvolvimento e aprendizagem dos educandos, contribuindo também para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem e até mesmo para os alunos com algum tipo de deficiência. “*O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento*” (Santos, 1997, p. 12).

Nesse ínterim, o aluno tem o direito aos meios que possam lhe favorecer o cognitivo, e a escola tem o dever de contribuir através de ferramentas, recursos tecnológicos, didáticos, formações contínuas, espaço adequado, entre outras possibilidades que venham a facilitar o acesso para esses educandos. Sabendo-se que o recurso lúdico necessita estar adequado a necessidade educativas de cada aluno, ou seja, o que é lúdico para um pode não ser lúdico para o outro.

Portanto, segundo Mendes e Ferreira (2017):

É preciso, nesse aspecto, que o professor busque o equilíbrio entre ministrar aulas convencionais, em que recursos como lápis e caderno precisam fazer parte do cotidiano como forma de preparo para o mundo adulto, e aulas lúdicas. Por isso, o professor deve utilizar as atividades criativo-lúdicas como suporte do desenvolvimento e da aprendizagem, por meio de seus procedimentos, e, nesta circunstância, criar situações e propor problemas, assumindo sua condição de parceiro na interação e sua responsabilidade no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e psicossocial do aluno (p. 18).

Nessa perspectiva, a partir dos conhecimentos adquiridos e reflexionados até o presente momento não será permitido que as atividades lúdicas sejam utilizadas na sala de aula sem um determinado objetivo, apenas como um passatempo, esse recurso gira em torno de facilitar o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e psicossocial do aluno e o professor seus objetivos perpassam essa denominação. *“Ao abordar o lúdico na formação do professor pode-se dizer que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, e não pode ser vista apenas como diversão ou passatempo”* (Mendes e Ferreira, 2017, p. 28).

3.2. Tecnologia x Interacionismo

O grande avanço tecnológico influencia diretamente na sociedade, impõe seu ritmo e modifica hábitos convencionais. Bem assim, a tecnologia reflete de forma direta nas escolas, que foram obrigadas a aderir em seu planejamento atitudes que envolva a educação tecnológica, visto que essa adesão visa o contexto histórico e sociocultural dos jovens.

Nesse sentido, o profissional deve usar os meios tecnológicos a favor das práticas interacionistas que podem proporcionar, visto que a mesma se distingue pela coletividade. Segundo (Souza, Moita e Carvalho, 2011), *“O uso de tecnologia tem sido incorporado para*

que as ações educativas sejam concretizadas” (p. 212). Todavia, *“a maioria dos professores não faz parte dessa geração tecnológica, e, por isso, têm muita resistência para compreender essas inovações. Mas, é o professor que deve exercer a função de orientar os alunos quanto ao uso e caminhos a serem trilhados com as novas tecnologias”* (Souza, Moita & Carvalho, 2011, p. 214).

Portanto, cabe ao professor, buscar meios que possibilitem o enfrentamento de mais esse desafio presente em todas as salas de aula atualmente, o que implica ao docente não negar essa possibilidade aos educandos, pois a tecnologia se enraizou de forma que será impossível uma prática pedagógica interacionista sem o uso desses recursos, *“pois, o uso das tecnologias deve ser exploradas para acelerar o processo de inclusão social da população brasileira”* (Souza, Moita e Carvalho, 2011, p. 214).

Com a chegada dos recursos tecnológicos nas escolas, exige-se dos educadores uma nova postura frente à prática pedagógica. Conhecer as novas formas de aprender, ensinar, produzir, comunicar e reconstruir conhecimento, é fundamental para a formação de cidadãos melhor qualificados para atuar e conviver na sociedade, conscientes de seu compromisso, expressando sua criatividade e transformando seu contexto (Carvalho, 2017, p. 6).

Por conseguinte, para se criar novas possibilidades de aprendizagem através dos recursos de tecnologia é necessário que a escola disponibilize a utilização desses recursos, e que o professor assuma seu papel e ajuste suas práticas as exigências da sociedade vigente e do aluno.

É inaceitável que o professor não busque atualizar-se mediante o uso de tecnologia em sua sala de aula. *“Uma prática pedagógica competente, que acompanhe os desafios da sociedade moderna, exige uma inter-relação dessas abordagens e o uso da tecnologia inovadora”* (Almeida, 2005, p.77), pois esses recursos são ricas ferramentas que contribuem com as aulas lúdicas, com a interação entre alunos-alunos e professor-aluno, enriquecem a aprendizagem significativa, proporciona motivação por parte de todos os envolvidos.

Ainda de acordo com (Carvalho, 2017, p. 6):

Na escola, a prática pedagógica com a utilização das diversas tecnologias precisa realizar-se de maneira crítica para compreender, propor e desenvolver as estratégias de construção do conhecimento, e democrática para que esteja

a serviço de uma educação preocupada com a mudança na sociedade, pretendendo a democratização dos saberes e das mídias. Portanto, o objetivo principal da prática pedagógica deve ser a ampliação do saber dos educandos, utilizando-se de todos os meios tecnológicos de informação e comunicação.

Mediante contextualização da importância do uso das tecnologias para educação, é necessário abordar a situação que se encontra os professores atualmente nas escolas, principalmente nas escolas públicas. São precários os recursos encontrados nas escolas públicas, em muitas escolas do Brasil os recursos que podem ser encontrados com frequência é a televisão e no máximo alguns computadores para uso coletivo. Poucas são as escolas que dispõem de computadores para uso individual.

Essa situação se encontra muito contrária ao que se apresenta atualmente em várias leis que mobilizam a educação brasileira. É necessário que seja dado o devido valor a funcionalidade e os benefícios que o uso dos recursos tecnológicos podem proporcionar aos alunos; seja facilitar aprendizagem, seja pensando em seu desenvolvimento com cidadão.

Portanto, de acordo com Almeida (2005) descreve:

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto. Assim, o uso da TIC com vistas à criação de uma rede de conhecimentos favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional. Tudo isso poderá levar à criação de uma sociedade mais justa e igualitária (p. 71).

Apoiando-se no contexto de Almeida, o uso da TIC abrange uma vasta realidade educacional e coloca o uso desses recursos à frente da transformação social, cultural e uma sociedade mais justa e igualitária. Incluir esses recursos na escola, é muito mais do que possibilitar o acesso à internet ou aos mais diversos tipos de meios, é oportunizar o crescimento mais amplo de todos os educandos através do seu uso.

Muitos são os entraves quando se pretende inserir os recursos tecnológicos nas práticas educacionais, onde retrata-se a precariedade tecnológica das escolas e a desatualização dos docentes em meio essa nova proposta. Mesmo com todos os impeditivos não pode jamais cair no esquecimento instrumentos que facilitem tanto a prática educativa quanto o envolvimento por parte dos alunos. *“Os professores e os alunos passam a ser parceiros solidários que enfrentam desafios a partir das problematizações reais do mundo contemporâneo e demandam ações conjuntas que levem à colaboração, à cooperação e à criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa, crítica e transformadora”* (Almeida (2005, p. 76).

Ainda segundo Almeida (2005), permite reflexionar sobre a incorporação desse sistema nas escolas quando faz um breve relato sobre esse tema.

Para incorporar a TIC na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, as teorias educacionais, a aprendizagem do aluno, a prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Essa mudança torna-se possível ao propiciar ao educador o domínio da TIC e o uso desta para inserir-se no contexto e no mundo, representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os (p. 73).

Nesse contexto de permanente mudança, a escola como um todo precisa refletir sobre as reais necessidades educativas que os alunos enfrentarão em sua vivência. Porém, diante dos enfrentamentos e das exigências da sociedade, os alunos necessitam estar preparados para essas transformações, visto que, sempre batendo nessa mesma tecla: **“Os alunos devem ser constituídos de autonomia, criticidade social e humanística”**.

3.3. Ferramentas tecnológicas: contribuintes nas relações interativas e de aprendizagem

As ferramentas tecnológicas devem ser cada vez mais inclusivas, isto é, cada vez mais, pessoas precisam ter acesso a essa gama de conhecimentos que se transforma em benefícios para a sociedade. Assim, é dever da escola incluir e preparar os alunos para fazer uso dessas

ferramentas, pois é com convicção que as profissões requererão um bom manuseio dessas ferramentas.

A conectividade e interação social por meio dos recursos tecnológicos devem ser incentivadas nas salas de aula. Cabe ao professor atualizar suas práticas e fazer com que os alunos utilizem de forma objetiva essas ricas ferramentas de aprendizagem e interação.

Nessa perspectiva de unir as ferramentas tecnológicas as relações de interação e aprendizagem (Souza, 2011, parrrf. 1) ressalta:

A tecnologia vem permitindo cada vez mais uma maior interatividade e acesso à informação dentro e fora da sala de aula. Tablets, lousas digitais, aplicativos escolares, agenda escolar digital, celulares, redes sociais, sites educativos, entre outros, já fazem parte da realidade de muitas escolas como parceiros da educação.

3.4. Ferramentas tecnológicas: contribuintes de interação e aprendizagem

Souza (2011), destaca algumas ferramentas educacionais que podem auxiliar o trabalho docente na busca pela aprendizagem:

1. Blog

A criação de um blog para turma ou para cada aluno onde eles podem compartilhar fotografias, notícias, relatos, entrevistas, produções, entre outros. Você pode também incentivar aos alunos a criarem seus blogs para completar tarefas de redação, criar portfólio de produção escrita, escrever opiniões, discutir atividades que foram estudadas em sala de aula, sem contar que com o blog é possível que os alunos interajam entre si através de comentários.

2. Site

Existem vários sites educacionais que podem auxiliar os alunos em suas pesquisas. Os sites permitem que os alunos busquem mais informações sobre diversos conteúdos. É muito melhor quando o estudante consegue visualizar o que os professores falam do que ficar apenas na imaginação deles.

3. Celulares e tablet

Os celulares por muito tempo foi inimigo do professor em sala de aula, o que antes tirava a atenção do aluno hoje é um suporte na educação dele. O uso de celulares e tablets em sala de aula deve ser orientado pelo professor como parceiros tecnológicos da educação, ao invés de serem tirados das mãos dos alunos deve-se informar, incentivar e orientá-los sobre a importância do uso dessas ferramentas e qual o uso correto durante as aulas.

4. E-book

Outro modo de estimular o intercâmbio de pensamentos é a publicação de E-books com os trabalhos produzidos ao longo do ano. O modelo eletrônico tem suas vantagens. Portabilidade é uma de suas principais características: uma obra chinesa pode ser adquirida no Brasil, e em questão de segundos. Quando o assunto é facilidade de transporte, então, nem se fala: enquanto milhares de E-books podem ser levados para cima e para baixo com o uso de um dispositivo móvel (como um pendrive), carregar dois livros simultaneamente é complicado.

5. Aplicativos educacionais

Já é o comum o uso de tablets e celulares no dia a dia dos alunos, professores, pais e responsáveis, com isso, os aplicativos educacionais podem ser utilizados como complemento para o processo de ensino-aprendizagem. Existem inúmeros app's que podem ser utilizados tanto no ensino infantil, quanto no fundamental, ensino médio e ensino superior, para todas as matérias existem aplicativos disponíveis. Os aplicativos ajudam aprimorar as aulas e as atividades realizadas em sala e fora dela (parrf. 2).

4. SALA DE AULA – ESPAÇO CONVIVAL DE APRENDIZAGEM

Neste capítulo de construção de um sustento teórico será apontado as consequências dos problemas afetivos e de má conduta na relação entre professor-aluno, bem como, a importância da atitude sensível do docente em perceber as verdadeiras causas da indisciplina. Ainda nesse capítulo, dar-se-á sentido aos fatores que contribuem para uma relação de afeto em sala de aula, apontado estratégias que possibilitarão o docente reaver suas práticas no intuito de enriquecer o momento em sala de aula. Será abordado também a necessidade das formações contínuas baseadas na reflexão crítica humanizada no professor como forma de atender as demandas da educação construtivista.

4.1. Os problemas afetivos e de condutas que dificultam a relação entre professor e aluno

Os problemas afetivos e de condutas são fatores muito presente nas salas de aula atualmente, não obstante esses problemas estão sempre relacionados com as dificuldades de aprendizagem e dificuldades em estabelecer relações. Os educandos que apresentam dificuldades no aprendizado muitas vezes são tidos como preguiçosos ou desinteressados, mas, o que acontece na verdade é que esses sujeitos quando enfrentam esses problemas se retraem, se isolam, tem uma baixa autoestima e não conseguem estabelecer relações que favoreçam o seu desenvolvimento.

Contudo, muitos professores não possuem a sensibilidade de perceber todo esse processo e relacionam esses acontecimentos a fatores externos e acreditam que nada podem fazer para melhorar essa situação.

No entanto, as crianças e os adolescente que gostam de se isolar, não participam das aulas, não apresentam boa relação com os demais alunos precisam de intervenção diagnóstica o quanto antes para que os danos emocionais não sejam maiores.

Os problemas afetivos e de condutas são muito frequentes [...]. Embora seu número dependa dos critérios empregados, são muitos autores que calculam que 5% e 15% das crianças na primeira infância e entre 10% a 20% na adolescência apresentam problemas emocionais ou de conduta relativamente importante (Coll, Marchesi, palácios & Cols, 2016, p. 114).

Desse modo, os professores precisam ficar atentos e ter consciência que estar ao seu alcance fazer algo por esses educandos, e perceber que os educandos que enfrentam esses

problemas também sentem em relação aos demais alunos que estão atrasados, e isso os deixa cada vez mais desmotivados. “*Alterações do humor com um forte componente de irritação, amargura, desgosto ou agressividade constituem quadros de mudanças repentinas do estado de ânimo que podem estar presentes nos transtornos afetivos*” (Comin, 2010, p. 3).

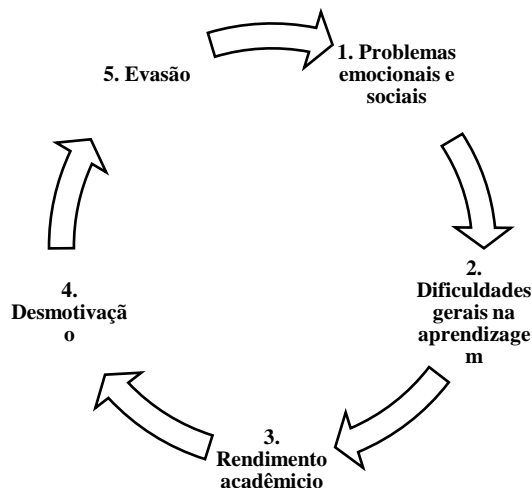
Assumir a docência é proporcionar chance dessas crianças e adolescente conseguir ultrapassar esses problemas que infligem seu desenvolvimento cognitivo e com isso muitas vezes eles se evadam da escola e tomando rumos em suas vidas muitas vezes sem volta.

Portanto, “*Não é fácil, porém, definir o que é um problema na infância e na adolescência*” (Coll, Marchesi, palácios & Cols, 2016, p. 114).

Os problemas não são relativamente fáceis de serem diagnosticados, toda via, os alunos que apresentam condutas diferentes dos demais, problemas emocionais, ausência de habilidade social precisam ser vistos com mais carinho e sua situação examinada com mais prudência. Porque os alunos que mais precisam do professor são esses educandos que apresentam problemas afetivos ou de condutas.

É possível resumir através de uma figura o que foi estabelecido até o momento nesse presente capítulo:

Figura nº 03 – Fatores que implicam nos problemas emocionais e sociais



Fonte: Elaboração própria

1. A causadora: problemas emocionais e sociais.
2. Ocasional: Dificuldades de aprendizagem
3. Consequência: Rendimento acadêmico e desmotivação.

4. Consequência final: Evasão

O fato exposto remete a investigação concisa da origem da causa dos problemas emocionais e sociais, pois intervir na sala de aula na maioria das vezes não resolve a situação se o fator corresponder a algo que aconteça externamente.

Pode-se dizer de uma forma mais clara que os problemas afetivos e de conduta podem ter fortes relações com a família e a sociedade em que vivem de modo a se refletir na sala de aula. Entretanto, como dito anteriormente, de nada pode ser feito se o problema persistir no seio familiar. Para isso existem profissionais a serviço da escola que podem adentrar no meio familiar e tentar alguma forma de intervir nessa questão.

Muitas crianças e adolescentes estão expostos a vários problemas sociais. Muitas vezes a família possui uma estrutura desequilibrada contribuindo muito para o desvio desses educandos, os fatores são os mais variados, mais pode-se aqui destacar alguns:

- Maus tratos na infância
- Desequilíbrio familiar
- Violência sexual

Esses são alguns dos fatores que contribuem para os problemas emocionais ou de afetividades que as crianças e adolescentes apresentam na escola e que demonstram acarretar grandes problemas na vida desses seres humanos.

Considerando que esses problemas afetivos-emocionais detectados nos alunos e relacionados com seu desempenho acadêmico insatisfatório são, em sua essência, decorrentes de fatores extraescolares, muitos professores sentem-se impotentes para trabalhar com eles, vendo como única solução o encaminhamento do aluno para um psicopedagogo ou psicólogo (Comim, 2010, p. 7).

Os problemas relacionados a conduta desses educandos, geralmente chamam mais atenção do que os problemas afetivos, não sabendo o docente que na maioria das vezes os problemas de conduta advêm de problemas afetivos ou emocionais. E nesses casos os professores se sentem incapazes resolver essa situação e encaminham esses alunos para algum profissional de saúde, crendo ser é o melhor caminho.

Contudo, quando o docente assumi a intenção de resolver esses problemas na sala de aula optam pela forme mais rude que existe para resolver essas determinadas situações. Usam do autoritarismo e regras tradicionais para lidar com esses alunos no qual o que conseguem é apenas desmotivar esses indivíduos. *“Em geral não paramos para pensar nas raízes profundas dessas habilidades, nos passos que cada criança deve dar, em termos de desenvolvimento, para conquistá-las”* (Tough, 2013, p.3).

Comin (2010) reafirma essa posição quando relata que:

Alguns professores têm tentado lidar com os distúrbios de comportamento através de métodos diretos e às vezes drásticas: punição física, expulsão da sala de aula, sarcasmos, repreensão, etc. É possível que algumas vezes esses métodos ajudem uma criança que hesita entre seguir normas sociais ou um comportamento antissocial; contudo, na maioria dos casos, são desapontadores os resultados (p. 168).

Os alunos precisam de afeto e a educação é um dos únicos lugares que eles podem encontrar esse sentimento além da família, e em alguns casos apenas na escola é que poderão viver e conviver com afetividade. Portanto, que não seja evitado ou negado aos alunos essa convivência, pois como relatado ao longo desses capítulos a afetividade vem contribuindo e resgatando os seres humanos por completo.

4.2. Fatores contribuintes no fortalecimento dos vínculos afetivos

Como abordado no tópico anterior, a conduta pode ser um empecilho na concretização das relações entre professores e alunos, e aqui será proposto alguns fatores que contribuem para o fortalecimento dessas relações. Pois, não cabe aqui expor apenas o que torna difícil, mas também o que favorece e pode fortalecer esses vínculos tão importantes dentro da educação.

A educação vive atualmente um de seus maiores desafios de todos os tempos, a mídia, a internet, os meios de comunicação em geral vêm influenciando muitos os nossos jovens de forma tanto positiva como negativa, e o serviço a serviço do homem muitas vezes é deixado de lado, ou não mais valorizado com tamanha importância.

Bem, diante das más condutas, do mal comportamento, da indisciplina que gera certo desconforto entre os participantes desse contexto é necessário além de tudo dedicação e vontade de ajudar o aluno nesse momento. Visto que, as práticas rígidas e de autoritarismo não contribuem em nada.

Assim, uma boa teoria aliada a uma prática afetiva pode render vários frutos e diante desse pressuposto pode-se aqui estabelecer algumas dicas para o professor. “*Queremos que os estudantes na segunda etapa do ensino fundamental e no ensino médio sejam perseverantes, resilientes, tenazes quando se defrontam com obstáculos*” (Tough, 2013, p. 5). Enfatizando que não existe uma fórmula mágica para resolver todos os desafios na sala de aula, mas, uma boa compreensão e aprofundamento nesses casos podem ser extremamente ricos:

Portanto, acredita-se que:

- Quando um aluno está se comportando mal ou se comportando de maneira imprópria, o professor precisa manter a calma antes de tomar qualquer atitude. Ele deve manter sua postura profissional e não ceder às **provocações de seus alunos**, principalmente se elas forem recorrentes, ou seja, o professor deve pensar antes de agir.
- Quando, por exemplo, um aluno começar a chorar ou ter alguma atitude raivosa, a primeira providência deve ser acalmá-lo, ensinando esse aluno a respirar profundamente, com os olhos fechados, abrindo e fechando as mãos para relaxar.
- Feito isso, é importante conversar com a criança explicando o motivo pelo qual ela está errada. Se abaixe e olhe nos olhos dela, isso cria uma relação de confiança e demonstra a seriedade da conversa. Deve-se evitar adotar uma linguagem ameaçadora com a criança, apontando os dedos e cruzando os braços, pois dessa maneira, por mais que você esteja apenas repreendendo o aluno sem severidade, ele vai entender isso mais como uma bronca do que como uma orientação.
- Também é preciso dar espaço para a criança explicar e justificar seu comportamento, essa pode ser a solução para os conflitos. Algumas vezes, o motivo pelo qual a criança não está se comportando bem pode ser muito mais profundo e ela está apenas descontando sua raiva no ambiente escolar. O professor também deve direcionar essa criança a ter um **bom comportamento**, e para isso, pode ser necessário um trabalho emocional mais profundo para solucionar as causas.
 - Quando tiver controlado a crise, analise o **comportamento desse aluno**. Se as atitudes erradas forem recorrentes, e acontecerem sempre pelos

mesmos motivos nos mesmos horários (por exemplo, a chegada à escola), pode ser que esse problema deva ser levado até a família do estudante para que, em conjunto, busquem uma solução que seja boa para a criança. (Furoni, 2015, par. 2)

A partir dessas concepções Tough (2013), diz que:

Isso não significa, é claro, que os professores deveriam relevar ou ignorar o mau comportamento em sala de aula. No entanto, explica porque punições severas se provam tantas vezes ineficazes para motivar jovens com problemas a serem bem-sucedidos. E sugere que programas de disciplina escolar poderiam ser mais eficazes como se concentrassem menos em impor punições e mais em criar um ambiente no qual os estudantes sem capacidades autorregulatórias pudessem encontrar as ferramentas e o contexto necessário para desenvolvê-la (pp. 8-9)

Nessa concepção apontada por Paul, muitas vezes o aluno está situado em um espaço que não favorece em nada seu desempenho, um espaço que não lhe oferece resolver seus problemas, mas muitas vezes dificultam ainda mais sua vivência que já é tão dura. Nessa abordagem, ele sugere a construção de um espaço acolhedor e que seja favorável ao aluno e ele consiga desempenhar suas habilidades através de práticas docentes subjetivas.

Como citado anteriormente, a escola vive atualmente desafios que exigem tanto uma postura diferenciada quanto dedicação por parte do professor. Visto que, esse profissional tem nas mãos ferramentas que podem ajudar o aluno a enfrentar os problemas e as dificuldades que possuem e para isso é necessário abrir mão das práticas tradicionais que não condizem com o tempo educacional que vivemos.

Essa situação educacional está inserida em um contexto que não diz respeito somente ao professor, é preciso um apoio efetivo da família e da comunidade em que esse aluno está envolvido. A escola precisa intervir de maneira a trazer a família para escola, e utilizar estratégias de resgate familiar nas decisões escolares. De modo que a família se sintam parte dessa instituição.

Os desafios são constantes, e o professor não deve desperdiçar o tempo que possui em sala de aula tentando conter a indisciplina ou má conduta dos alunos. Visto que, os dados

apontam números que assustam e demonstram que o tempo utilizado para conter os problemas de condutas ainda são altos.

Os resultados apontaram números alarmantes sobre o uso do tempo em sala de aula no Brasil:

Figura nº 04: Uso do Tempo na sala de aula brasileira



Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-com-bagunca-na-classe-diz-estudo-html>

- 20% do tempo é utilizado para acalmar os alunos e organizar a classe
- 13% do tempo é utilizado para lidar com assuntos burocráticos
- 67% do tempo, pouco mais da metade, é usado para a aula propriamente dita

Diante dos dados apresentados pelo site G1, é possível perceber que muito tempo, em um total de 20%, em sala de aula ainda é desperdiçado para acalmar os alunos que não conseguem se envolver em aula, outros 13% é utilizado para cumprir burocracia e apenas 67% para aula efetiva. No entanto, diante de vários itens apontados no decorrer desse capítulo, torna-se importante sua adesão para os profissionais de educação que vivem diariamente esse problema. Visto que a proposta viabiliza a otimização do tempo e também amenizar as más condutas que impendem execução das práticas docentes.

As estratégias e ferramentas estão para uso de todos, visto que, esses alunos que se encaixam nos 20% precisam ser resgatados afetivamente e efetivamente para dentro do contexto da aula. Dentro dessa porcentagem existem muito mais que números, vários significados estão por trás desses dados, é fundamental ser levado a cabo os motivos que

estão por trás desse desinteresse escolar que são inclusive muitas vezes de origem emocional/afetivo.

4.3. A formação docente a partir de uma abordagem crítica, reflexiva e humana

O momento mais importante na trajetória de um professor é quando ele se propõe a pensar e estabelecer reflexões críticas sobre sua prática. Essa oportunidade de rever sua prática de ontem é o que permitirá renovar e aprimorar as próximas práticas. Necessita para o professor compreender que toda teoria necessita ser o mais próximo possível da prática, de modo a não ser percebido nenhum distanciamento entre ambos.

Diferentemente dos tempos antigos em que as teorias eram restritas aos livros, jornais ou revistas, hoje em dia, a informação está em toda parte e com uma extrema facilidade de acesso. Portanto, de nada adianta a teoria que se distancia da prática. Todo esse pressuposto necessita um entrelace que favoreça o desenvolvimento dessa nova proposta. *“O século XXI será um tempo em que as pessoas pensam, se relacionam, trabalham, fazem negócios, se organizam, fazem negócios, se organizam, ganham dinheiro, se divertem. Épocas de mudanças radicais”* (Kullo, 2000, p. 40).

Diante da facilidade das informações teóricas sobre a formação crítica, reflexiva e humanizada, é possível acesso a vários autores que disponibilizam conteúdos a respeito dessa temática, porém muitas vezes foge totalmente da realidade escolar que cada indivíduo se encontra. São belos textos que inúmeras vezes não são úteis e não acrescentam em quase nada a prática docente. *“Os novos paradigmas apresentados pela sociedade em mudança urgem pelo aparecimento da subjetividade como forma de construção do sujeito e do profissional bem como da necessidade das relações humanas como critério diferenciador das da prática docente”* (Kullo, 2000, p. 39).

Porém, a adequação apropriada que enriqueça esses momentos escolares deve ser revisada com muita dedicação e qualquer teoria que não estiver devidamente envolvida com a prática deverá ser imediatamente descartada.

Todo esse processo de reflexão crítica sobre a relevância de sua prática docente será de grande valia para todos os profissionais de educação que desejam seguir um conceito muito defendido atualmente que é a prática humanizada. Esse conceito será automaticamente percebido nas salas de aulas no mesmo instante que o docente tomar consciência que necessita reflexionar com criticidade sua prática. Kullo (2000), retrata que:

Nesse contexto, portanto, é que surge duas grandes inquietações que permeiam todo o nosso trabalho como educador: os novos paradigmas da ciência que irão se refletir no conceito de **SUBJETIVIDADE**; e a necessidade de aprender a aprender que se traduz no surgimento de novas formas de **RELAÇÕES HUMANAS** (p. 40).

Os conceitos estabelecidos por Kullook determinam que os educadores adotem uma postura voltada para a subjetividade dos educandos como forma de se enriquecer as relações humanizadas. Essa nova proposta exclui de vez e de fato os antigos métodos disciplinares de transmissão de conteúdo, no qual não possui nenhum sinal de preocupação com as relações humanas. *“O século XXI será marcado pela recursividade, onde as implicações mútuas desses paradigmas com a subjetividade, a ação, o social e a vida cotidiana se dará”* (Kullook, 2000, p. 40).

De antemão, pode-se afirmar que:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou da adivinhação (Freire, 1996, p. 20).

A consciência em unir criticidade aos sentimentos é a base para uma prática docente verdadeira, atual e que confirma a construção de relações recíprocas facilitando assim a construção de habilidades significativas aos educandos. Pois, *“Ensinar não é transferir conhecimento”* (Freire, 1996, p. 21).

A pedagogia freiriana tem contribuído e valorizado as questões que definem a prática docente humanizadora, amplia as possibilidades de participação para todos os sujeitos dentro de uma educação diferenciada diferente daquele que abordava memorização mecânica dos conhecimentos.

Assim, mesmo diante dos desafios exaustivos que permeiam o meio escolar, o docente precisa estar sempre motivado, utilizar estratégias criativas, motivadoras, métodos que engradeçam o momento em sala de aula. Atualmente, como expressando ainda nesse capítulo, a facilidade de acesso é muito extensa e uma forma de buscar aperfeiçoamento de

duas práticas são os cursos de extensão, como também as formações continuadas que abordam essa temática promissora dos seres humanos.

Para Tardif (2014), existe:

A necessidade de repensar a formação para o magistério, levando em conta os saberes dos professores e as realidades específicas do seu trabalho cotidiano. Essa é a ideia de base das reformas que vêm realizadas na formação dos professores em muitos países nos últimos anos. Ele expressa a vontade de encontrar nos cursos de formações de professores, uma nova articulação e um novo equilíbrio entre os conhecimentos produzidos pelas universidades a respeito do ensino e os saberes desenvolvidos pelos professores em suas práticas cotidianas (p. 42).

A formação para o exercício do magistério ainda se encontra muito envolvida com o conhecimento das disciplinas curriculares, as normas escolares propriamente ditas e a toda burocracia que permeia esse meio. Os cursos universitários produzem ainda professores mecânicos ainda longe do que a atual sociedade exige desses profissionais. *“Essa visão disciplinar e aplicacionista da formação profissional não tem mais sentido hoje em dia, não somente no campo de ensino, mas também nos outros setores profissionais”* (Tardif, 2014, pp. 42-43).

Nesse contexto, a proposta da educação construtivista se baseia em:

Desenvolver alunos autônomos, que saibam pensar, tomar suas próprias decisões e estudar sozinhos é um dos objetivos de ensino, mas para alcançá-los é necessária uma redefinição das relações professor-aluno na sala de aula, mas também tomar muito cuidado na construção das regras, principalmente aquelas que determinam o trabalho e a convivência dos alunos na sala de aula (Carvalho, 2003, p. 9)

Constata-se que apesar do método educacional tradicional aplicado nos cursos de magistério e universidades que formam os professores ainda continua muito vivo, a educação construtivista exige uma nova postura dos profissionais de educação, ou seja, aquele profissional que tinha a responsabilidade apenas de transmitir os conhecimentos curriculares ficou no passado, o maior objetivo atualmente da educação é construir seres humanos

autônomos e conscientes dentro de uma prática que favoreça e enriqueça as relações sociais. Por isso,

Espera-se de um professor construtivista muito mais do que saber expor a matéria e ter um bom relacionamento com alunos, criando um ambiente agradável e sem tensão em sala de aula. Espera-se que esse professor crie atividades que proporcionem aos alunos explorar ideias, fatos e/ou fenômenos, que eles estabeleçam regras de conduta que permitam aos alunos trabalhar de maneira satisfatória e alegre, sem se dispersarem e sem algazarra que perturbe a classe, que ele crie liberdade intelectual para que seus alunos não tenham receio de expor ideias de fazer perguntas (Carvalho, 2003, p. 13)

O professor construtivista deve sempre indagar, questionar, estimular, propor novos desafios, encorajar, de modo que todos os alunos possam dizer o que pensam, que participem de debates, compartilhando assim suas opiniões com os demais alunos. Nesse momento, criar situações para rever as práticas, a metodologia, a dinâmica em sala para que o professor, através desses momentos, tenha condições de utilizar esses resultados e avaliar seu próprio trabalho. *“Todas essas reformulações, introduzidas nas escolas pelas novas diretrizes educacionais, estão, na verdade, sugerindo mudanças estruturais nos conceitos de ensino e aprendizagem [...] Indicando a necessidade de oferecermos aos professores cursos de formação continuada dentro das novas concepções”* (Carvalho, 2003, p. 13)

Existe uma atual emergência com relação a formação contínua envolvendo essas novas concepções de ensino, pois esse seria uma ótima oportunidade na busca de caminhos entre aprendizagem significativa e sistema de ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais citam a importância do ensino pautado nas relações sociais mediadas pela linguagem.

O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Organizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam,

assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino (Brasil, 1997, p. 22).

Portanto, ainda de acordo os PCN's "*cabe ao professor, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir a aprendizagem efetiva*" (Brasil, 1997, p. 22). Cabe também o papel do professor mediador e facilitar do conhecimento, ou seja, proporcionar desenvolvimento aos alunos de acordo com suas necessidades educativas.

Mesmo com a importância que os PCN's possuem para dar formato a educação brasileira, ainda é possível diagnosticar práticas pedagógicas que não condizem com a proposta expressa nesse documento. Diante de seus escritos, onde oportunizam o ensino aprendizagem pautado em valores, relações sociais, democracia, ainda é possível encontrar nas escolas professores que não se adequam a essa nova forma de se chegar ao cognitivo do aluno, sendo uma cruel realidade para os professores que não possuem formação continuada para esse novo pressuposto da educação.

Assim, reafirma-se através dos PCN's que o aluno, através das práticas pedagógicas deverão:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; • conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (Brasil, 1997, pp. 7-8).

Vale salientar a seguinte proposta estabelecida pelos PCN's, o Brasil possui um rico documento que está pautado na construção completa do aluno, onde valoriza o ser humano como ele é, sua diversidade cultural e o encaminha a utilização de todos os recursos necessários ao seu desenvolvimento cognitivo, porém é necessário que a esse profissional seja oferecido condições de desenvolver suas práticas pedagógicas com esses princípios estabelecido acima. A formação continuada deverá estar pautada nesses princípios de construção do aluno, visto que, não basta apenas está escrito em papel, necessita ser uma teoria que esteja muito próxima da prática, como dito anteriormente, se não houver elo entre teoria e prática de nada servirá esse documento.

MARCO METODOLÓGICO

5. METODOLOGIA

Para melhor compreensão sobre o desenho metodológico da dissertação, é importante conceituar o termo *método*: Método, segundo Campoy (2016, p. 38) “*significa um caminho, um procedimento: caminho a seguir para alcançar um fim proposto de antemão. O método é, portanto, algo muito mais complexo que uma simples sequência unidimensional de passos*”. Método é um processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa.

O método científico, por sua vez, é concretizado pela pesquisa, que é definida por Gil (2002, p. 17) como “*procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos*”. Desse modo, a pesquisa deve seguir perfeita coerência a obedecer a regras para responder aos questionamentos propostos pela investigação.

Ainda segundo Campoy (2016, p. 37) define métodos de investigação:

Métodos e técnicas que se utilizam para a condução de uma investigação, a metodologia da investigação é uma ciência que estuda como a investigação se leva a cabo cientificamente. Nela se estudam as diversas medidas que se adotam um investigador no estudo de um problema.

Outra conceituação é apresentada por Marconi e Lakatos (2003): “*O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista*” (p. 83).

É possível examinar que os conceitos apresentados por Gil (2002), Campoy (2016), Marconi e Lakatos (2003) e Minayo (2011) é que o objetivo de uma pesquisa é encontrar respostas para o problema, através de métodos científicos.

5.1. O Problema

As estruturas educacionais têm passado por mudanças que demandam a busca por mecanismos que assegurem uma educação de qualidade. No contexto de aula os aspectos ligados à comunicação entre professor e aluno devem estar interligados por interesses focados no desenvolvimento da pessoa completa. Nesse sentido, tanto a escola quanto a formação contínua dos professores devem contemplar várias dimensões do indivíduo,

prioritariamente a humana para que a prática docente seja ressignificada e a escola possa acolher melhor os seus estudantes.

A saber, professores e alunos no cotidiano de aula nutrem diversos sentimentos como alegria, satisfação, insegurança, angústia, emoções, entre outros. Portanto, o docente ao se deparar com situações ligadas a afetividade dos educandos, geralmente cria uma resistência, demonstrando que na sua formação não foram contempladas essas habilidades. Em virtude dessas contradições, desacredita na eficácia de uma educação que humanize e liberte, mesmo vivenciando novos paradigmas propostos, a sala de aula passa a ser mero ritual que deve ser cumprido.

O que de fato é cobrado aos docentes são resultados relacionados apenas as aprendizagens dos componentes curriculares, transformando a sala de aula num ambiente apático, desvinculado da realidade do aluno e da prática docente que valoriza as relações humanas importantes para o desenvolvimento integral da pessoa.

Tendo em vista que se o sujeito não tiver seus afetos respeitados sua formação escolar perderá a função principal que é saber conviver. Todavia, ao lidar com atividades que envolvem relação humana algumas considerações devem ser feitas para que o ambiente de aula seja mais saudável e inclusivo. É necessário que os docentes coloquem em prática algumas habilidades afetivas para melhor acolhimento dos alunos. Portanto, algumas indagações surgiram ao longo do aprofundamento da temática estabelecida que foram: 1. Um professor afetivo realmente favorece as aprendizagens dos estudantes? 2. Até que ponto o afeto favorece as motivações dos alunos? 3. Os professores possuem experiência e conhecimento teórico-prático para vivenciar a afetividade em aula? 4. Os alunos serão capazes de entender que esse clima afetivo é positivo e não reflete um ambiente com menos qualidade de ensino? 5. O que fazer para melhorar as relações afetivas entre professores e alunos? O que é afetividade? Qual a contribuição dos métodos afetivos na escola?

Sobretudo, esses questionamentos devem ser feitos ritualmente pelos docentes, saber que estão lidando com seres humanos em desenvolvimento de aprendizagem, pois um educador que apresenta essas inquietações possivelmente terá que lidar com frustrações que emergem no ambiente de aula, necessitando de “algo mais” para incluir a afetividade na relação com os estudantes em processo de aprendizagem. Contudo, existem inúmeras

demandas para realizar uma educação significativa, o pensamento não pode ser posteriori quando lidamos com sujeitos em formação.

É preciso assegurar formação inicial e continuada mais específicas para os professores, de modo que atenda às necessidades inerentes à prática docente. Desse modo, o educador poderá considerar os processos metodológicos que são propostos e que dão novos significados e significantes a sua prática, eliminando discursos arcaicos e as barreiras atitudinais em aula, promovendo uma aprendizagem que considere a dimensão afetiva do indivíduo, a qual deve ser pauta das reflexões pedagógicas e objeto de estudo.

Após aprofundamento teórico e após interposto vários questionamentos fomos capazes de formular nosso problema central da pesquisa que é:

A afetividade em sala de aula é capaz de fortalecer as relações entre professores e alunos e contribuir com a aprendizagem significativa na construção de seres humanos completos?

Por se tratar de um elemento indispensável e com grande relevância que tem o problema para a pesquisa tomamos como base a teoria de Campoy (2016), onde aborda que *“o problema é o ponto de partida de toda investigação. É provavelmente a etapa mais importante do processo de investigação, já que implica vários passos interrelacionados (p. 47).*

Ademais, intentos em ser coerentes e atender com os requisitos da pesquisa, seguimos as orientações de Campoy (2016), quanto a formulação do problema pois nos estabelece com tamanha precisão que:

O problema consiste em uma pergunta ou enunciado sobre a realidade ou sobre qualquer situação para a que não se encontra uma solução satisfatória ou não dispõem de uma resposta adequada. Todo problema de investigação tem uma origem que pode surgir das leituras, reflexões pessoais, experienciais ou observações de situações (p. 47).

A ideia para formular esse problema surgiu de uma inquietação pessoal, ao nos deparar com práticas docentes que não condiziam as práticas humanizadas tão almejadas atualmente na sociedade vigente, porém após aprofundamento teórico seguindo as orientações e os

elementos sugeridos por Campoy (2016) fomos capazes de formular o problema central da investigação dentro dos requisitos científicos para essa pesquisa.

Assim mesmo, Gil (2002) acrescenta: “*pode-se formular um problema cuja resposta seja importante para subsidiar determinada ação*” (pp. 24-25), com isso fica claro que a resposta será alcançada pela ação dessa investigação envolta pela relevância social que apresenta essa temática. Ainda de acordo com Gil (2002), “*Os interesses pela escolha de problemas de pesquisa são determinados pelos mais diversos fatores. Os mais importantes são: os valores sociais do pesquisador e os incentivos sociais*” (p. 26).

5.2. Objetivo geral e específicos

5.2.1. Objetivo geral

Analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa.

5.2.2. Objetivos específicos

- ✓ Identificar qual a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem;
- ✓ Conhecer os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo;
- ✓ Descrever recursos afetivos que se utiliza nas interações em aula;
- ✓ Identificar na sala de aula quais os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e aluno.

5.3. Decisões Metodológicas: Enfoque e Desenho

Dada à magnitude que poderia alcançar este estudo, a principal intenção dessa pesquisa é chegar aos resultados propostos pelos questionamentos, objetivos geral e específicos e principalmente responder à pergunta problema dessa pesquisa. No entanto, a melhor forma de chegar aos resultados almejados foi a utilização da pesquisa qualitativa, porque o enfoque qualitativo “*responde as questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado*” (Minayo, 2011, p. 21).

Além disso, como a temática estabelecida promove diversos tipos de opiniões, precisávamos de um método de investigação científica que focasse no caráter subjetivo do objeto analisado e a pesquisa qualitativa nos deu sustentação para isso e conseguimos

“compreender e explicar as crenças e os comportamentos no contexto onde se produzem”

Campoy (2016, p.232, apud Draper, 2004, p. 642).

Para tanto, a pesquisa qualitativa exige uma postura humanista do investigador, bem assim, permite compreender as pessoas dentro do seu próprio contexto social. Nesse caso, quando tratamos da afetividade em sala de aula, a pesquisa qualitativa permitiu aos entrevistados pensar de forma mais livre, expressar suas opiniões, jamais se preocupando com dados quantificáveis.

Campoy (2016, p. 231, apud Denzín e Lincoln, 2011, p.3) nos situa em relação a função da pesquisa qualitativa:

A investigação qualitativa é uma atividade que situa o investigador no mundo. A investigação qualitativa consiste em um conjunto interpretável, materiais práticos que fazem visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo. Convertem ao mundo uma série de representações que incluem notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e as próprias notas. A este nível a investigação qualitativa implica em um enfoque interpretativo, um enfoque naturalista do mundo. O principal da investigação qualitativa é o estudo das coisas em seu ambiente natural, tratando de dar sentido, ou interpretar os fenômenos nas condições dos significados que as pessoas lhes atribuem.

Diante do contexto estabelecido por Campoy, a base de uma pesquisa qualitativa é o momento em que o fenômeno é estudado dentro do seu contexto natural, no qual cabe ao investigador dar sentido e significados aos dados obtidos por esse meio. Nesse caso, essa pesquisa toma meios de pesquisa fenomenológica no sentido de que de acordo com Campoy (2016):

O método fenomenológico tem por finalidade a investigação e o estudo das experiências humanas intersubjetivas por meio da descrição. Sua meta no estudo do mundo tal e como se nos apresenta em e através da consciência. É dizer, a finalidade da fenomenologia é estudar as essências das coisas e das emoções (p. 240).

Apresentando uma perspectiva mais ampla, a utilização da investigação qualitativa nos permitiu descrição e interpretação dos dados dos participantes sobre a ressignificação das práticas afetivas docentes, bem como, nos proporcionou uma visão ampliada da realidade

relacionada a temática em questão. Isto é, de acordo com Minayo (2011), o enfoque qualitativo *“trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”* (pp. 21-22).

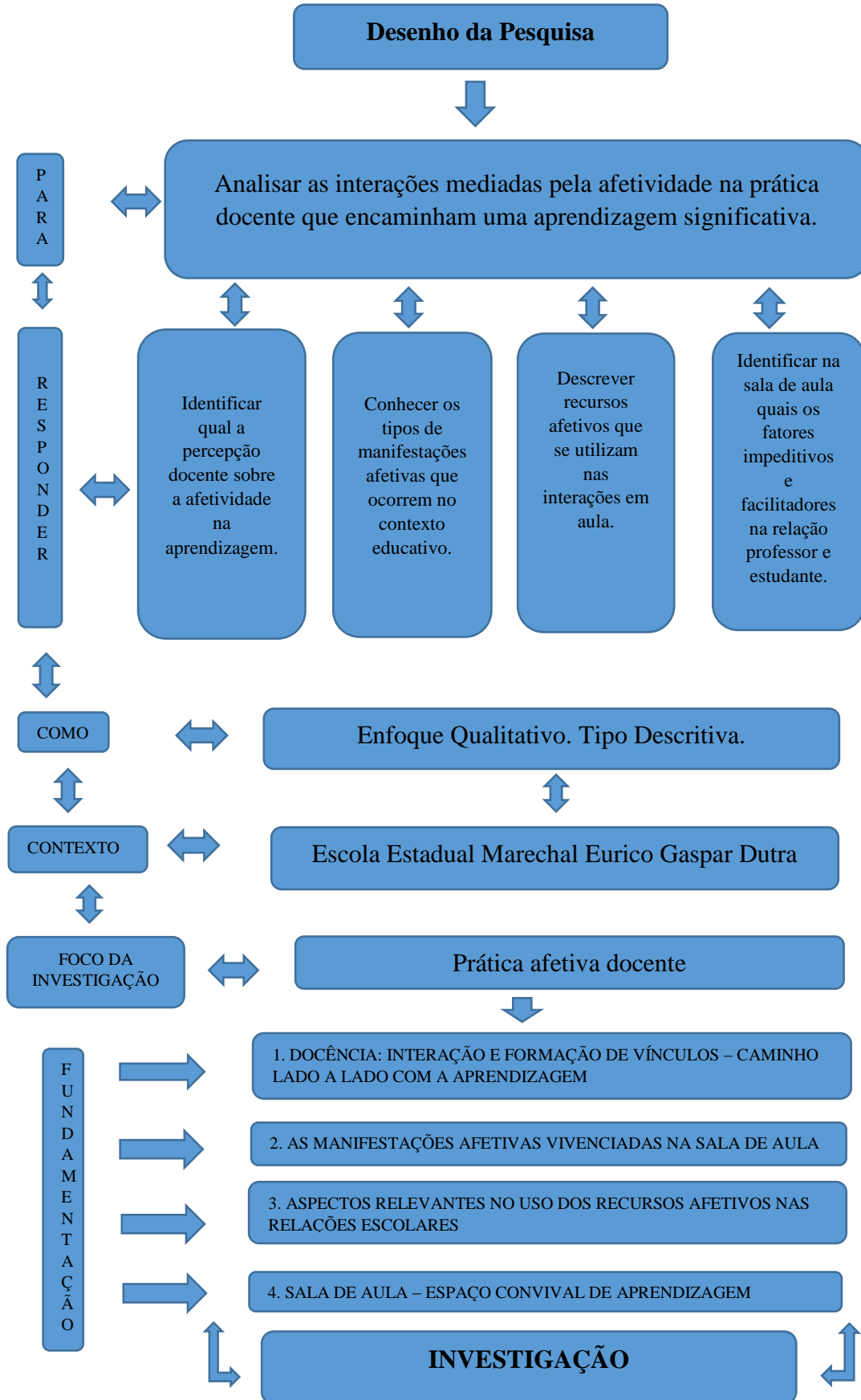
Como o objetivo dessa pesquisa foi descrever as reais situações sobre a afetividade na interação em sala de aula na ressignificação das práticas docentes, optamos pelo processo descritivo, onde foi possível a realização do estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos, porém sem nenhuma interferência do investigador.

Essa reflexão apoia-se na teoria de Gil, (2008, p. 55), que diz: *“as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc”*.

Além disso, Triviños (2006, p. 128) acrescenta: *“uma investigação se baseia na fenomenologia, ela assume caráter essencialmente descritivo”*. O que nos deu base para compreensão e interpretação dos fenômenos em seus contextos naturais referentes ressignificação das práticas afetivas docentes, pois o principal objetivo dessa pesquisa foi compreender os fenômenos.

No andamento da pesquisa agimos sempre a consciência que esse tipo de pesquisa não nos permite fazer nenhum tipo de avaliação sobre o objeto em estudo, pois seguimos as recomendações de Campoy (2016) quando nos atenta que *“o objetivo da etapa descritiva consiste em realizar uma descrição do fenômeno estudado, a mais completa possível sem realizar nenhum tipo de avaliação, que reflita na realidade vivida pela pessoa, seu mundo, sua forma de ver a vida”* (p. 245).

QUADRO Nº 01 - Desenho da Pesquisa



Fonte: Elaboração própria

5.4. Contexto da Pesquisa

A temática estabelecida nessa pesquisa, nos propôs refletir qual seria, dentro de nossas possibilidades de locomoção, a escola que melhor nos repassaria dados para análise sobre a afetividade na ressignificação das práticas docentes.

Entretanto escolhemos a Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra porque essa instituição está localizada em um bairro onde a comunidade enfrenta problemas com os altos índices de violência no bairro, o que nos fez abordar essa escola como área para investigação, pois estaríamos abordando uma população que vive enfrentando problemas que interferem nas relações sociais e com isso pudemos obter dados relevantes para essa investigação.

A referida escola está localizada no bairro do Ibura, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, zona metropolitana do grande Recife. Retratando um pouco da história do bairro onde está localizada a escola, conhecemos que o Ibura tem uma história bem diferente para contar.

O bairro surgiu ainda no século XIX e, antes de ser o que é hoje, era um engenho de cana-de-açúcar, o qual se localizava na área que o bairro ocupa hoje. O nome Ibura é de origem Tupi e significa “água que arrebenta” ou fonte.

Em um contexto mais amplo, como relatado acima, o bairro Ibura faz parte da cidade de Jaboatão dos Guararapes. É um município brasileiro do estado de Pernambuco, situado no nordeste do país. Pertence à Mesorregião Metropolitana do Recife, à Microrregião de Recife e à Região Metropolitana do Recife; localizando-se a sul da capital do estado, distando desta cerca de 18 km. Ocupa uma área de 257,3 km², estando 23,6 km² formando o perímetro urbano e os 233,7 km² restantes formando a zona rural do município. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015 sua população era de 686 122 habitantes, sendo, desta forma, o segundo município mais populoso do estado.

FIGURA Nº 05: Vista aérea da cidade de Jaboatão dos Guararapes



Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaboat%C3%A3o_dos_Guararapes#/media/File:Jaboat%C3%A3o_-_panoramio.jpg

Para assim localizar o contexto da pesquisa de uma forma mais clara, apresentamos o mapa de Pernambuco com a localização do município de Jaboatão dos Guararapes. Vejamos a figura abaixo:

FIGURA Nº 06: Mapa de Pernambuco – Localização da cidade de Jaboatão dos Guararapes



Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaboat%C3%A3o_dos_Guararapes#/media/File:Brazil_Pernambuco_location_map_Municip_Jaboat%C3%A3o_dos_Guararapes.svg

O município foi fundado sob o nome de Jaboatão em 4 de maio de 1593 por Bento Luiz Figueira, o terceiro proprietário do antigo Engenho São João Batista. A cidade é conhecida como "Berço da Pátria", por ter sido palco da Batalha dos Guararapes, travada em dois confrontos, em 1648 e 1649. Nesta batalha, pernambucanos e portugueses expulsaram os invasores holandeses do seu território. Em 1989, o município passou a chamar-se "Jaboatão dos Guararapes", parte em homenagem ao Monte dos Guararapes, local onde ocorreu a batalha, que foi parte da Insurreição Pernambucana e parte para barrar diversas tentativas de emancipação do Distrito de Prazeres, por este motivo a sede da prefeitura foi transferida do centro do município para o distrito de Prazeres, porém ao mudar o local da sede do município o nome deste deve ser mudado, por este motivo acrescentou-se o "dos Guararapes" ao antigo nome do município passando assim a Jaboatão dos Guararapes o mesmo ocorreu com a bandeira, foi acrescida do texto "dos Guararapes".

Jaboatão dos Guararapes destaca-se por sua indústria, possuindo o terceiro maior PIB industrial de Pernambuco e estando situado numa região estratégica de desenvolvimento econômico de Pernambuco, junto com as cidades de Rio Formoso, localizando no caminho entre Recife e o Porto de Suape, que é o principal polo de investimentos do estado.

Mediante contextualização da pesquisa, onde pudemos conhecer um pouco da história da cidade, pudemos ter a convicção que estaríamos fazendo a melhor escolha e assim chegar aos resultados propostos por essa investigação.

A Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra oferece em seus níveis de ensino: Ensino Fundamental I e II, (iniciais e finais), Ensino Médio e EJA (Ensino Jovens e Adultos), possui em sua estrutura: alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à Internet, dispõe também de equipamentos como: computadores administrativos e a para alunos. Suas dependências estão divididas em: 17 salas de aulas, 84 funcionários, ala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca.

FIGURA Nº 07: Fachada da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra



Fonte: <http://folhadenoticiascomunidades.blogspot.com.br/2016/11/jaboatao-pe-mae-de-uma-aluna-reclama-de.html>

FIGURA Nº 08 – Visão Interior da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra



Fonte: adenoticiascomunidades.blogspot.com.br/2016/11/jaboatao-pe-mae-de-uma-aluna-reclama-de.html

Essa é uma instituição de grande porte, onde possui um bom espaço para locomoção, favorecendo a sociabilidade e a interação entre todos os alunos, além disso é bem arejada, possui ambientes largos e um bom mobiliário escolar.

Conseguimos através desse campo de estudo, conhecer um pouco mais sobre as práticas afetivas e seus contribuintes. Bem como, tivemos a oportunidade de aplicar técnicas instrumentais que nos proporcionou recolher dados relevantes dentro da temática estabelecida.

5.5. População participante na pesquisa

O principal objetivo dessa pesquisa foi apresentar dados realmente relevantes e confiáveis, além disso que pudessem contribuir com estudos futuros. Portanto, mediante contextualização da pesquisa, chegamos à conclusão que se tornaria importante que os professores do 6º ao 9º ano participassem dessa pesquisa.

Nesse contexto, podemos explicar melhor a população e os participantes da pesquisa da seguinte forma: a população está representada por todos os professores que compõem a Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra. A referida escola acolhe alunos do 5º ao 6º ano do ensino fundamental I e alunos do Ensino Médio. Para tanto, escolhemos os professores de 6º ao 9º ano como participantes dessa pesquisa.

A escolha desses participantes aconteceu no momento em que percebermos que a faixa etária dos alunos que estuda nessas turmas é adolescente e essa idade geralmente é marcada por grandes mudanças afetivas em suas relações pessoais, interpessoais e sociais. Nesse caso, os professores de 6º ao 9º ano teriam muito a contribuir com os objetivos propostos por essa temática.

TABELA Nº 04 – Participantes da pesquisa

Participantes	Quantidade
Professores	12

Fonte: Elaboração própria

5.6. Técnicas e Instrumentos: processo de construção e validação

A seleção de técnicas e instrumentos é uma das partes mais importantes de uma pesquisa e se propõe em manter-se a mais apropriada em relação ao estudo a ser executado, ou seja, as

técnicas e instrumentos utilizados em uma pesquisa devem ser capazes de responder ao problema em questão.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 163), a “*seleção instrumental metodológica está diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá de vários fatores relacionados a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa e outros que possam surgir no campo da investigação*”.

De fato, precisamos ter em mente o que queremos recolher, o importante é ter mãos um instrumento que realmente seja eficaz e que responda com precisão ao que queremos saber.

A elaboração ou organização dos instrumentos de investigação não é fácil, necessita de tempo, mas é uma etapa importante no planejamento da pesquisa. Em geral, as obras sobre pesquisa científica oferecem esboços práticos que servem de [...] além de dar indicações sobre o tempo e o material necessários à realização de uma pesquisa (Marconi e Lakatos, 2003, p. 164).

Nesse contexto, analisamos minuciosamente qual seria a técnica mais eficaz que pudesse atender as perspectivas dessa pesquisa. Após exaustivo estudo, percebemos que a técnica de investigação que melhor pudesse responder aos questionamentos, aos objetivos e principalmente ao problema dessa investigação, seria a entrevista em profundidade.

Visto que, a entrevista em profundidade é uma das técnicas mais utilizadas na coleta de dados. Para Campoy (2016, p. 288), “*a entrevista em profundidade também é conhecida como qualitativa não estruturada, aberta ou não padronizadas*”.

Além disso, pudemos compreender com precisão o objetivo da entrevista em profundidade e nos conscientizar de sua completa eficácia quando Marconi e Lakatos (2003, p. 195) diz que:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Interposto a relevância da entrevista em profundidade, é possível acrescentar que essa técnica é um componente importante na realização de uma pesquisa qualitativa, pois através

dela o investigador busca obter informes nas falas dos atores sociais, visto que, para essa pesquisa foi um meio de coleta de informações sobre a ressignificação das práticas docentes.

Torna-se importante aqui relatar que a utilização da técnica entrevista em profundidade atendeu todas as expectativas com relação ao objeto em estudo, bem como, respondeu a todos os objetivos propostos nessa investigação. Assim, reafirmamos que os resultados alcançados com a investigação responderam satisfatoriamente aos objetivos proposto e nos permitiram um novo olhar sobre as práticas pedagógicas afetivas na construção da aprendizagem significativa.

Seguindo com a intenção de justificar a utilização da técnica de entrevista em profundidade como a melhor técnica para essa investigação nos apoiamos na teoria de Campoy (2016, p. 314) que “*considera a entrevista como uma técnica qualitativa, utilizada com maior ou menor profundidade, flexível e dinâmica, que permite recorrer a uma grande quantidade de informações de uma maneira mais próxima e direta entre o entrevistador e o entrevistado*”.

Envolvidos pela contextualidade da construção dos instrumentos, seguimos as recomendações de Marconi e Lakatos (2002). Após elaborado o roteiro de entrevistas aplicamos um pré-teste com 20% dos participantes para garantir que essa técnica realmente seria eficaz no recolhimento dos dados. Pois de acordo com essa autora:

Elaborados os instrumentos de pesquisa, o procedimento mais utilizado para averiguar a sua validade é o teste-preliminar ou pré-teste. Consiste em testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do "universo" ou da amostra, antes de ser aplicado definitivamente, a fim de evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso. Seu objetivo, portanto, é verificar até que ponto esses instrumentos têm, realmente, condições de garantir resultados isentos de erros (Lakatos, 2002, p. 165).

No nosso entendimento, a aplicação do pré-teste permitiu evidenciar possíveis erros permitindo a reformulação de algumas perguntas. Esse pré-teste permitiu que nenhuma pergunta fosse respondida equivocadamente ou com sentido diferente daquele que se almejava, portanto, após aplicação do pré-teste essa técnica seguiu para validação.

5.7. Validação dos Instrumentos

Desde o início, essa pesquisa seguiu regras indispensáveis para que seu resultado obtenha a maior índice de confiabilidade, com isso, uma das regras estabelecidas nessa investigação seguiu os critérios de validação dos instrumentos como um item indispensável.

Para tanto, os instrumentos, (guias de entrevistas em profundidade) foram encaminhados a 5 professores-Doutores especialistas e expertos na temática estabelecida por essa pesquisa, isto é, possui conhecimento sobre a tema em questão, (**conforme anexo nº 01**) com o propósito de poder obter diferentes tipos de evidências. Viemos assim seguindo as orientações de Campoy, quando afirma que “*avaliar as propriedades psicométricas de um instrumento resulta básico para determinar a qualidade de sua medição. As suas características métricas essenciais para a precisão de um instrumento são a validade e fiabilidade*” (Campoy, 2016, p. 202).

Nesse contexto, os especialistas levaram em conta a temática de estudo e expressaram suas opiniões obedecendo a dois critérios:

1º **Clareza**: se refere a qualidade da pergunta.

2º **Coerência**: se a pergunta condiz com os objetivos da pesquisa.

Em função das opiniões dos especialistas, foram realizadas as modificações oportunas, originado o formato final do guia de entrevista que foi aplicado aos docentes alvos desta investigação.

5.8. Procedimento da pesquisa

Essa pesquisa tem como lócus de estudo a afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano na Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra em Jaboatão dos Guararapes – PE – Brasil. Com relação ao processo de pesquisa podemos afirmar que:

Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. (Minayo, 2011, p. 25)

O objeto de estudo se constitui especificamente na análise das práticas afetivas docentes nas turmas do fundamental II, como sendo uma importante ferramenta no desenvolvimento da aprendizagem significativa para os jovens.

Para isso, fez-se necessário um vasto estudo teórico, onde abordamos os principais estudiosos que contemplam esse tema. Assim, para que nós tivéssemos aportes suficientes para entender sobre a temática estabelecida e todos os fatores que contribuem com a aprendizagem desses educandos, nos detemos a analisar o maior acervo possível para que através do marco teórico pudéssemos contemplar com clareza os benefícios das práticas afetivas como construtores de seres humanos completos.

Essa primeira etapa da pesquisa (levantamento teórico) se deu entre os meses de junho a setembro com levantamento vinculada ao assunto abordado nessa pesquisa. Sendo assim, na busca em conhecer mais sobre o tema e aprimorar os conhecimentos, foi possível o acesso aos livros, revistas especializadas, artigos, documentos legais e internet contribuíram nesse sentido.

Após aprofundamento teórico seguimos com a escolha da escola para investigação, com isso escolhemos a Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra, e precisamente os professores que atuam nas turmas do 6º ao 9º como foco dessa investigação.

A segunda etapa dessa pesquisa aconteceu com a aplicação dos guias de entrevistas aos participantes, que foram os professores do 6º ao 9º ano. As entrevistas aconteceram entre os meses de agosto e setembro e ocorreram seguindo a seguinte ordem:

1º Em uma reunião pedagógica transmitimos aos participantes os objetivos dessa pesquisa através de uma CARTA DE ESCLARECIMENTO (**conforme apêndice nº 02**).

2º Os participantes assinaram a CARTA DE CONSENTIMENTO onde se propunha a participar da pesquisa (**conforme apêndice nº 03**).

3º Ainda nesse momento, agendamos o dia e a hora do encontro individual com cada participante para formalizar a entrevista.

Nos propomos a seguir orientações de Minayo (2011) para construção da segunda etapa:

Trata-se de estabelecermos uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis

repercussões favoráveis advindas do processo investigativo. É preciso termos em mente que a busca das informações que pretendemos obter está inserida num jogo cooperativo, onde cada momento é uma conquista baseada no diálogo e que foge à obrigatoriedade. Com isso, queremos afirmar que os grupos envolvidos não são obrigados a uma colaboração sob pressão. Se o procedimento se dá dentro dessa forma, trata-se de um processo de coerção que não permite a realização de uma efetiva interação. (p. 55)

Por sua vez, as entrevistas (**conforme apêndice nº 01**) foram direcionadas aos professores do 6º ao 9º ano da referida escola no dia e hora marcados pelos próprios participantes, no qual nenhum dos professores se omitiram em participar.

O momento das entrevistas foi marcado pela satisfação pessoal em poder contribuir com essa investigação. O método estabelecido para registro das respostas se deu através de gravações, pois cremos que as informações seriam recolhidas na íntegra de forma objetiva e subjetiva e nenhuma informação seria perdida.

Diante desse contexto é necessário ressaltar que os professores demonstraram imensa satisfação em participar dessa pesquisa, não havendo nenhum problema na concretização dessa técnica.

Todavia, uma das partes mais importantes da pesquisa é apresentar as repostas aos objetivos e ao problema. Portanto, o procedimento da pesquisa se concretiza na terceira etapa em que foi possível, fazer uma minuciosa análise dos dados obtidos e apresentar os resultados. Visto que, como os objetivos dessa pesquisa estão devidamente relacionados ao problema, fizemos uma análise dos dados através dos objetivos. No qual permitiu resposta ao nosso problema central da investigação.

5.9. Questões Éticas

A resolução 196/96 descreve quais devem ser os aspectos contemplados pelo **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, estrutura pelo qual os sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais, manifestarão a sua aceitação à participação na pesquisa. Por meio desse termo, o entrevistado declara que foi informado de forma clara, delineada dos objetivos da pesquisa. Além disso, ele ainda é informado sobre:

- a) A liberdade de participar ou não da pesquisa, tendo assegurado essa liberdade sem quaisquer represálias atuais ou futuras, podendo retirar o consentimento em qualquer etapa do estudo sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo.
- b) A segurança de que não será identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade, a proteção da imagem e a não-estigmatização.
- c) A liberdade de acesso aos dados do estudo em qualquer etapa da pesquisa.
- d) A segurança de acesso aos resultados da pesquisa.

Embasados por esses termos, os entrevistados se fizeram livres e consentidos em participar dessa pesquisa, tonamos todos os participantes conscientes que a ética é princípio dessa pesquisa e, portanto, guardado total sigilo e mantido anonimato de todos os entrevistados. Porém, diante dessa situação, optamos por adotar códigos para identificar os participantes. No entanto, no decorrer da análise os participantes serão identificados pelos códigos de P1 ao P12.

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O referido capítulo apresenta e analisa os resultados concisos da pesquisa, que foram produzidos a partir dos instrumentos de coleta de dados realizados na Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra no Município de Jaboatão dos Guararapes, Estado de Pernambuco, Brasil. Do mesmo modo, discorreremos sobre afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente que encaminham para uma aprendizagem significativa nas turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, a fim de responder, o que os docentes opinam acerca da temática estabelecida por essa pesquisa.

Segundo o Gil (2008, p. 175):

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Para Lakatos (2003, p. 167) análise “*é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores*”, [...] enquanto interpretação dos dados é “*a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos*”.

No mesmo contexto, Campoy (2016) define que “*análise tem como objetivo acercar o entrevistador o mais possível ao mundo ou a experiência contada pelo entrevistado*” (p55).

Assim, essa pesquisa fundamentou-se em uma análise estritamente qualitativa, no sentido de termos utilizado como técnica a entrevista em profundidade para atender os requisitos desse estudo, pois de acordo com Gil (2008):

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (p. 133).

No entanto, a presente pesquisa analisou todos dados coletados nos guias de entrevista, visando identificar a relação entre esses dados coletados mediante utilização dessa técnica e o marco teórico, buscando a relação entre o que é cientificamente comprovado e a realidade do fenômeno em seu contexto.

Como procedimentos para análise dos resultados com maior eficácia e eficiência foi realizado de forma coordenada seguindo as ações propostas pelos objetivos específicos desse estudo que foram:

- ✓ Identificar qual a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem;
- ✓ Conhecer os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo;
- ✓ Descrever recursos afetivos que se utilizam nas interações em aula;
- ✓ Identificar na sala de aula quais os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante.

Nos parágrafos seguintes, apresentamos as análises da pesquisa.

6.1. Sobre a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem

O primeiro questionamento no guia de entrevista realizado com os docentes do 6º ao 9º ano diz respeito a **conceituação da expressão afetividade**. Assim para início, pedimos para os participantes conceituar a expressão afetividade.

Analisamos as respostas desse primeiro questionamento baseados na teoria de Wallon sobre afetividade. Mediante abordagem Walloniana onde “a emoção é a primeira expressão da afetividade” constatamos que os P1, P2 e P7 comungam da mesma reflexão defendida por esse autor, pois levam em conta as mesmas convicções estabelecidas por ele.

Segundo a concepção do participante P1 afetividade é “*troca de emoções*”. P2 afirma com toda convicção que afetividade “*são emoções que sentimos quando nos relacionamos*”.

Nessa mesma abordagem para o P7 “ Afetividade “*é um estado psicológico do ser humano que se faz presente em sentimentos, desejos, interesses, valores, emoções em todos os campos da vida*”.

As afirmações desses docentes a respeito do conceito de afetividade, teoricamente falando, demonstram conhecimento teórico na mesma ideia defendida por Wallon. Diante da profunda análise dos dados percebemos a expressão *emoção* presente nas respostas desses docentes produzindo verdadeiro sentido ao conceito de afetividade.

Ainda diante da conceituação de afetividade, percebemos através da fala dos respondentes, que afetividade é conceituada de forma muito ampla e diversificada.

P4 conceitua a afetividade como forma de *“conhecer o ser humano de forma mais humilde, e saber viver de acordo com a realidade atual”*.

No momento em que abordamos a afetividade como proposta educacional de crescimento pessoal, verificamos que a maioria dos docentes entrevistados, relacionam a afetividade a um sentimento positivo, uma palavra com grande valor positivo dentro do meio educacional. Afirmamos isso com vista na opinião dos professores:

“Demonstração de carinho, respeito, sentimento positivo” (P3).

“É aproximar-se do outro, ter empatia, sentimento, graça” (P5).

“São formas de demonstrar sentimentos” (P11).

“Sentimento ou forma de mostrar respeito” (P12).

“É a troca de um sentimento e a cumplicidade entre pessoas, pode ser entendida de várias maneiras, exemplo ter afetividade pelo aluno significa ter um determinado carinho por ele” (P6).

Numa abordagem expandida, esses docentes classificam afetividade como um sentimento, ou seja, algo que acontece entre os envolvidos, onde se entrelaça com diversos valores, como o respeito, empatia e graça. No entanto, o P10 define a afetividade como uma gama de valores existentes entre os indivíduos, ele cita:

Afetividade é *“acolher, escutar, respeitar, companheirismo, gratidão, ajudar”* (P10). Nessa abordagem está incumbido diversos valores que se tornam valiosos diante do processo que se estabelece em busca da aprendizagem significativa. O P10 aponta alguns valores que são extremamente responsáveis por uma boa relação entre professor/aluno.

Sabemos então que a relação de interação entre as pessoas contribui para a aprendizagem, pois uma boa convivência, inclusive diálogo, alegria, são sem dúvidas contribuintes para o crescimento pessoal, dessa forma o P 8 expõe que a afetividade é nada mais nada menos que *“a relação de interação entre pessoas/pessoas e pessoas/mundo”* (P8). A fala desse participante nos remete a pensar sobre a teoria Walloniana, no qual aponta que ninguém aprende sozinho.

De antemão é possível afirmar que os docentes possuem conhecimento sobre afetividade, pois percebeu-se que, apesar da grande diversidade de respostas, umas estão muito condizentes com as outras.

Para então concretizar essa primeira parte da análise do conceito, o P9 conceitua a afetividade de forma científica. Ele diz que “ *a palavra afetividade vem de afeto, isto quer dizer que além de uma relação de professor/aluno, o mesmo cria uma relação afetiva com seu educando* ” (P9).

Assim, dando sequência com a análise dos dados, após conceituação do termo afetividade, prosseguimos com a intenção de responder aos objetivos dessa pesquisa no sentido de abordar a temática estabelecida na ressignificação da prática docente. Dessa forma, questionamos junto aos docentes se os mesmos **acreditam que a afetividade entre professor e aluno pode motivar o desenvolvimento da aprendizagem significativa**. Com vista no enfoque do primeiro objetivo sobre a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem podemos destacar que todos os professores apontam a afetividade como facilitadora no processo de ensino aprendizagem.

O P2 fala que “*sim, quanto maior a interação entre professor/aluno melhor será a relação entre ensino aprendizagem*”.

O P4, concorda com a opinião do P2 e responde que “*sim. Porque é através da aproximação entre aluno e professor que se aprende*” (P4).

Bem assim afirma o P5 “*sim. O vínculo de confiança estabelecida na afetividade propicia o envolvimento do aluno nas atividades diárias*”.

Diante do exposto por esses participantes, a afetividade é em todos os sentidos facilitadora do aprendizado, levando-nos a crer que essa prática está presente no dia-a-dia desses educadores. Ainda assim, podemos ainda citar o P7 como sendo também um adepto das práticas afetivas. Ele exclama: “*sim, pois a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá, determina alto-estima pois quando uma pessoa recebe afeto dos outros consegue crescer e se desenvolver com segurança e determinação*” (P7).

Em consonância com os demais o P8 afirma que “*sim. Quando o estudante sente-se ligado por um vínculo afetivo, seja ele (amizade, respeito, admiração) o interesse pela aprendizagem flui com mais facilidade*”.

O enfoque desse objetivo se destina a percepção do docente sobre a aprendizagem pautada nos princípios de afetividade, assim, quisemos saber se a relação entre professor/aluno possibilita facilitar a aprendizagem dos educandos.

Segundo a concepção do P11 *“através do afeto e dedicação se torna mais fácil o aprendizado”*. Ainda nessa linha de pensamento, o P9 expõe *“o aluno terá mais prazer em aprender se tiver uma relação afetiva com seu professor”*.

O importante nesse momento de profunda análise, corresponde a nós investigadores o entendimento de que os professores percebem que através da prática afetiva podem enriquecer suas aulas e conseqüentemente transformar os educandos em seres humanos completos.

Além de tantos benefícios apontados nesse questionamento, alguns professores denotam grandes benefícios quanto a assimilação dos conteúdos quando feito por intermédio das práticas afetivas. *“Quando o professor demonstra carinho pelo aluno acredito que aquele afeto pode se tornar um meio de conquistar o aluno a produzir mais e ser mais atencioso”* (P6).

“Acho que quando existe um sentimento positivo entre ambas as partes a aula fica agradável e há uma facilidade de transmissão do conteúdo” (P3).

“Sim. Os alunos de certa forma eles pedem afetividade. Eles querem que o professor possa escutá-los” (P1).

Intermediados pelo objetivo proposto nesse princípio de análise, é perceptível o quão se torna importante uma abordagem afetiva mediante as práticas pedagógicas. Até aqui, fomos impactados pelos diversos benefícios da ressignificação da prática docente.

“Sim, pois quando existe uma boa relação entre professor e aluno facilita para ambas as partes” (P12).

Assim, após a nossa confirmação sobre esse questionamento, aprofundamos nos conhecimentos mediante em saber **de que maneira a afetividade favorece a aprendizagem dos alunos.**

Tomando por base esse questionamento, os professores puderam apontar as maneiras que recorrem em favor da aprendizagem dos educandos. Com isso apontamos para as similaridades das respostas de três docentes, no momento em que citam o *“respeito”* e a

“*confiança*” formas de convivência indispensáveis na relação professor/aluno e também requisitos indispensáveis para aprendizagem.

“*Adquirir entre aluno e professor confiança e respeito*” (P11).

“*Através da confiança*” (P5).

“*Por ser também motivacional, fazendo com que haja mais intimidade gerando confiança e respeito*” (P12).

O crescimento pessoal dos estudantes está profundamente relacionado com a convivência desse no meio social, isso é provado cientificamente por vários autores, no qual afirmam categoricamente que ninguém aprende em meios a situações de opressão, de rigor e rispidez. Para o (P8): “*quando o estudante se sente ligado afetivamente ao professor ou aos colegas de sala o interesse pela disciplina é notória. É muito comum ouvir os estudantes: -Eu não gosto de matemática mais faço as tarefas porque gosto da senhora*”.

Do mesmo modo “*quando o professor demonstra carinho pelo aluno acredito que aquele afeto se torna um meio de conquistar o aluno a produzir mais e ser mais atencioso*” (P10).

Um fato muito interessante encontramos na fala desse professor, onde nos mostra o poder das práticas afetivas, no momento em que realiza as atividades pelo afeto que tem pelo professor.

Assim mesmo podemos reforçar nossa análise referente a essa abordagem quando o (P9) diz “*favorece no sentido de o ambiente ser agradável na sala e não um ambiente opressor, assim o aluno sentirá estimulado para querer aprender*”.

Mesmo diante de alguns argumentos cientificamente provados, alguns docentes ainda hoje acreditam que o aprendizado depende muito mais do próprio aluno do que da afetividade que é dedicado a ele. Portanto, o P6 diz: “*na minha opinião a aprendizagem depende muito mais do interesse do aluno do que da afetividade. A afetividade pode ajudar a conscientizar o aluno a estudar, para adquirir conhecimentos acadêmicos*” (P6).

Entretanto, uma relação de confiança entre ambas as partes facilita a convivência entre professor e aluno, pois de acordo com P1 “*o aluno se sente mais confortável, pois sabe que pode contar com o professor*”. A confiança estreita os laços, facilita o contato. Assim mesmo reflete o P3: “*acho que a afetividade faz com que o aluno sinta o compromisso de mostrar*

ou querer mostrar o que está aprendendo, também fica mais fácil de falar quando não entende". O professor 3 quis mostrar que um aluno bem acolhido não carrega consigo o medo de sanar suas dúvidas, de se expressar perante toda a sala.

O P2 comunga da mesma ideia pois *"acredita que quebra as possíveis barreiras invisíveis e o aluno fica mais tranquilo em perguntar ao professor e tem a certeza que sempre poderá contar com ele"* (P2).

Analisando a concepção dos docentes a respeito das possíveis maneiras que favorecem a aprendizagem, percebemos também que alguns veem a escola como uma segunda casa onde os alunos se sintam bem acolhidos por todos os profissionais da instituição.

"A escola é a extensão do lar para os educandos, então quando ela se sente amada, segura e protegida pelos funcionários que estão à sua volta, nesse caso o processo de aprendizagem vai acontecer de forma mais significativa e satisfatória" (P7).

A escola é caracterizada por esse docente como algo muito maior do que apenas um lugar para transmissão dos conhecimentos sistematizados, isto é a escola, torna-se em sua visão lugar de acolhimento e proteção.

Diante do exposto, analisando as respostas dos docentes fica evidente que a responsabilidade do professor vai muito mais além da transmissão dos conteúdos sistematizados. Nessa abordagem e após profunda análise de todas as respostas temos condições de mencionar que a afetividade, mesmo que abordada em várias esferas, estão presentes nas práticas pedagógicas dos referidos participantes.

Porém, mesmo percebendo que os professores têm a consciência dos benefícios das práticas afetivas para o desenvolvimento dos educandos, sabemos que existem desafios ou até mesmo dificuldades para concretizar essa ação em sala de aula. Assim, com a finalidade de descobrir quais são as dificuldades que os docentes enfrentam para inserir a ludicidade em suas salas de aula, interrogamos junto aos participantes **quais as dificuldades que eles consideram que pode haver para aplicar uma metodologia afetiva em aula.**

Diante das constatações obtidas os participantes P8, P11 e P12 relatam que não possuem *"nenhuma"* dificuldade em métodos afetivos em sala de aula. Entretanto alguns professores relatam que os alunos confundem a afetividade com ser *"bonzinho"* e essa confusão acaba atrapalhando os vínculos afetivos transformando-os em dificuldades para

todo processo. Estamos embasados pelos seguintes professores, que citam em suas respostas esses acontecimentos.

“ Uma relação afetiva deve ser aplicada de maneira ponderada, a fim de que o discente não venha considerar que o professor é “muito bonzinho” e perca o respeito e limite em sala de aula” (P3).

“Tudo em excesso poderá confundir o vínculo. E o aluno poderá ver aquela relação tão estreita e pensar que é tão amigo do professor a ponto de desrespeitá-lo” (P2).

Bem assim cita o P6: *“Um dos fatores é o sistema de interpretação do aluno, isto é, a troca de afetividade com liberdade, quando na verdade o gesto de afetividade não pode ser confundido, o professor por sua vez tem que ser cauteloso com tal gesto e sentimento”.*

Analisando as constatações referente a opinião desses participantes, percebemos que os mesmos apontam que os alunos não sabem diferenciar afetividade de bondade, ou seja, para esses professores os alunos quando tratados com afetividade se acham no direito de desrespeitar o docente, visto que um docente argumenta que é necessário saber dosar o nível do afeto para que esse aluno não ultrapasse os limites.

Diante das dificuldades apontadas pelos docentes que participaram dessa investigação, a *“indisciplina”* e o *“mal comportamento”* estão entre os fatores mais citados, quando estão relacionados com as dificuldades enfrentadas diariamente em sala.

“Dificuldades externas, outra dificuldade é o aluno ser difícil, indisciplinado. Assim o professor terá dificuldade em aplicar uma metodologia afetiva” (P9).

Como também o (P1): *“Turmas numerosas, mal comportamentos dos alunos, timidez de alguns, resistência de outros em interagir nas aulas”.*

“O mal comportamento em sala de aula” (P4).

O P6 contextualiza sua opinião de uma forma mais enfática: *“nem sempre agradamos a todos, mesmo tratando bem e respeitando o ser humano é complexo, muitas vezes ele tem consciência dos seus atos; mas, não obedece, não acata, não procura melhorar sua indisciplina e comportamento”.*

Para concluir essa parte da análise dos dados apontamos para o professor P7 que destina reflexões diferentes dos demais:

“Infelizmente ainda existem profissionais que não acreditam na pedagogia do amor, julgando inapropriado o tratamento humanizado com os educandos, dificultando assim as práticas dos profissionais que trabalham com a afetividade” (P7).

Por conseguinte, concluímos aqui a primeira parte da análise, que tratou sobre a percepção docente sobre a aprendizagem pautada na afetividade, em que embasados pelas respostas dos participantes pudemos dar sentido e veracidade a interpretação desse primeiro objetivo. Em seguida passamos a analisar o segundo objetivo específico dessa investigação.

6.2. Sobre os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo

Para a nossa análise foi importante descobrir as manifestações afetivas presentes no contexto escolar, para isso, solicitamos a reflexão dos docentes em si perceber como profissionais que vivenciam esses momentos em sala de aula, ou seja, olhar para si próprio e para suas ações, foi a proposta estabelecida por esse objetivo.

Contextualizando o objetivo proposto por essa análise perguntamos aos docentes como ele se **descreve em sala de aula em relação suas atitudes afetivas**. O P3 afirma que tem *“um bom relacionamento em sala de aula, acho que mostro aos alunos que tenho carinho e respeito por eles e que almejo que eles alcancem a aprendizagem significativa”*.

“Sou um professor que crio vínculos de amizade com meus alunos” (P2).

“Tenho uma relação profissional, afetividade deve ser exercida o tempo todo na forma de tratar e o respeito mútuo na sala de aula” (P6).

“Eu mantenho uma relação afetiva muito produtiva com meus alunos buscando compreender as características emocionais deles e me fazendo próxima” (P8).

Perante o que foi pronunciado pelos docentes, vimos a importância e o devido valor com que esses profissionais atuam em sala de aula. Em todas as falas, a afetividade é citada como algo positivo e presente na vida acadêmicas desses participantes. As representações das manifestações afetivas devem estar presentes no cotidiano escolar, e isso deve ser perceptível pelos educandos, como dito pelo professor, é importante o respeito mútuo entre professor e educando.

Nesse entremeio o P1 cita o diálogo como uma importante manifestação afetiva que utiliza na concretização de uma relação humanizada. Ele diz *“procuro manter o diálogo, atenção, tudo para melhorar o convívio”* (P1).

Na concepção que nos permite analisar, não há limites para distribuição de afeto, não há porque economizar nas práticas que favorecem a motivação e entusiasmo aos educandos, pois de acordo com o (P6) *“o pouco de carinho que tento dar em sala de aula, acredito que seja o suficiente para que meus alunos entendam que eu tenho afeto por eles”*.

A afetividade necessita ser compreendida corretamente, para que não seja estabelecida de maneira errônea. Ser afetivo com os alunos não é exercer o papel de mãe deles. Os educandos necessitam receber entusiasmo, motivação para sentirem-se seguros na

sua caminhada educacional. O docente que se propõe a intervir na vida dos alunos, deverá fazer isso com todos os alunos. Segundo o P5 ele consegue exercer prática afetivas com *“alunos que conheço a mais tempo”* (P5).

Mais uma vez a palavra *“cautela”* é citada por um professor. O P12) exclama: sou *“cautelosa, dando o devido tempo para conhecer mais”*.

Bem assim o (P11): *“no início é preciso conhecer um pouco mais, tendo paciência e controle”*. Descreve-se então a dosagem dos atos afetivos, como expressado anteriormente.

Todavia o P9 expressa sua opinião de forma mais concisa, pois estabelece em sua fala que a afetividade necessita ser estabelecida de maneira a não perder a autoridade da turma. Vejamos.

Minhas atitudes em sala de aula com os alunos são de afetividade, porém deixando claro que regras e normas precisam ser seguidas” (P9). Ser afetivo de acordo com esse docente não é deixar os alunos fazer o que querem e com isso perder o respeito, como citado anteriormente por outro docente.

Algumas manifestações foram traduzidas em palavras como: *cautela, carinho, diálogo, amizade, respeito, paciência* no qual foram citadas por esses docentes durante o momento da entrevista. No entanto, analisando o sentido dessas palavras no campo da ressignificação docente, temos aqui expostas como manifestações afetivas vivenciadas na prática desses docentes.

Com a continuidade dessa análise perguntamos aos participantes **como é a sua relação com os alunos**.

Esse questionamento foi de grande valia porque conhecemos um pouco sobre a relação existente entre professores e educandos, visto que, uma boa relação enriquece e facilita o processo de aprendizagem. Nesse sentido 11 (onze) dos 12 (doze) entrevistados assumem que tem uma boa relação com os alunos.

“Muito boa, temos uma ótima relação com muito respeito” (P9).

“Mantenho uma boa relação com meus alunos, inclusive recebe notícias de alunos e continuo ajudando no que for possível mesmo quando passa para o ensino médio” (P8).

“É legal a nossa relação, acho que temos uma boa relação aluno/professor” (P6).

“Sim. Recebo mensagens carinhosas em meu celular diariamente, além dos abraços, beijos e diversas demonstrações de afeto” (P1).

Enfatizamos nessa parte da análise algumas palavras que denotam afetividade diante das falas dos participantes. Essas palavras representam para os professores afetividade vivida diariamente na sala de aula através da relação com seus alunos.

As palavras que representam a afetividade são as seguintes: *“amigável” (P2); “respeito, reciprocidade” (P12); “tranquila e confiável” (P11).*

Analisando as comprovações a respeito desse questionamento percebemos uma equipe docente envolvida pelos sinais da afetividade, em suas palavras tivemos a convicção do esforço e da dedicação, sempre envolvidos em construir uma satisfatória relação com os alunos. Apenas 1 (um) dos participantes alega não conseguir fortalecer uma boa relação com os alunos.

“Na maioria das vezes não consigo manter uma boa relação pessoal com os alunos” (P5).

A relação estabelecida entre professor e aluno é um dos principais enfoques desse estudo, no que diz respeito a ressignificação das práticas docente, e diante das respostas analisadas e interpretadas em profundidade destacamos o empenho dos professores em desenvolver um trabalho de qualidade embasados pelas práticas afetivas.

O P7 relata em sua resposta que *“gosta muito de conversar, de colocar no colo, de ouvir com atenção o que cada um tem para contar, valorizar e motivar sempre, tanto no erro como no acerto e encorajá-los a sempre fazer o melhor” (P7).*

A continuação da análise se deu no momento em que abordamos o equilíbrio entre um questionamento e outro. Nesse momento foi importante saber dos participantes dessa pesquisa se é possível conciliar **rigor** com **afetividade**.

O equilíbrio que procuramos nesse momento é saber se os professores que se dizem afetivos conseguem ser rigorosos e afetivos nesse mesmo processo. Pois como os dados informaram no primeiro objetivo dessa análise, que alguns docentes citam que ser afetivos para alguns alunos é ser bonzinho.

De acordo com o Aurélio rigor significa ausência de maleabilidade; rigidez, dureza. Nesse significado abordamos profundamente se os professores conseguem conciliar uma

prática afetiva com o rigor. Diante dos dados recolhidos todos os professores afirmam que é possível equilibrar entre esses dois fatores.

“O professor quando demonstra um carinho pelo aluno acredito que aquele afeto se torna um meio de conquistar o aluno a produzir mais e ser mais atencioso” (P6).

“Sim. Para cada momento existe um tratamento” (P3). Segundo esse docente, cada momento deve ter um tratamento específico, ou seja, ninguém pode ser sempre afetivo.

Justificamos a fala do P3 através da resposta do P1: *“acredito que sim, pois comigo funciona às vezes, não dar para ser bonzinho toda hora, é preciso haver equilíbrio. É com afetividade percebo que nos momentos de impor mais rigor consigo respeito e colaboração da turma”* (P1).

Os propósitos da rigorosidade em sala de aula são estabelecidos também de forma a impor limites. Para os docentes P2 e P12 ser rigorosos no momento certo é ser coerente com a proposta educativa significativa. *“O Educador comprometido com sua proposta de educação deve afirmar a rigorosidade”* (P11).

Eles refletem o agir com rigor da seguinte maneira:

“É preciso estabelecer limites para não perder o propósito” (P12).

“Acredito que sim, tudo na vida tem um limite” (P2).

Toda via, o rigor vem sendo aplicado de várias maneiras no contexto educativo, haja vista que sempre aplicado com as melhores intenções pelos docentes. Assim, é possível identificar que o rigor estabelece medidas de controle quando a indisciplina de alguns alunos.

Para o (P6) *“quando possível, sofremos agressões verbais o tempo todo, quando não chamamos atenção ou não são corrigidos”*.

No momento em que contestamos a **importância da afetividade para a construção de valores fundamentais para a prática docente** queríamos compreender se as teorias dos conhecimentos dos professores estavam interligadas com a importância da afetividade na construção ou na reconstrução de valores na vida dos educandos. O fato é que três professores não conseguiram opinar a respeito dessa pergunta. Não conseguiram nesse momento estabelecer um elo entre a afetividade e seus benefícios na prática de valores.

Contudo, as manifestações percebidas pelos professores correspondem a forma de convivência em sala de aula. De acordo com a maioria dos participantes esses valores estão presentes na interação entre ambas as partes em diversos momentos da aula, quando percebem os alunos mais próximos um dos outros, uma relação mais aberta e dinâmica tornando mais perceptível o respeito para com o outro.

“Acho importante devido ao professor ser um espelho para os alunos, com afetividade é mais fácil transmitir respeito, limites e até mesmo aconselhar (P3).

“Eu acho que ser quando se é afetivo a turma e a aula fica mais dinâmico. O professor consegue cativar e entusiasmar a aula” (P1).

O objetivo da construção de valores para os educandos deve ser sem dúvida algo que deve ser de conhecimento dos docentes que desejam acrescentar algo de positivo na vida de seus alunos. Nesse contexto o P2 contribui com sua opinião:

“Trabalhar a afetividade baseada em valores “nos torna profissionais mais abertos aos alunos a ponto de percebermos os seus anseios com relação a determinado conteúdo” (P2).

Porque a afetividade *“é um sentimento que mostra considerável valor para o aluno e professor” (P11).*

Os valores humanos devem ser resgatados dentro da escola, através de práticas que confirmem a importância desses valores para toda vida desses alunos. Por sua vez *“o fazer pedagógico rotineiro nos ajuda a desenvolver nas crianças o senso de responsabilidade, respeito pelo professor, pelos colegas e todas essas práticas ajudam na construção do conhecimento e da aprendizagem” (P7).*

Portanto para o (P6): *“a afetividade tem um papel fundamental na vida; mas, nas escolas não é fácil usar só a afetividade para conquistar ou exercer o papel docente”.*

O P6 aborda em suas falas um teor diferenciado dos demais docentes. Em vários questionamentos mostra o valor da afetividade, porém, demonstra em vários momentos não estar de acordo com as práticas afetivas exclusivas na escola.

Até esse ponto da análise enfatizamos as manifestações percebidas através das práticas docentes, nesse próximo questionamento focamos na percepção do docente quanto a relação

estabelecida pelo discente para com ele. **E perguntamos aos docentes se no dia a dia escolar é possível identificar relação de afeto dos alunos para com ele.**

Para essa pesquisa, tomamos como princípio a interação entre os participantes do processo educativo, o interesse nesse questionamento se deu no momento de perceber se apenas o professor demonstra atos de afetividade e/ou os educandos são percebidos como atores afetuosos e interativos.

A demonstração de afetividade está presente para o (P9): *“Sempre quando chego os alunos vem ao meu encontro me abraçar. E quando peço para eles fazerem algo eles fazem por ter respeito e afeto, diálogo quando ocorre algum problema”*.

“Eles demonstram afetividade nos abraços, nos beijos, nas palavras, nas cartas recebidas, nos desenhos, na obediência, no respeito” (P7).

“Eles gostam de ser notados, adoram beijos e abraços” (P5).

Existe concordância entre as respostas desses dois docentes. Eles caracterizam o contato físico à afetividade.

O importante nessa etapa da análise foi a compreender se os professores notam afetividade por parte dos alunos. Nesse contexto o P6 afirma que *“podemos notar quando o aluno é afetivo, quando demonstra em um bilhete a importância daquela professora para ele, pode demonstrar com um olhar, um gesto”* (P6).

O P4 descreve três palavras para dar sentido a afetividade em sua sala de aula *“companheirismo, carinho, afeto”* (P4).

O fundamental ocorre ao perceber que além dos professores demonstrarem que suas práticas correspondem a resignificação das práticas pedagógicas afetivas os alunos também demonstram as mesmas ações para com eles. Fortalecendo os vínculos de interação entre os principais participantes desse contexto.

Para que isso ocorra uma manifestação afetiva presente na fala do P2 é relevante nesse andamento. *“É possível sim identificar afetividade nos alunos. Eles sempre vêm conversar e sabem que pode contar comigo”* (P2).

Mais uma vez o diálogo se torna presente como manifestação de afetividade, isso acontece na fala do (P12): *“o diálogo e o respeito transmitidos através dos atos”*.

Apenas como forma de análise, queremos aqui apresentar a fala do P6 em que mais uma vez demonstra dificuldades no exercício da docência plantada nas práticas afetivas. Vejamos:

“Como a sala é super volumosa e heterogênea é possível um ou outro demonstrar afeto, carinho e muito respeito. Outros não” (P6).

A citação desse docente conclui assim a análise desse segundo objetivo, expomos aqui que as respostas foram extremamente importantes para análise do referido objetivo. Os participantes foram objetivos e claros em suas respostas concretizando satisfatoriamente a conclusão dessa parte da análise.

6.3. Sobre os recursos afetivos que se utilizam nas interações em aula

Entre as intenções que dão sustentação a análise desse objetivo está principalmente em descrever a partir das respostas dos participantes os recursos afetivos humanos e tecnológicos que eles utilizam e que já se fazem presentes nas interações em sala de aula. Esse ponto enriquece nosso discurso, visto que, os dias atuais exigem de nós todos adequar-se as novas propostas educacionais que estão a favor da construção de seres humanos completos.

Para então dar início a análise desse ponto pedimos para os participantes **descrever alguns pontos que demonstram atitudes de afetividade entre professor e aluno.**

Destacamos nesse ponto uma estreita relação entre os recursos humanos e os valores que dão significado a essa questão.

“Respeito, perguntar como o aluno está, chamar o aluno pelo nome mostrando que o conhece e se importa com ele” (P3).

“Um elogio, um sorriso, um bom dia mais carismático” (P6).

“Relação de respeito e cordialidade, compartilhar com o professor suas expectativas, suas experiências e dificuldades. Confiança em compartilhar segredos e situações cotidianas” (P8).

“Respeito mútuo, atitudes de carinho no agir e no falar” (P9).

“Respeito ao falar, olhar, agradecer, conversar sobre a família” (P6).

Por sua vez, destacamos a palavra “*respeito*” como um recurso afetivo citado pela maioria dos professores, visto que, denotam tamanha importância em estar presente nas interações educacionais. O método descritivo nos permite nesse momento descrever que os valores considerados indispensáveis estão presentes nas salas de aulas da referida instituição.

Ainda nesse contexto podemos descrever a “*interação*” como um recurso afetivo presente na fala de dois professores. De acordo com os dois participantes a afetividade melhora a interação para ambas as partes como também contribui no melhor desempenho dos educandos.

“A interação e o saber ouvir” (P12).

“A interação contribui com melhor desenvolvimento. Podemos identificar nos trabalhos em equipe” (P11).

Dentro das características principais desse aspecto podemos destacar o P7 quando diz: *“É muito gratificante chegar no trabalho e ser recebido com um abraço, com beijos, brincar e conversar com os educandos são atitudes que demonstram interação nas relações” (P7).*

Como viemos assinalando as principais ocorrências, nesse ponto queremos também definir como recursos afetivos o diálogo entre professores e alunos.

“A cordialidade, conversas assuntos extraescolares em comum” (P5).

“Nas conversas individuais onde algumas coisas são expostas” (P2).

A confiança em expor assuntos comuns e extraescolares são para os professores atos de confiança e de uma estreita relação entre eles. Nesse ponto destacamos a conversa com recurso humano afetivo.

Para análise desse objetivo constamos junto aos participantes **sobre a importância do diálogo na relação entre professor e aluno**. Analisando a fala dos docentes em relação a esse questionamento temos todos os participantes favoráveis ao diálogo e confiantes também dos benefícios dessa prática em aula. Portanto elencamos a fala do P7 para melhor compreensão:

“O diálogo é fundamental em qualquer tipo de relacionamento, é muito importante aprender e ouvir o outro para que possamos entender e nos relacionar melhor com mais compreensão e respeito” (P7).

Esse docente aponta o diálogo como fundamental nas relações escolares e em qualquer tipo de relação. Bem assim afirma o P1 a importância do diálogo:

“Muito importante. Aprimora as relações professor/aluno e do aluno com a sociedade e estreita situações conflitantes de envolvimento com drogas e marginalização” (P1).

O docente P1 afirma que o diálogo com sua tamanha imponência tem condições de resolver grandes problemas que não são apenas relacionados ao contexto educativo, mas, consegue intervir também nos problemas sociais que enfrentam os adolescentes.

Nesse mesmo pensamento o (P6) diz: *“é um dos pontos mais importantes na relação professor/aluno, pois é a partir daí que podemos resolver vários conflitos e questões”.*

“O diálogo é muito importante para que o professor e o estudante mantenham uma boa relação. Através do diálogo as relações de afetividade se estreitam” (P8).

Baseado nas falas dos participantes podemos dizer que o diálogo é visto como a mais importante forma para estreitar as relações entre professores e estudantes, é citado por todos professores como um recurso que necessita estar presente em qualquer momento do processo educativo e também fora dele, pois tem o propósito de construção de valores e de uma verdadeira relação humanizada.

Haja vista não ser apenas flores a prática da afetividade, quisemos saber dos participantes **se os alunos veem sinais de debilidade no docente que pratica esta metodologia afetiva e como ele soluciona essas questões.**

Diante desse questionamento tivemos divisão de opiniões. No que tange as repostas sim apontamos o (P9):

“Sim. Soluciono através do diálogo e mostrando aos alunos que é possível ser amigo e ter uma relação de respeito sem confundir as coisas”.

Assim mesmo o (P5): *“Sim, falando sobre a importância da afetividade conseguimos resolver a situação”.*

No entanto, alguns professores relatam que nem sempre a afetividade é enxergada como uma fraqueza do docente, pois os alunos já conseguem perceber que essa prática é algo rico e também grande contribuinte para o seu desenvolvimento.

O P11 pronuncia *“não vejo tais sinais”.*

“Não, mas, se acontecer resolvemos através do diálogo” (P12).

“Não vejo nenhum problema nisso” (P6).

A fala do P7 promove uma boa reflexão, em sua fala ele diz: *“Não, trabalhar de forma afetiva não significa demonstrar fraqueza e eu acredito que os estudantes não veem dessa forma, pois as mesmas têm respeito e obediência sendo tratadas com amor”* (P7).

Apesar da discrepância entre as opiniões percebemos que quando essas situações são observadas em sala de aula os professores utilizam o diálogo para tentar resolver.

Atingimos nossos objetivos com relação a esse ponto ao percebermos que foram identificados recursos afetivos nas falas de todos os participantes, visto que, diante da

interpretação dessas respostas, cremos que além de estar sendo pronunciados pelos docentes esses recursos estão presentes diariamente na sala de aula.

Por sua vez, palavras que expressam valores são expostos objetivamente com tamanha importância para a vida de todos os educandos. Assim concluímos a análise desse terceiro objetivos cientes de que atingimos a expectativa dessa investigação.

6.4. Sobre os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante

Ao abordamos esse objetivo em nossa pesquisa, estávamos preocupados em compreender quais os fatores que impedem e que facilitam a relação entre professores e alunos. Pois sabemos que existem entraves que acabam dificultando a interação entre ambas as partes e que conseqüentemente prejudicam o desenvolvimento dos educandos no processo de aprendizagem realmente significativa.

Dessa forma ouvimos a opinião dos professores em diversos questionamentos em que pudemos ler, analisar e interpretá-las de forma a compreender e responder a esse objetivo.

Começamos perguntando aos participantes **se as formações contínuas podem contribuir no sentido de fortalecer os vínculos de afetividade entre professor/aluno**. Dos 12 (doze) participantes 7 (sete) afirmam que as formações contínuas facilitam e estreitam os laços afetivos e contribuem no sentido de aprimorar as práticas pedagógicas, para o P7 para que isso ocorra as formações necessitam abordar essa temática em seu teor. *“Se a formação for voltada para esse tema, sim, principalmente para o docente que ainda tem resistência em praticar uma pedagogia afetiva”* (P7).

O (P6) expõe uma mesma ideia do participante anterior. *“Sim, se as formações tiverem relação a esse tem é sempre proveitoso”*.

No caso desses dois participantes não basta apenas formações contínuas e sim formações que abordem a afetividade como pratica construtiva de relações humanizadas e contribuintes da aprendizagem significativa.

Mais um professor afirma que as formações têm um importante papel nas práticas docentes. *“Para que isso aconteça, as formações terão que adotar um novo modelo. Inclusive no formato”* (P8).

O termo ‘mudar de formato’ apontado pelo P8 diz respeito a inferir informações a respeito dessa temática nas reuniões já existentes.

Ainda apresentado uma opinião favorável as formações assinalamos também o (P3): *“Pode sim contribuir para aprendizagem, porque facilita repassar um conteúdo numa turma com um bom relacionamento interpessoal”*.

Para enfim demonstrar através das falas dos participantes o valor das formações, destacamos a opinião do P9 que retrata com muito brilhantismo a eficácia das formações na vida acadêmica dos docentes.

Sim. O professor nas formações continuadas aprenderá mais sobre como conseguir um relacionamento de afetividade com seu aluno, pois o mesmo virá perceber que o aluno mais problemático geralmente tem problema familiar e conhecendo esse problema facilitará para que o professor entenda o comportamento do aluno (P9).

No entanto, como relatado anteriormente, nem todos os professores veem contribuição nas formações contínuas com relação a enriquecimento dos vínculos afetivos. Por vários motivos conseguimos expor nesse momento. Para o (P1) “*não. Porque as formações ocorrem de forma técnica, contemplando apenas as trocas de conteúdo*”. Ou seja, como exposto pelo P7 as formações que envolvem essa temática seriam sim muito proveitosas.

Nesse mesmo pensamento o (P5) diz: “*não. As formações priorizam o conteúdo e metodologias*”.

No momento em que esses docentes demonstram insatisfação com relação as formações, podemos citar o P6 como mais um docente que não vê contribuição nas formações que participa. “*Não, nas formações não se relata nenhum assunto sobre relacionamento professor/aluno, relata como trabalhar com o aluno certos conteúdos na sala de aula*” (P6).

Para o P2 uma coisa não tem nada a ver com a outra. Relata: “*não. O vínculo afetivo é uma relação pessoal entre professor e aluno e não tem como capacitação aumentar ou melhorar esse vínculo*”.

Para melhor responder a esse objetivo fizemos mais um questionamento junto aos participantes, ou melhor, quisemos saber **as principais dificuldades que o professor encontra para adotar postura e metodologia afetiva**. Em meio ao debate, podemos afirmar com segurança, que o principal motivo apontado pelos participantes, está ligado a fatores externos, “*problemas familiares*”.

Para o (P11) temos dificuldades “*quando falta colaboração do aluno e da família*”.

Já para o (P7) as dificuldades se dar pela “*incompreensão por parte da gestão escolar e da família dos educandos*”.

No mesmo sentido o (P6): *“Primeiro a diversidade de comportamento é grande, a condição do aluno com a família reflete na sala de aula gerando indisciplina e insatisfação; a falta de educação”*.

Esses três docentes citam o aspecto familiar com sendo um dos fatores que emergem para as dificuldades interacionista em sala de aula.

Além da família, outros pontos são marcados como desafios para a adoção da metodologia afetiva. Como relatado anteriormente, nesse capítulo de análise, em que o professor diz que os alunos confundem afetividade com ser “bonzinho”. Aqui o P6 reflete de uma forma muito semelhante *“o aluno pode confundir afetividade com liberdade, quando na verdade não é a real intenção”* (P6).

Para o P12 o passado do educando traz marcas tanto positivas quanto negativas que refletem na sala de aula, entretanto ele relata *“a adaptação de alunos que já vieram com um histórico passado”* dificulta a interação (P12).

As constatações sobre as dificuldades de inserção das práticas afetivas não param por aqui. Outro fator que podemos destacar está relacionado ao comportamento dos alunos em sala de aula. Dois professores destinam as dificuldades a esses fatores.

O (P3) argumento que *“a falta de limites de alguns alunos. Alguns precisam ser moldados para aprender a respeitar os professores e os alunos”*.

Já para o (P1) o *“comportamento dos alunos, o fato de os alunos acharem que o professor afetivo não tem firmeza”*.

A abordagem desse item enriquece o universo pedagógico no intento de compreender os *“porquês”* de muitas dúvidas que permeiam o meio educativo, e para finalizar apontamos a angustia de um participante que afirma que a maior dificuldade que ele encontra é justamente *“manter as aulas alegres, dispostas e conhecer o universo de cada aluno”* (P4).

Apontados as dificuldades no item anterior, mostraremos agora a análise referente ao seguinte questionamento: **A indisciplina dificulta a interação entre professor e aluno? Qual sua postura diante dessa situação?**

As respostas de todos os participantes afirmam que *“sim”*. A indisciplina é um dos fatores que impedem a relação entre professores e alunos. Embora apontem algumas posturas para resolução desse problema.

Para o P7 o trabalho afetivo é contínuo e incansável, ele *relata* “*o trabalho contínuo da afetividade vai aos poucos moldando e ajustando as situações, é válido lembrar que a participação da família é fundamental nesses casos*”. Assim, sua postura acima de tudo é intervir junto a família para juntos tentar resolver a situação.

Segundo o (P6) “*é o maior desafio manter a disciplina*”.

Algumas outras situações são relatadas como forma de resolver essa situação, por exemplo:

“*Com conversa é possível encontrar uma solução*” (P12).

“*Cada um deve responder pelos seus atos, converso com o aluno, caso não tenha jeito advertência*” (P3).

Após diversos questionamentos onde levantamos várias questões referentes a ressignificação das práticas docentes, levantamos o seguinte questionamento: **Você acredita que algum fator externo pode contribuir ou dificultar a relação entre professor e aluno?**

O P6 e o P2 não estabelecem relação entre fatores externos e relações escolares. Já o restante dos participantes atribui vários fatores externos que dificultam essa interação escolar. Três participantes citam mais uma vez a família como responsável por esses fatores. Podemos citar:

Para o (P7) “*diversos fatores externos podem prejudicar essa relação, a família, as drogas, a violência*”.

O (P4) diz que “*a participação da família deixa a desejar nesse sentido*”.

Não é diferente para o (P12) “*problemas familiares*”.

No entanto uma opinião veio bem a calhar, pois estar de acordo com a realidade que se encontram as escolas. As instituições estão mais preocupadas com a transmissão de conteúdo do que as relações interpessoais que caracterizam uma aprendizagem significativa. O (P5) diz que “*o modelo de educação conteudista*” é um importante fator de desacordo com a realidade e com a prática afetiva.

Para o P8 o problema não necessariamente precisa ser externo, a própria instituição às vezes não oferece condições para estabelecer essa prática. Ele reflete “*quando o ambiente*

escolar não oferece condições de socialização ou dificulta a relação e o convívio entre professor e aluno”. (P8).

Após nos depararmos com variadas situações, é de suma importância saber dos participantes se diante de tantos entraves eles se sentem **preparados para desenvolver uma metodologia afetiva em aula.**

Nessa abertura pudemos ter conhecimento sobre a preparação dos professores participantes desse estudo, e dessa forma todos eles se sentem preparados para desenvolver uma prática afetiva.

Podemos exemplificar através da fala do (P3): *“acho que tenho uma metodologia afetiva, acredito que nossas relações diárias são boas”.*

Contribuímos ainda com a opinião do (P1): *“eu tento dar o meu melhor em sala de aula e consigo obter bons resultados”.*

Queremos saber se essa preparação acontece através do meio natural no modo de ser, ou se eles frequentam alguma formação que contemple essa temática e por isso estão sendo preparados para exercer com segurança uma prática docente afetiva. Com isso, argumentamos com os participantes se eles dispõem de **formação contínua que aborde as práticas afetivas.**

Mesmo todos os professores se sentirem preparados para essa prática nem todos participam ou dispõem de formações contínuas que favoreçam essa atividade. Dos participantes apenas quatro disseram que frequentam ou já frequentaram formação dentro dessa perspectiva. O restante nunca sequer tivera a oportunidade de aumentar seus conhecimentos através de reuniões pedagógicas que aborde as práticas afetivas.

“Sim. Sempre que tenho oportunidade de me aperfeiçoar procuro um curso” (P4).

“Estou sempre me preparando. Atualizando os conhecimentos” (P11).

Para então concluir a análise dos nossos objetivos quisemos saber se a escola possui **projetos que aborda a importância das práticas afetivas.** No entanto, através das respostas dos participantes podemos afirmar que a escola investigada Marechal Eurico Gaspar Dutra não possui nenhum projeto vigente para os professores dessas turmas.

Com isso, concluímos aqui nossa análise, conscientes que através da técnica utilizada foi possível responder a todos os objetivos de maneira precisa e objetiva. Demos respostas coerentes a todos os objetivos propostos nessa investigação.

6.5. Sobre as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa

Para prosseguir, daremos nossa análise geral aos objetivos específicos respondendo assim ao objetivo geral da nossa investigação que foi: **analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa.**

A análise geral foi possível porque abordamos diversos questionamentos que de maneira segura responderia a esse objetivo. No momento em que apontamos esse objetivo como o norteador para os demais, tínhamos a certeza que através dele estaríamos no caminho certo para conhecer e compreender as práticas docentes existentes na referida escola onde ocorreu essa investigação.

Através do estudo minucioso das respostas dos participantes constatamos que os mesmos desempenham dentro de suas condições pedagógicas e estruturais uma prática que está diretamente voltada para a afetividade. Em muitos momentos eles definem a afetividade como um caminho para a aprendizagem significativa.

Além do mais, demonstram conhecimentos sobre afetividade e sobre a importância de manter uma relação alegre e dinâmica em sala de aula.

Apesar de em muitos momentos definirem as grandes dificuldades que permeiam esse processo, jamais tiveram vontade de desistir dos seus alunos e sempre confiam que uma educação plantada em valores enriquece a vida educativa e também pessoal desses educandos.

Ademais, visto que, os professores dessa instituição não dispõem de formações contínuas sobre o tema, eles estão sempre envolvidos em adquirir experiências em cursos que eles mesmo vão em busca, deixando claro que precisam sempre atualizar suas práticas em busca da ressignificação docente afetiva.

CONCLUSÕES

Nessa parte da pesquisa apontaremos nossas devidas conclusões a respeito da afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente, tendo como foco principal para estudo as turmas de 6º ao 9º ano.

Após exaustivo estudo sobre as principais teorias que dão significado a essa temática, como também após levantamento dos dados através da pesquisa de campo, somos capazes de afirmar que os mesmos responderam satisfatoriamente aos objetivos propostos, bem como o problema que norteou esse estudo. Permitiu também para nós, investigadores, conhecer e compreender sobre a temática em profundidade e contribuir através de nossa pesquisa com trabalhos futuros que englobe essa questão que aqui abordamos.

No início de nossa pesquisa, para aprofundamento teórico, procuramos autores que estivessem o máximo possível ligados com a realidade em que vivem os professores e educandos da escola investigada. Visto que, era importante para nós, compreender de forma real a emoções e sentimentos de todos os envolvidos nessas turmas.

Assim, durante a construção do marco teórico foi possível conhecer opiniões distintas de autores renomados no campo da pedagogia afetiva e enriquecer nossos conhecimentos a ponto de entrar em campo com mais segurança e certeza do que queríamos investigar.

Para tanto, a pesquisa de campo nos possibilitou conhecer de perto as angústias, as crenças e as opiniões dos professores do 6º ao 9º ano que foram o foco principal de nossa investigação. Como bem descrito no capítulo da metodologia, a técnica utilizada na investigação foi a entrevista em profundidade e desde já afirmamos que a técnica utilizada foi capaz de responder satisfatoriamente aos requisitos desse estudo.

Diante do nosso aprofundamento teórico sobre o tema, afirmamos que a afetividade no campo educativo é uma proposta relativamente complexa, pois é algo que intervém nos sentimentos das pessoas e isso muitas vezes deixam as mesmas tímidas, envergonhadas, angustiadas e inseguras, ou seja, muitas pessoas não querem expressar seus sentimentos e emoções com outrem.

Embora isso seja uma conclusão nossa a respeito da abordagem teórica de distintos autores, nossas convicções estão elaboradas através das análises e interpretação dos

resultados obtidos por meio dos participantes e é isso que iremos nos deter para nossas devidas conclusões.

Um fator importante que podemos extrair dessa pesquisa é poder aqui relatar que o tema afetividade ainda é compreendido de forma errônea por alguns participantes. Para alguns docentes, ser afetivo é fazer o papel de mãe do aluno, abraçar, beijar, colocar no braço. Nesse caso, podemos concluir que a escola está tentando fazer o papel da família e sabemos que cada esfera tem suas particularidades e conseqüentemente suas obrigações.

Embora o conceito de afetividade não esteja bem compreendido entre os participantes, inteiramos aqui nossas conclusões que os mesmos demonstram interesse em exercer essa prática na sala de aula, acreditam nos seus benefícios e procuram ao máximo corresponder aos interesses dos seus alunos utilizando os meios da afetividade para esse propósito.

Concluimos também, que apesar dos desafios e dificuldades relacionados a indisciplina dos alunos, esses fatores não conseguem impedir que esses professores continuem lutando pela construção de relações humanizadas, visto que, são apontados por eles como facilitador no processo de ensino aprendizagem.

Logo, durante os momentos que estivemos juntos, professores e eu (investigadora), notamos a imensa insatisfação com as salas superlotadas e indisciplina (mal comportamento), fatores esses que por vezes desestimulavam os docentes a seguir acreditando nos benefícios de uma prática motivadora, eficiente, humanizadora e construtiva, pois é assim que definimos as práticas docentes afetivas.

Diante de todos os itens conclusivos apontados até agora podemos destacar mais um. Apesar da investigação ter sido realizada em uma única escola, estando os participantes lecionando em uma mesma instituição, encontramos opiniões muito distintas uma das outras, ou melhor, o que era insatisfação para um, não era para outro e assim sucessivamente. Nesse sentido, podemos compreender ainda mais profundamente sobre o tema afetividade, sendo algo que procede do interior dos seres humanos, estão entrelaçados por sentimentos, emoções que são vividas de forma diversificados pelos seres humanos.

Assim, em relação ao **objetivo 01** que consistiu em **identificar qual a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem** foi possível identificar através dos relatos dos professores a importância das práticas afetivas na construção de uma relação humanizada e também na construção da aprendizagem significativa. As constatações

referentes a esse objetivo nos mostraram que os professores correlacionam as práticas afetivas a aprendizagem.

De forma mais concisa, os professores estão sempre buscando a ressignificação de sua prática, e acreditam que quando a afetividade estar presente nas relações escolares tende a favorecer a aprendizagem em todos os sentidos, como também é uma prática que promove a motivação dos educandos.

As conclusões referentes ao **objetivo 02** que foi **conhecer os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo** constatamos que os docentes procuram ser afetivos com os educandos porque acreditam na facilidade que essa prática os possibilita. Através de suas respostas verificamos que a relação em sala de aula é satisfatória, tendo altos e baixos. Mas, relativamente satisfatória.

Um ponto a destacar, diz respeito às nossas conclusões em verificar que os valores humanos são extremamente valorizados nesse ambiente, valores como respeito, amizade, diálogo são algumas manifestações que destacamos para confirmar nossas conclusões.

Ainda referente ao segundo objetivo, vale a pena descrever que os educandos das turmas que foram investigadas também demonstram sentimentos positivos para com seus docentes, fortalecendo assim nossas constatações de que a afetividade encontram-se presentes nessas turmas.

Por conseguinte, a abordagem desse objetivo nos possibilitou compreender que é possível estabelecer uma metodologia de rigor e afetividade ao mesmo tempo, ou seja, é preciso estipular regras e medidas e assim mesmo ser afetivo para com o outro.

As constatações referentes ao **objetivo 03** dessa investigação que foi **descrever recursos afetivos que se utilizam nas interações em aula** concluímos vários fatores que engrandecem nosso estudo. Diante das dificuldades que estão sempre permeando o meio educativo, os recursos afetivos se fazem sempre presentes na sala de aula. Visto que, o diálogo é uma ferramenta de uso contínuo para resolver possíveis embates que acontecem diariamente. Através de um recurso tão simples é possível reestabelecer relações feridas por meios de palavras duras que são ouvidas ou faladas.

Outra certeza que temos nesse momento de conclusão, diz respeito a relação plantada na confiança e no respeito entre ambas as partes, pois assuntos pessoais são confiados aos docentes sem nenhuma preocupação. Estabelecidos pela vontade de melhorar suas práticas

e principalmente envolvê-las por sentimentos positivos, foi possível perceber, mesmo diante dos benefícios oferecidos por essas práticas que alguns alunos ainda confundem muito afetividade com bondade, o que por muitas vezes desestimula a docência a seguir nesse caminho.

Com relação ao **objetivo 04** que foi **identificar na sala de aula quais os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante** concluímos que existem vários itens apontados pelos docentes como impeditivos para concretização das práticas afetivas. Nessa questão foram apontadas mais questões impeditivas do que facilitadoras.

Uma questão muito abordada pelos docentes foi a falta da participação familiar na vida dos seus alunos. Um dos fatores externos mais relatados foi a ausência familiar na escola. Sem contar que o mal comportamento, mais uma vez é considerado como algo que impede a interação entre professor/aluno e não favorece de maneira alguma a relação afetiva entre os mesmos.

Conclui-se de maneira geral, que a ressignificação das práticas docentes está entrelaçada por diversos fatores que não dizem respeito apenas aos docentes. Muitos são os envolvidos nesse processo, e isso requer que cada um tome para si suas obrigações de fazer acontecer algo de melhor na sua vida e na vida do outro.

No final dessa conclusão queremos aqui relatar que os participantes desse estudo forneceram informações importantes que contribuíram para nosso entendimento e assim poderemos cooperar com estudos futuros.

Por sua vez, deixamos claro que as informações recolhidas foram suficientes para construção de nossas concepções e assim apontar nossas conclusões que serão úteis para novos estudos que surgirão apoiados por essa investigação.

SUGESTÕES

Tendo em vista os resultados alcançados com a realização da pesquisa e em virtude de se ter evidenciado algumas situações que ainda precisam ser repensadas pelos docentes que participaram desse estudo, recomenda-se para estudos futuros:

- ✓ A adesão de formações contínuas que englobe a afetividade como forma de enriquecer as relações entre professor/aluno na construção da aprendizagem significativa;
- ✓ Promover meios de resgatar a família no contexto educativo;
- ✓ Elucidar através de palestras na escola, a importância dos valores humanos para as relações pessoais e interpessoais;
- ✓ Adesão de recursos pedagógicos e tecnológicos para enriquecimento das aulas lúdicas e motivadoras;

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. B. (2005). *Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos*.
- Almeida, L. R., e Mahoney, A. A. (2007). *Afetividade e aprendizagem-Contribuições de Henri Wallon*. Edições Loyola.
- Alves, E. M. S. (2006). *Ludicidade e o Ensino de Matemática (a)*. Papirus Editora.
- Amaral, V. L. (2007). *Psicologia da educação*. Natal, RN: EDUFRRN, 2007. 208 p.: il.
- Boff, L. (2017). *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Editora Vozes Limitada.
- Brasil, C. N. S. (1996). Resolução no 196/96, de 10 de outubro de 1996. *Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília.
- Brasil, M. (1997). *SEF-Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*.
- Brasil. (1999). *Referenciais para formação de Professores*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.
- Bueno, M. C. (2011). *As Coisas que o Afeto Ensina*. Disponível em: <http://marcelocunhabueno.blogspot.com/2011/07/as-coisas-que-o-afeto-ensina.html>. Acesso em 17 jun. 2017.
- Campoy, T. (2016) *Metodología de la investigación científica*. Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este.
- Capelatto, I. R. (2012). *Educação com afetividade*. Educar.
- Cárdias, S. M. (2012). *O Diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas*.
- Carvalho, A. M. P. (2003). *Formação continuada de professores: uma releitura das áreas de conteúdo*. Cengage Learning Editores.
- Carvalho, R. (2017). *As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos*.

- Coll, C., Marchesi, Á., e Palacios, J. (2016). *Desenvolvimento Psicológico e Educação--Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais (Vol. 3)*. Penso Editora.
- Comin, M. T. S. (2010). *Problemas afetivos e de condutas em sala de aula*. Revista de educação do Ideau. Uruguai, 5(10), 04-06.
- Cortella, M. S. (2016). *Escola deve abandonar conceitos arcaicos*. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/dialogos/2016/08/582/mario-sergio-cortella-escola-deve-abandonar-conceitos-arcaicos/>
- Diretrizes, L. (1996). Bases da educação Nacional.
- Félix C. (2011). *A importância do diálogo*. Disponível em: <http://www.psicologia4u.com/a-importancia-do-dialogo-na-educacao/> acesso em 20 jun. 2017
- Ferreira, A. L.; Acioly-Régnier, N. M. (2010). *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*. Educar em Revista, (36).
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao trabalho de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.
- Freire, M., e Grossi, E. P. (1992). *Paixão de aprender*. Petrópolis: Vozes.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 25.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido* (1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Furoni, F. (2015). *Como lidar com mau comportamento em sala de aula*. <https://canaldoensino.com.br/blog/como-lidar-com-mau-comportamento-em-sala-de-aula> acesso em 27 jun. 2017.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- José, E. D. A., e Coelho, M. T. (1999). *Problemas de aprendizagem*. Ática.
- Kullok, M. G. B. (2000). *As Exigências da formação do professor na atualidade*. UFAL.
- Kullok, M. G. B. (2002). *Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica*. EDUFAL.

- Lakatos, E. M., e Marconi, M. D. A. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. In *Fundamentos da metodologia científica em educação*. São Paulo: Atlas.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo. Editora Cortês.
- Lima Ferreira, A., e Acioly-Régner, N. M. (2010). *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*. Educar em Revista, (36).
- Martins, V. (2005). *A prática de valores na escola*. Psicopedagogia On line.
- Mendes, O. C., e Ferreira, A. D. A Criança e a Importância do Lúdico na Educação. (2017). *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 2, Vol. 13. pp. 113-128 janeiro de 2017 ISSN:2448-0959.
- Menezes, R. D. C. (2016). *Práticas Lúdico Reflexivas Na Formação De Professores*. Clube de Autores.
- Minayo, S. M. C. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Morales, P. (2006). *Relação professor-aluno*. Edicoes Loyola. 6ª edição.
- Müller, L. D. S. (2002). *A interação professor-aluno no processo educativo*. Integração Ensino Pesquisa Extensão. 8(31), 276-80.
- Nacionais, I. A. P. C. (1998). *Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental.
- Perrenoud, P. (2003). *As competências a serviço da solidariedade*. Pátio: Revista Pedagógica, Porto Alegre (RS), 7(25), 19-24.
- Piaget, J., e Inhelder, B. (1993). *A psicologia da criança*. Lisboa: Edições Asa.
- Saltini, C. J. P. (1999). *Afetividade & inteligência*. DP & A.
- Santos, S, M. P. dos. (Org.). (1997). *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Sousa, R. P. D., Moita, F. D., e Carvalho, A. B. G. (2011). *Tecnologias digitais na educação*.
- Souza, I. S. (1970). *Psicologia: a aprendizagem e seus problemas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2ª Ed.

- Tardif, M. (2014). *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 14. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Tognetta, L. R. P. (2003). *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta construtiva*. Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo–FAPESP.
- Tough, P. (2013). *How children succeed*. Random House.
- Triviños, A. N.S. (2006). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo. Altas.
- Wallon, H. (1971). *As origens do caráter na criança*. Divisão europeia do livro. São Paulo.
- Wallon, H. (2007). *A Evolução Psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon H. / Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. (2010). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- Werebe, M. J. G., e Nadel-Brulfert, J. (1986). *Henri Wallon*.
- Werneck, H. (2002). *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. Vozes.
- White, E. G. H. (2007). *Conselhos aos professores pais e estudantes: relativos à educação Cristã*. Casa Publicadora Brasileira.

APÊNDICES

APÊNDICE Nº 01 – GUIA DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

ENTREVISTAS: Afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra - Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco- Brasil

Prezado professor

Solicito a participação nessa entrevista que é parte da pesquisa para a minha dissertação de mestrado.

O objetivo é analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa.

Sua participação é voluntária e muito importante. As respostas serão sigilosas. Agradeço, desde já, a sua contribuição.

Vanessa de Almeida Freire

Perfil do Professor:

Idade: _____

Formação: _____

Disciplina: _____

Tempo de magistério: _____

Turma que leciona: _____

1º Para você o que é afetividade?

2° Você acredita que a afetividade entre professor e aluno podem motivar o desenvolvimento da aprendizagem significativa? Justifique.

3° De acordo com sua visão, de que maneira a afetividade favorece a aprendizagem dos alunos?

4° Quais as dificuldades você considera que pode haver para aplicar uma metodologia afetiva em aula?

5° Como você se descreve em sala de aula em relação as suas atitudes afetivas?

6° Como é sua relação pessoal com os alunos?

7° É possível para o professor conciliar rigor com afetividade?

8º Qual a importância da afetividade para a construção de valores fundamentais para a prática docente?

9º No dia a dia escolar é possível identificar relação de afeto dos alunos para com você? Relate esses acontecimentos.

10º Descreva alguns pontos que demonstram atitudes de afetividade entre professor e aluno.

11º Como você vê o diálogo na relação entre professor e aluno?

12º Você crer que os alunos podem ver sinais de debilidade no docente que pratica esta metodologia afetiva? Como você soluciona?

13º Você acredita que a afetividade pode inibir a indisciplina e colaborar com o ensino aprendizagem? Por quê?

14º As formações continuadas podem contribuir no sentido de fortalecer os vínculos de afetividade entre professor e aluno? Justifique.

15° Quais as principais dificuldades que o professor encontra para adotar a postura e metodologia afetiva?

16° A indisciplina dos alunos dificulta a interação entre professor e aluno? Qual sua postura diante dessa situação?

17° Você acredita que algum fator externo pode contribuir ou dificultar a interação professor/aluno? Qual?

18° Você crer que está preparado para desenvolver esta metodologia em aula?

19° Você dispõe de formação continuada voltada para as práticas afetivas?

20° A escola possui projetos que abordem a importância das práticas pedagógicas afetivas? Descreva.

APÊNDICE Nº 02 – TERMO DE ESCLARECIMENTO SOBRE OS OBJETIVOS DA PESQUISA



**UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE ASSUNÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANÍSTICAS E DE COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERMO DE ESCLARECIMENTO**

Honrosamente venho convidá-lo a participar da pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação que será apresentada a Universidad Autónoma de Asunción/PY intitulada: AFETIVIDADE NA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA: RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NAS TURMAS DE 6º AO 9º ANO NA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL EURICO GASPAR DUTRA - JABOATÃO DOS GUARARAPES - PERNAMBUCO- BRASIL.

As práticas pedagógicas têm sido muito abordadas atualmente nas formações contínuas em que muitas vezes é colocado em questão a eficiência das práticas afetivas como base para a aprendizagem significativa dos educandos, por isso de antemão queremos informar que sua participação é muito importante para um melhor entendimento sobre essa questão. O objetivo da pesquisa é analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa.

Desde já, podemos afirmar que não haverá riscos para o participante, sua participação será mantida no mais absoluto sigilo e garantido o anonimato, pois a análise dos dados não terá caráter avaliativo individual ou institucional.

Responsável pela pesquisa: Vanessa Freire

Essa pesquisa foi realizada com recursos próprios e não haverá despesas por parte dos participantes.

APÊNDICE: 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE



**UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE ASSUNÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANÍSTICAS E DE COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, declaro que li/ouvi e compreendi os objetivos estabelecidos pela pesquisa. Entendo que minha participação poderá contribuir com a temática que diz respeito a ressignificação da prática pedagógica afetiva. A pesquisadora deixou claro os benefícios proporcionados por esse estudo e que será preservado meu anonimato, além disso estou consciente que estarei isenta de qualquer risco. Dessa forma concordo em participar.

Professor participante do estudo

Pesquisadora

ANEXOS

ANEXO Nº 01: FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

MESTRANDA: VANESSA DE ALMEIDA FREIRE

ORIENTADOR: LUÍS ORTIZ JIMÉNEZ

Prezado (a) Professor (a), Doutor (a)

Este formulário está diretamente relacionado a 1ª fase de validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados em minha pesquisa de campo de Maestría em ciencias de la educación pela Universidad Autónoma de Asunción – UAA, cuja temática em questão é: **Afetividade na interação em sala de aula: ressignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano da Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra - Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco- Brasil. O objetivo geral** da pesquisa é analisar as interações mediadas pela afetividade na prática docente que encaminham uma aprendizagem significativa. **Os objetivos específicos são:** 1. Identificar qual a percepção docente sobre a afetividade na aprendizagem; 2. Conhecer os tipos de manifestações afetivas que ocorrem no contexto educativo; 3. Descrever recursos afetivos que emergem nas interações em aula; 4. Identificar na sala de aula quais os fatores impeditivos e facilitadores na relação professor e estudante.

Assim, intencioso em abordar os objetivos dessa pesquisa solicitamos sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da **clareza na construção** dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, esteja à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o verso desta folha.

As colunas com **“COERÊNCIA” E “CLAREZA”** devem ser assinaladas com **UMA PONTUAÇÃO ENTRE 1 E 5**. Sem mais para o momento antecipadamente agradecemos sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

ENTREVISTA COM PROFESSORES

ENTREVISTA COM PROFESSORES	COERÊNCIA	CLAREZA
	1-5	1-5
1º Para você o que é afetividade?		
2º Você acredita que a afetividade entre professor e aluno podem motivar o desenvolvimento da aprendizagem significativa? Justifique.		
3º De acordo com sua visão, de que maneira a afetividade favorece a aprendizagem dos alunos?		
4º Quais as dificuldades você considera que pode haver para aplicar uma metodologia afetiva em aula?		
5º Como você se descreve em sala de aula em relação as suas atitudes afetivas?		
6º Como é sua relação pessoal com os alunos?		
7º É possível para o professor conciliar rigor com afetividade?		
8º Qual a importância da afetividade para a construção de valores fundamentais para a prática docente?		
9º No dia a dia escolar é possível identificar relação de afeto dos alunos para com você? Relate esses acontecimentos.		
10º Descreva alguns pontos que demonstram atitudes de afetividade entre professor e aluno.		
11º Como você vê o diálogo na relação entre professor e aluno?		
12º Você crer que os alunos podem ver sinais de debilidade no docente que pratica esta metodologia afetiva? Como você soluciona?		
13º Você acredita que a afetividade pode inibir a indisciplina e colaborar com o ensino aprendizagem? Por quê?		
14º As formações continuadas podem contribuir no sentido de fortalecer os vínculos de afetividade entre professor e aluno? Justifique.		
15º Quais as principais dificuldades que o professor encontra para adotar a postura e metodologia afetiva?		
16º A indisciplina dos alunos dificulta a interação entre professor e aluno? Qual sua postura diante dessa situação?		
17º Você acredita que algum fator externo pode contribuir ou dificultar a interação professor/aluno? Qual?		
18º Você crer que está preparado para desenvolver esta metodologia em aula?		

19° Você dispõe de formação continuada voltada para as práticas afetivas?		
20° A escola possui projetos que abordem a importância das práticas pedagógicas afetivas? Descreva.		

DADOS DO AVALIADOR:**Nome completo:**

Formação Dr:

Instituição de Ensino:

Assinatura do Avaliador:
